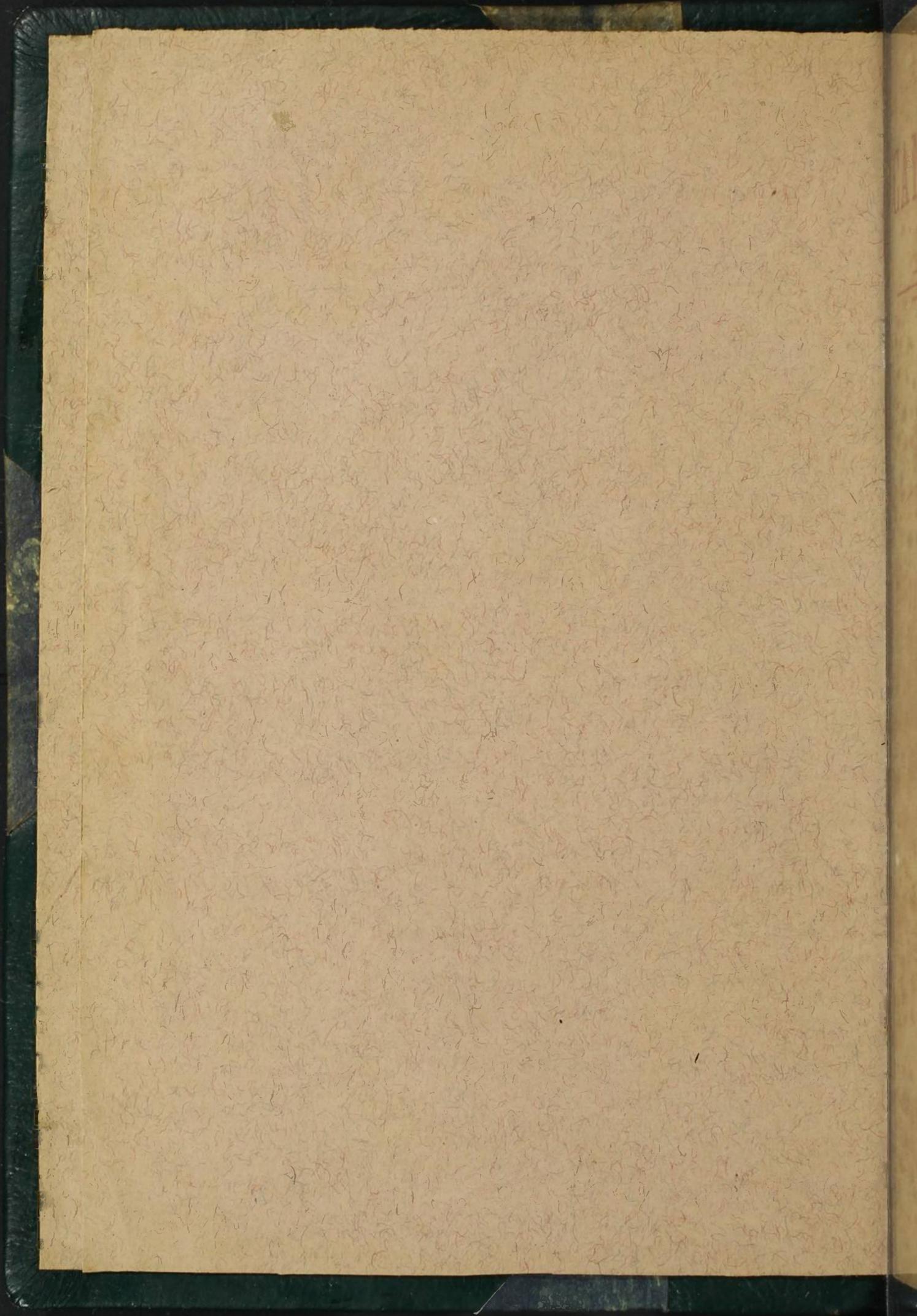


Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



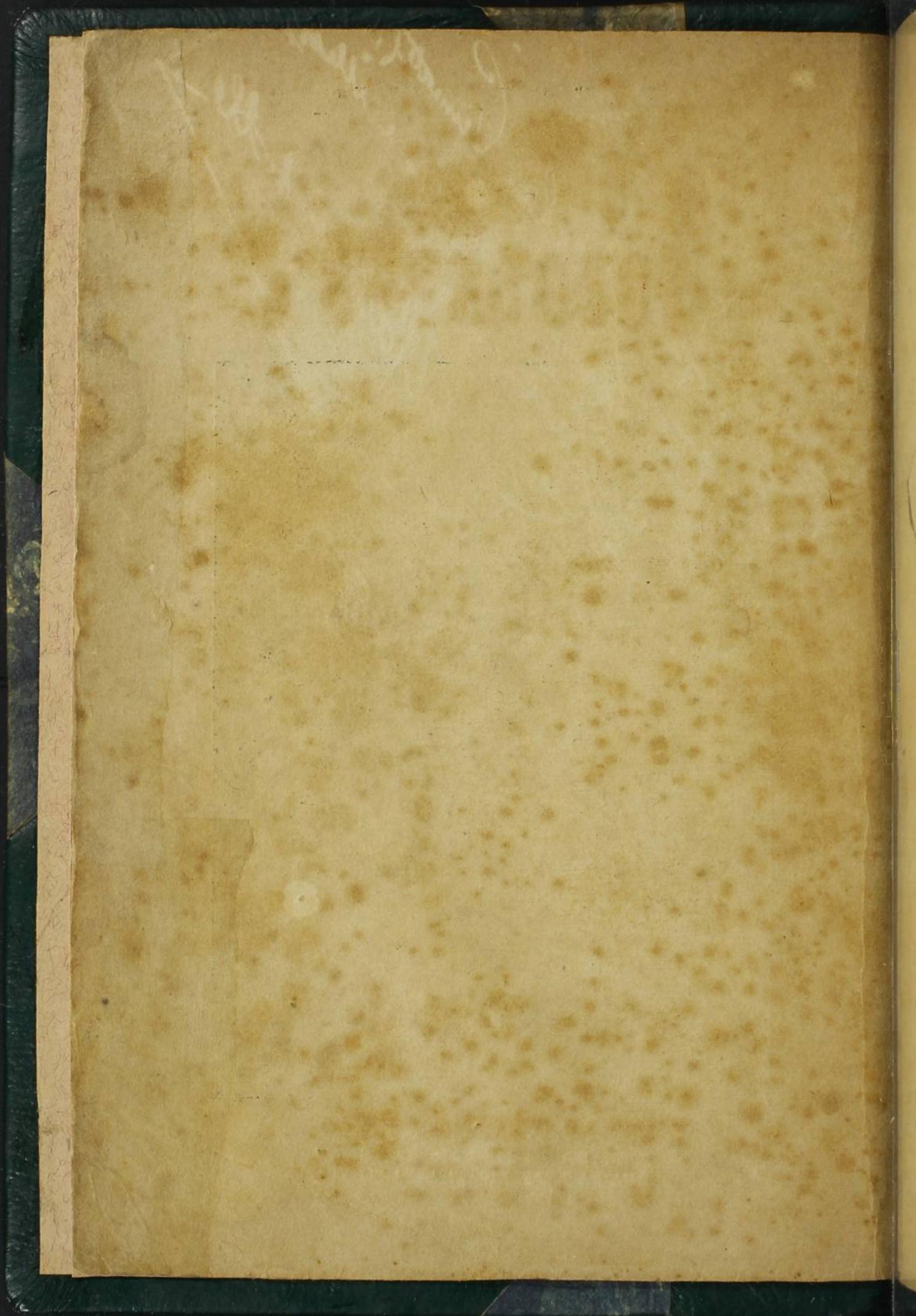
F. CHAGAS BAPTISTA

CANTADORES E POETAS
— POPULARES —



Editor F. C. BAPTISTA IRMÃO
TYP. DA "POPULAR EDITORA"
RUA DA REPUBLICA, 584—PARAHYBA

— 1 9 2 9 —

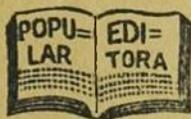


Contenido de Poetas Populares

F. Chagas Baptista

Cantadores e

Poetas Populares



..... EDITOR

F. C. Baptista Irmão

Typographia da «POPULAR EDITORA»

Rua da Republica, 584—Parahyba-1929

Do mesmo autor:

Poesias Escolhidas

Historia de Antonio Silvino

Historia de Lampeão

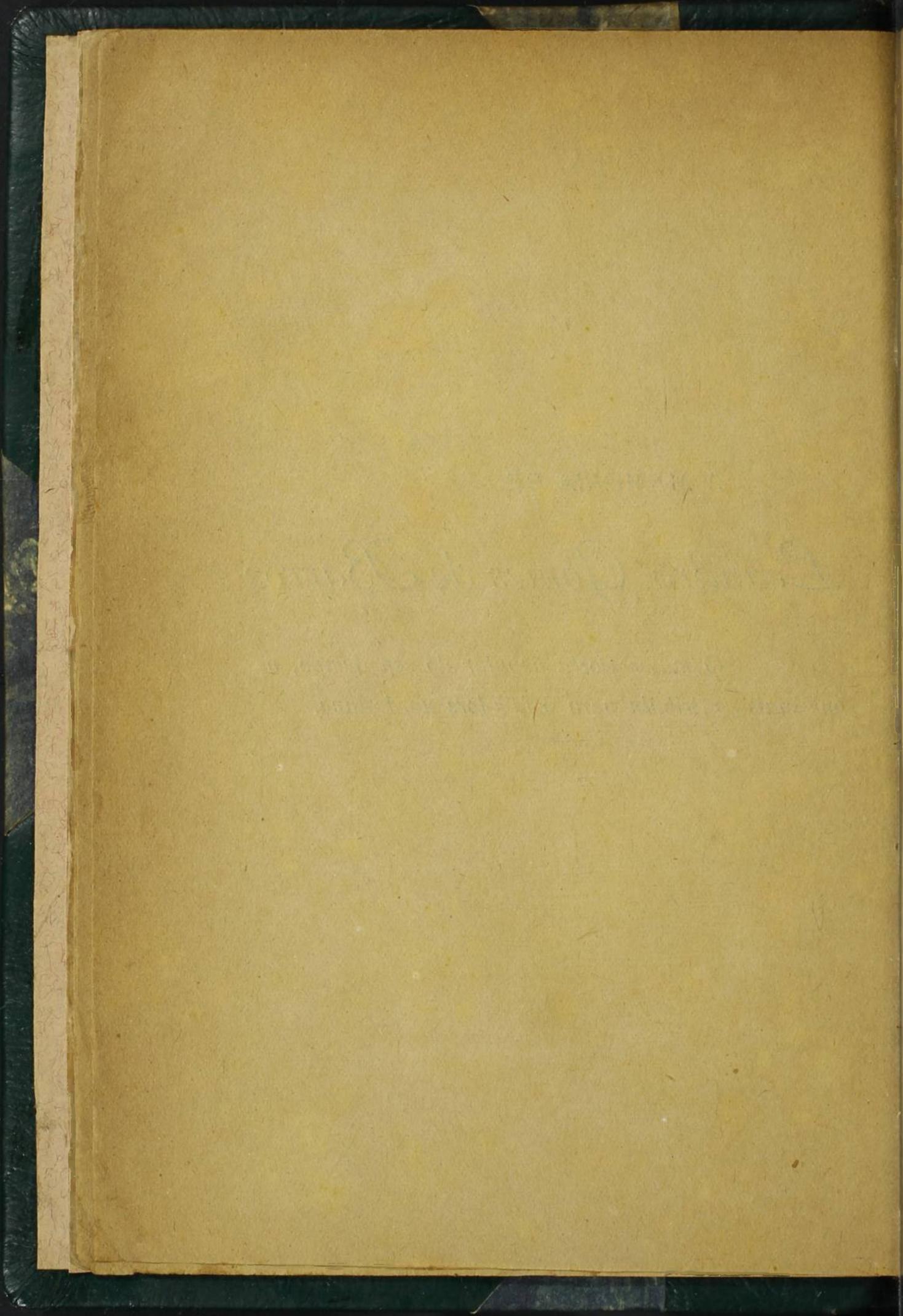
Historia de Esmeraldina

As Graças de um desgraçado

Á MEMORIA DE

Leandro Gomes de Barros

*O maior Poeta popular do seu tempo, o
que mais contribuiu para o folk-lore nordestano.*



F
te-se por
tanto com
- lomen
cipio est
sustent
es nome
jull-ler
invent
ta regu
do triq
poesia
es imp
testam
mas p
culo un
fir das
de um
fugido
instru

Palavras sinceras

Baptista :

Este livro não precisa de prefacio. Apresenta-se por si e por si mesmo se recommenda. Entretanto cumpro o dever de salientar o seu esforço, — homenagem piedosa e justa aos nossos cantadores, cujo estro tem sido ultimamente, não só explorado á sustancia, como calumniado, adulterado a valer. Até os nomes lhes transformam! ... Os livros dedicados ao folk-lore nordestino, em maioria, são de escriptores que inventam folk-lore tambem. Os que se afastam desta regra não se apegam ao afan de separar o joio do trigo, ou de espantar as gralhas que infestam a poesia sertaneja. Felizmente esta publicação tem sobre as congeneres a vantagem de ser documentada com testemunho idoneo, de ser material colhido, cirandado nas proprias fontes. Demais, as notas biographicas de cada um destes trovadores humildes, esclarecem o sentir dos seus cantores, destacam a indole e aspiração de um povo que por mais de tres seculos, alem do flagello das seccas, soffre escassez quasi absoluta de instrucção e justiça. Salvo melhor criterio e melhor co-

nhecimento, estimo o seu livro, meu caro e operoso Baptista, original em todo Brasil; lastimo unicamente que não tenha alcançado os nomes dos que primeiro cantaram ao pé da viola nos afastados tempos da colonisação do nordeste. Não ha duvida de que todo material é de bom quilate mas a gente se enthusiasma, vendo como se batem com maestria e superioridade o estro de Romano Caluête com o de Ignacio da Catingueira, o de Manoel Cabeceiras com o de Manoel Caetano. Os desafios destes parecem lutas de cyclopes: tem a resonancia typica das bigornas accionadas! Mas, meu amigo, sabe você, e sabem todos que se dedicam ao assumpto, o cantador alem do verso proprio, da poesia propria, cria tambem musica propria: uma completa a outra. Assim, quando apparecerá quem recolha tambem essas melodias sertanejas, ás vezes dolentes como um soluço, ás vezes ternas como um arrulho, ás vezes alegres como uma restea de sol? Quando completarão nosso folk-lore, juntando a palavra rithmada ao som musical? Quando se publicarão esses motivos de que se vão indebitamente se appropriando os maestros das cidades colhendo, elles sós, resultados mais do que satisfactorios? A poesia nacional não deve esquecer a musica nacional.

Emfim, Baptista, já falei de mais e termino repetindo o que disse ao começar:—este livro não precisa de prefacio.

Do conterraneo e admirador.

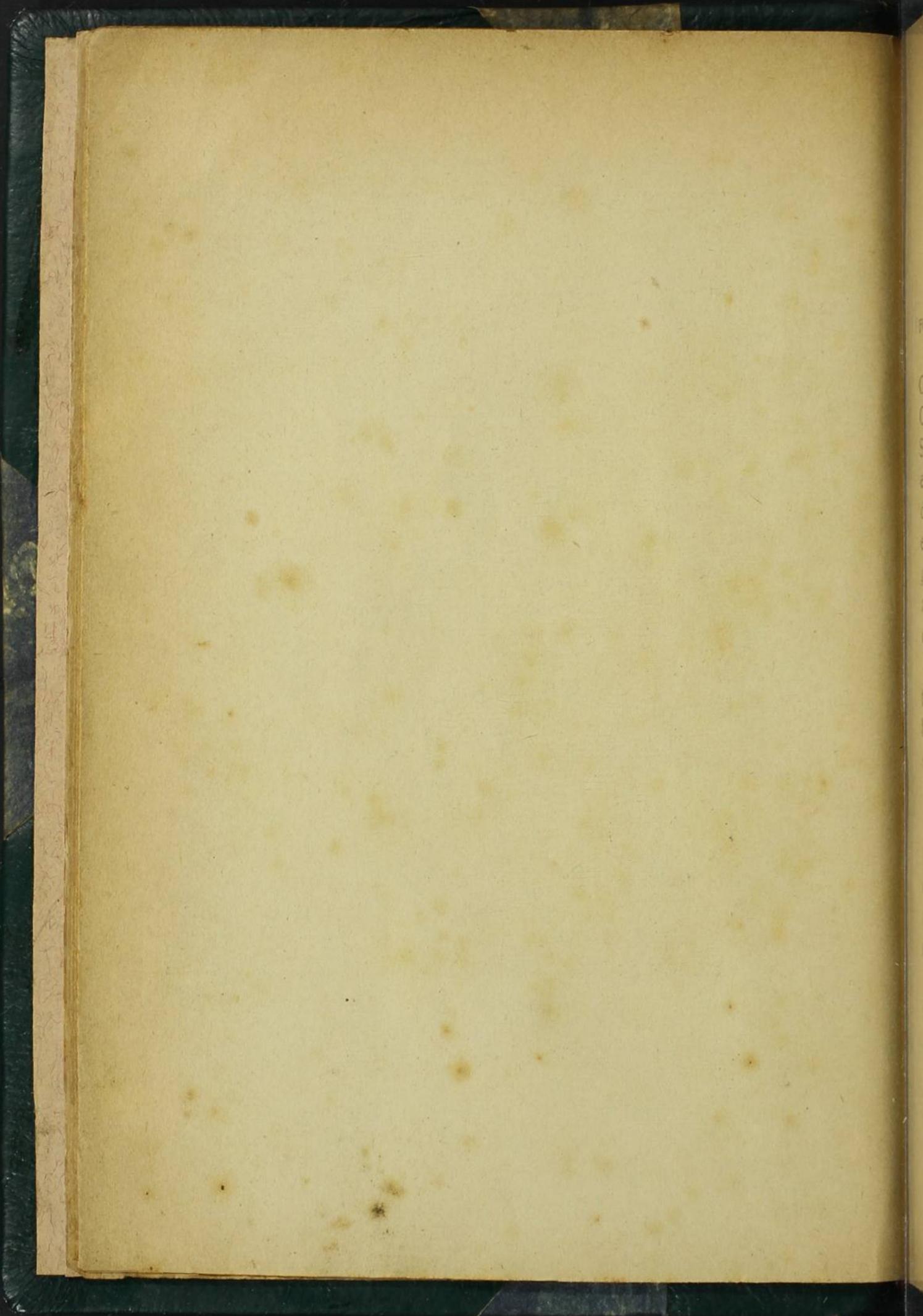
Coriolano de Medeiros

Praia do Poço, Dezembro de 1928.



F. das Chagas Baptista

CONFECCIONADOR DESTE LIVRO



Cantadores e Poetas Populares

Da leitura de valiosos estudos sobre o nosso FOLK-LORE, me veio a idéa de publicar este livro.

Notando que os illustres escriptores Drs. Gustavo Barroso, Leonardo Motta e Rodrigues de Carvalho, deixaram de incluir nos seus livros: "Ao Som da Viola", "Cantadorés", "Violeiros do Norte" e "Cancioneiro do Norte", a maior e melhor parte dos versos dos poétas populares do nordeste, vivos e já fallecidos, venho reunil-os nesta *Anthologia Regional*, no intuito de prestar uma justa homenagem a poétas obscuros e desconhecidos dos nossos estudiosos historiadores nordestinos.

Tendo conhecido e convivido com quasi todos os cantadores dos Sertões e Brejos da Paraíba, colhi nas proprias fontes a maior copia das poesias que compõem este volume.

A maior parte dos originaes recebi-os mesmo das mãos dos proprios auctores, meus contemporaneos. Os mais antigos, porem, colhi nos alfarrabios de velhos amadores do verso popular, contemporaneos dos nossos antigos cantadores e que viveram nos sertões na segunda metade do século XIX.

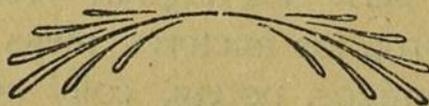
Faltando-me o devido tempo, e sendo pouco familiarizado com as modernas correntes litterarias e ainda por falta de espaço no presente livro, deixo de fazer um ligeiro estudo do nosso vasto FOLK-LORE.

Publico as poesias como as encontrei nas mãos dos seus auctores, deixando que outros as estudem e critiquem dando a cada um desses versos a sua classificação folk-lorica.

Em breves traços, porem, sem analysar as suas bellas producções poéticas, darei simples noticias biographicas de cada um cantador.

Amanhã, quem quizer estudar a psychologia desses poetas incultos, encontrará seguros informes para o desenvolvimento de sua obra, nas simples notas que aqui ficam impressas, que, se não têm nenhum valor litterario pelo menos, exprimem a verdade dos factos.

Francisco das Chagas Baptista



AGOSTINHO NUNES DA COSTA

(1797 a 1858)

Filho de Agostinho, também Nunes da Costa; nasceu na Ribeira do Sabugy, tendo sido um dos primeiros povoadores da Serra do Teixeira, onde serviu de tronco ás famílias que povoaram Riacho Verde.

Foi pae de Guilherme, um espirito lucido e combatente que se firmou na antiga chronica teixeirense, e dos poetas Nicandro e Ugolino.

Caracter rijo e de velha tempera.

A decima seguinte de sua auctoria, comprova o gráu de sua independencia.

Esses versos foram improvisados. em represalia a uma censura que alguém lhe fizera.

MOTTE

Quem quizer fallar de mim
Cante e grite pela rua,
Que eu como é na minha casa;
Cada qual coma na sua.

DECIMA

Nasci livre, Deus louvado,
E até sem medo fui feito
Porque meu pae, com effeito,

Com minha mãe foi casado;
Tambem nunca fui pisado,
Como terra ou capim,
E se alguém pensar assim
É engano verdadeiro;
Olhe para si primeiro,
Quem quizer fallar de mim.

Mas, falle lá quem fallar,
Que eu não morro de carêta,
Para mim tudo isso é pêta,
Só Deus me póde matar;
Quem de mim se desgostar
Que me feche a porta sua;
Eu bem sei que quem me injúa
É com raiva ou com inveja,
Mas como isso não me aleja
Cante e grite pela rua.

Deus me deu tal natureza
Que bem pouca gente tem:
Não invejo de ninguém
Seu braço, sua riqueza!
Pois dos outros a grandeza
Não me abate, nem me abrasa...
É pequena a minha aza
Que mal chega para mim,
Mas, se é bom ou se é ruim,
Eu como é na minha casa.

Que importa a Pedro ou a Paulo,
Seja rico ou seja nobre,
Que eu vivendo como pobre
Ande a pé ou a cavallo?
A mim não me dá abalo
Toda grandeza da lua!
Cante e grite pela rua
Quem em paixão se abraza;
Que eu como é na minha casa
Cada qual coma na sua.

Ao Leitor

A deficiência de um bom revisor occasionou neste Livro alguns erros de revisão, falta que, o leitor intelligente saberá relevar.

E R R A T A

Na pagina 41, as duas ultimas linhas da 2.^a estrophe devem ser lidas assim:

*Portanto, não admires
Sertanejo no sertão.*

Nas duas ultimas linhas da pagina 57, leia-se:
Pelejas de Romano com Ignacio da Catingueira e
de Romano com Manoel Carneiro

Na pagina 143 linha 12, leia-se: aos outros cantadores.

Com minha mãe foi casado;
Tambem nunca fui pisado,
Como terra ou capim,
E se alguém pensar assim
É engano verdadeiro;
Olhe para si primeiro,
Quem quizer fallar de mim.

Mas, falle lá quem fallar,
Que eu não morro de carêta,
Para mim tudo isso é pêta,
Só Deus me nóde matar.

Que importa a Pedro ou a Paulo,
Seja rico ou seja nobre,
Que eu vivendo como pobre
Ande a pé ou a cavallo?
A mim não me dá abalo
Toda grandeza da lua!
Cante e grite pela rua
Quem em paixão se abraza;
Que eu como é na 'minha casa
Cada qual coma na sua.



NICANDRO NUNES DA COSTA

(1829 a 1918)

Nicandro, filho de Agostinho Nunes da Costa e Anna C. das Dores, era poeta glosador, improvisando com facilidade e muita rapidez. Fazia, em meia hora de improviso, longas poesias tão bellas e tão perfectas, que os nossos trovadores de hoje não as farão em um dia ou mesmo numa semana de estudos!...

Nicandro, foi o principe dos poetas populares do seu tempo; todos o admiravam e ninguem se aventurava ao desafiar na glosa, porque tinha a certeza de ser vencido; o unico que o enfrentava era Bernardo Nogueira, mas sempre tratando-o por mestre. E' que Nicandro sendo mais letrado e tendo seguros conhecimentos de Mythologia e Historia Sagrada, sabia bem applicar esses conhecimentos na sua poetica. Era, agricultor e ferreiro, homem honrado e pacato. Um dia, avisaram-lhe de que estava sendo processado, na Comarca de S. João do Cariry, como mandante na tomada do preso Manoel Queiroz, da cadeia local.

Sem cumplicidade nesse facto e sem o dinheiro que move a justiça, resolveu fazer em versos a sua propria defesa. O juiz, lendo os versos que Nicandro lhe enviára autoádos como razões, de sua defesa, pondo por terra a accusação, achou nos mesmos forte cunho de sinceridade e impronunciou o poeta.

Eis a defesa de Nicandro:

DEUS APRESENTE A VERDADE

Quem tem compaixão de nós,
Nas terriveis afflições?

Quem os nossos corações
Vê e escuta senão Vós?
Sabeis que eu não fui atroz
Oh! Suprema Divindade!
Já que sois Juiz de Bondade,
Minha causa vos entrego;
A quem julgar como cego;
«Deus apresente a verdade».

Não queiras, homem negar
A verdade a Deus aceita.
Nem te vae bem a suspeita
Por verdade acreditar.
Nada se pode afirmar,
Sem ter a realidade;
Portanto, ó Deus de Bondade,
Não queiraes na terra ver
Eu ir pagar sem dever;
«Deus apresente a verdade».

A VÓS nada é obscuro,
Tudo vêdes, claramente:
Se a Vós é claro o presente,
Mais claro inda é o futuro!
Não vive o homem seguro
Da calúnia e falsidade...
De mim, por humanidade,
Tende dó, ó Bom Jesus.
Aonde ha falta de luz,
«Deus apresente a verdade»

Padre Eterno—Deus clemente—
Em pessoas trez distinctas,
Justo és, Senhor; não *consintas*
Eu ir pagar innocente,
Um fóco claro e luzente,
Lá da Vossa magestade,
Enviae, por piedade:
Vêde quanto o genero humano
Está sujeito ao engano!
«Deus apresente a verdade».

Deu, Thomé ao morto vida:
O qual diz publicamente
Que Thomé éra innocente
E qual foi o homicida:
O mesmo Santo decida
Desse acto á realidade;
Se ha falta de claridade
Nalguns factos duvidosos,
Como esses enganosos;
«Deus apresente a verdade».

Se eu paguei, se eu fiz ensaio,
Se eu soube ou fui avisado
Que esse homem éra tomado,
Cáia sobre mim um raio!
De aqui não fujo e nem saio,
Deus me vê em toda parte;
Venenoso bacamarte
Se despare e me espedace,

Uma Espada me traspasse,
Se nisso eu tomei parte!

Versos de Nicandro sobre a Escripura Sagrada

«Deus quando o mundo formou»

Tendo as aguas ao mandado
Do Eterno, obedecido,
Esse elemento crescido,
Procurou seu agregado;
Ficou o campo enlameado,
Bicho alli inda não pisou,
Depois que a terra enxugou,
Seu autor tirou um bolão,
Bafejou-o e fez Adão,
«Deus quando o mundo formou».

Formando primeiro Adão
Tirou-lhe a mulher dum lado;
O nome de Eva foi dado
A' mãe de toda geração;
Inda não havia ambição,
Deus aos dois abençoou,
No Paraizo os deixou;
Inferno inda não havia,
Lusbel no céu residia,
«Deus quando o mundo formou».

«Deus provou maior encanto,
Quando o mundo quiz formar :
Convidou para o ajudar
O Filho e o Espirito Santo ;
Deu a Adão um bello manto,
Que muitos annos durou ;
Só o perdeu quando peccou,
Comendo o fructo vedado ;
Não havia inda peccado,
«Deus quando o mundo formou».

Para abater o inferno,
Deus uma virgem enviou ;
E de graças a ornou
Com seu poder sempiterno,
Ordenou o Pae Eterno,
Lá de sua jerarchia:
Que Izabel nascer devia,
Aos cinco de Novembro ;
E a oito de Dezembro
A conceição de Maria.

Tremulo a cabeça inclino,
Tocando-me ao coração,
A grande revelação
Do sabio oraculo divino ;
De accordo com o “vaticino,”
Foi ella enriquecida
De dons, antes de nascida,
Para ser de S. José,

Esposa, e templo de fé,
Foi Maria concebida.

Da serpente invejosa,
Que a Eva enganou,
Maria Virgem pisou
Na cabeça venenosa ;
Desejou morder, raivosa
Essa serpente infernal
A' rainha Universal
Que virgem e pura pariu
E virgem ao céu subiu,
Sem peccado original.

Deu luz ao Auctor da vida,
Para uma mãe, que ventura !
Virgem santa, casta e pura,
Foi Maria concebida :
Da graça de Deus ungida,
O tormento corporal,
No seu ventre maternal,
Não sentiu quando encarnou
Sendo mãe virgem ficou,
Sem peccado original.

Não se salvava Moysés,
Nem Tobias, nem Jacob,
Nem José do Egypto e Job,
Simão, Jonas, Manacés,
Nem David, nem Afarés,
Nem o pae velho Abrahão,

Nem Isaac nem Aarão,
Quantos tivessem vivido,
Se não tivesse nascido
A Virgem da Conceição.

Appareceu uma luz,
Cobriu-se de raiva Herodes...
Entrar no Céu tú não podes
Sem auxilio de Jesus.
Elle o remedio conduz
Para todo o peccador
Que constricto aos seus pés for
O remedio procurar;
Para este mundo salvar
Foi nascido o redemptor.

Viu Eva enganando Adão,
Viu o fructo prohibido
Ser por Eva e Adão comido,
E se offerece em redempção;
Viu do povo a ingratição,
Viu da plebe a tyrannia,
De Pilatos a ousadia,
Pedro trez vezes negar,
Viu Judas o entregar,
Jesus, filho de Maria.

O mundo em trevas vivia,
Veio nos trazer a luz,
O adoravel Jesus,
Filho da Virgem Maria,

Trouxe paz, trouxe alegria,
A quem estava na incerteza,
Jesus de sua nobreza,
Desceu para nos remir,
E as portas do Céu abrir ;
Bom Jesus, pae da pobreza !

A ultima peleja de Nicandro com Nogueira

Nicandro—Eu sahi da minha casa
Fui visitar o Nogueira
Me disseram qu'elle s'tava,
Na sua hora derradeira
Foi certo, pois o achei
C'o a vela na cabeceira.

—Meu collega, estás doente
Pois eu vim te visitar,
Se teu mal fôr muito grave
Não o posso remediar,
Porem, amigo sincéro
Eu venho te consolar.

Nogueira—Collega Nicandro, adeus
Eu fico muito obrigado
Em te abalares a vir
Visitar o teu creado.
E' chegada a minha hora,
Porem estou consolado.

Nic.—Nogueira qual o teu mal
Eu quero muito saber,
Se não te trago remedio
Mas desejo o conhecer,
Quem não tem pena do proximo
Não se lembra de morrer.

Nog.—E' muito grande o meu mal:
Eu me acho esmorecido,
Parece que o meu corpo
Por dentro é todo moido,
Doe-me a cabeça e o rosto,
Pés, mãos, olhos e ouvido.

Nic.—Quem era como Nogueira
Que quando elle falava
O povo todo em silencio
Admirado ficava:
Qual o ronco do trovão
A sua voz echoava!

Nog.—Meu collega, o homem são
Não é igual ao doente,
Fala o doente sem força,
O são arrogadamente,
Vive o doente gemendo
E o são vive contente.

Nic.—Isto é certo, meu collega,
Chegou afinal teu dia,
Porem ainda tens vivo

O estro da poesia,
Conheces o paganismo !
E entendes mythologia !

Nog. Da vida, a doença tira
Todo o gozo e prazer,
Mas com o poeta fica
Arte de versos fazer
O estro da poesia
Com elle ha de morrer.

Nic.—Baccho tambem era Deus
Vulcano, Apollo, Neptuno,
Saturno, Marte, Plutão,
Venus, Minerva e Juno,
Haver tanto Deus na fabula,
Isso é o que eu «repuno.»

Nog.—Ora isso não é nada;
Houve mais Jupter e Rhéa
Que teve o filho alimentado
Pelo leite d'Amalthéa;
O sol éra o Deus Phebo
A quem adorou Neméa.

Nic.—Minos, Rhadamanto e Acho,
Cada um juiz superno
Segundo a idolatria
E seu fabuloso inferno;
Não tinham veneração
Ao supremo Deus Eterno.

Nog.—Bucolion desposou
As nymphas e as Naiades.
E nos bosques habitava
Diana com as Driades,
E muitas honras tiveram
Os heróes Abatiades.

Nic.—Neptuno era Deus dos mares
E dos infernos Plutão,
Vulcano côxo da perna
Forjava raio e grilhão,
Com o pomo da discordia
Minerva fez confusão.

Nog.—Meu collega eu sou christão
Tive a agua do baptismo,
Tenho fé que essa agua
Me livrará do abysmo,
Não sigo a lei de Luthéro
Nem tambem a do atheismo.

Nic.—Eu sei que tu és christão
E segues a lei catholica,
Segues a Santa Doutrina
Da nossa crença apostolica,
Foges do mahometismo
E da crença diabolica.

Nog. No tempo que eu podia
Sempre busquei confissão,
Mas logo vi-me em *trabalho*

E fugi de reunião,
Tenho medo de cahir
Dentro de uma prisão.

Nic.—Tenho fé, meu bom collega,
Que Deus, senhor de bondade,
Conhece mais do que nós,
Da sorte a diversidade,
Elle te dará perdão
Na suprema Eternidade.

Acho bôa esta doutrina,
—E' lição de nossos paes,
O homem que é christão,
E crê em Christo, assim faz,
Seguindo este caminho,
De errar, ninguem é capaz.

Nog.—Só não ia em toda igreja
Temendo uma traição,
Porque se fosse cercado
Não me entregava a prisão,
Desobedecia á força
E tambem ao capitão...

Nic.—Não estás errado, Nogueira,
No teu modo de pensar;
Preso, nem p'ra comer doce,
—Quem quiser vá esp'rimentar,
Se o dôce fôr de assucar
Na bocca ha de amargar,

Nog.—Ja bebi desse xarope
Quando cahi na prisão;
Boi solto se lambe todo,
Preso, de algema e grilhão,
Não bebe ás vezes que quer
Nem sempre encontra ração.

Nic.—De perigos e *trabalhos*
O homem deve fugir,
Fecham-se as portas da paz,
Vê as do carcere se abrir
E o tronco já aberto
O grilhão pesado tenir.

Nog.—Se é casado não se deita
Em os braços da consorte,
Não gosa mais seu agrado,
Terrível é sua sorte
Entre a forca e a guilhotina
Deus lhe dê uma bôa morte.

Nic.—Nogueira, uma bôa morte,
Vinda pelo Creador,
Havendo arrependimento
Em falta do confessor,
Morre alegre o moribundo
Consolado com a dôr.

Nog.—O meu mal provem da lucta
Que eu tive com o vicente:
Que raptou minha parenta

E ficou ali contente ;
Pensando que eu tinha medo
Porque elle era valente.

“Aonde elle, stava eu fui
Buscar a depositada,
Disse-me o dono da casa :
Não lh'a entrego nem por nada,
Só depois de muita luta,
Tiro, talho e cutilada.

“Nisto saltou o Vicente
E o noivo seu irmão ;
Eu só com elle lutei
E os outros com o João,
Quando a lucta se acabou
O noivo estava no chão.

“Eu só, lutei com o Vicente
Fóra dos meus camaradas,
Vicente com uma faca
Deu em mim duas furadas,
Eu com meu espadagão
Lhe dei muitas cutiladas.

“Nisto eu ouvi dizer :
Matamos o valentão !
O Vicente bem ferido
Ficou estirado no chão,
Levamos a moça em paz
Feita estava a obrigação.

“O Vicente no barulho,
Duas facadas me deu,
O que pude fazer fiz,
Porem nada me valeu,
Custaram muito a sarar
E é dellas que morro eu.

“Os 12 apóstolos de Christo
Me toquem no coração,
Os sofrimentos da Virgem
Maria da Conceição,
No desamparo em que estou
Me ouçam em confissão.

“Salvaram-se Magdalena,
E Dimas o bom ladrão :
Foi concedido ao Longuinho
A sua vista e perdão ;
O anjo de minha guarda
Me ouça de confissão.

“Meu Jesus, meu Redemptor
Me dê firme contrição,
E o sangue que cahiu
Da Cruz, ensopando o chão
Perante as tres potencias
Me ouçam de confissão.

“Quero a imagem do senhor
Meu Jesus cruxificado,
Porque na hora da morte

Quero tel-o a meu lado
Para pedir-lhe perdão
De tudo quanto é peccado”.

.....
Nic.—E alli fechou os olhos,
Abriu a bocca e expirou,
Entregou sua alma a Deus,
Na terra o corpo deixou.
Deus o fez sahir da terra
E em terra elle se tornou.

“Nicandro com o Nogueira
Eram mesmo que irmão,
O parentesco que tinham
Era o de Eva e Adão;
Como Castor e Polux
Viviam em reunião.

“Adeus, adeus, Pagehú
Meu extremado sertão,
Nunca mais verás Nogueira
Glozar em uma funcção,
Nem tambem verás Nicandro
Glozar com o copo na mão.

“Padre Nosso Ave Maria
Reze todo o fiel christão,
Pela alma de Bernardo
Que morreu sem confissão,
E offereça-os a Deus
P’ra dar-lhe a santa mansão.

M O T T E

*“Acabou-se a poesia
Porque morreu o Nogueira.”*

G L O S A

Meu extro em melancolia
Para o tumulto navega
Porque morreu meu collega
Acabou-se a poesia
Minha alma sem alegria
Vê em S. José e Teixeira,
Afogados de Ingazeira,
O sertanejo e o matuto
Todos cobertos de luto
Porque morreu o Nogueira.

TUDO SÃO HONRAS DA CASA

Achavam-se na cidade de Patos, á glosar, os cantadores Germano da Lagôa, Silvino Pirauá e seu irmão José Martins.

Glosavam entre si, quando um dos circunstantes lembrou-lhes glosar sob o thema seguinte: «Tudo São Honras da Casa».

Estando com um copo na mão, José Martins improvisou:

Da casa viva a «furquia»,
Portas, batentes, frechaes
E as criações naturaes

Que a dona da casa cria ;
Lençol, toalha, «rodia,»
Vazilha funda e raza,
Fogão, lenha, cinza e braza,
Linha, tijollo e parede,
Cama, travesseiro e rede,
«Tudo são honras da casa.»

È no mesmo tom, continuou Germano:

Da casa viva a fronteira,
Calçada, quina e oitão,
Armario, bahù, caixão,
Sala, corredor, traseira,
Quartinha, pires, chaleira,
È o bico por onde vasa,
Torno, pote, copo e aza,
«Chixelo», botina e meia,
Caibros, pregos, ripa e «teia»
«Tudo são honras da casa.»

Silvino Pirauá beijou o copo e disse :

A honra mais importante
Que na casa dá um dom,
é um homem honesto e bom,
com uma esposa brilhante;
o poeta vigilante
Faz o verso e não se atraza,
Glosador não me enviaza,
Nem me faz sair da linha;

Quarto, secreta, cosinha,
Tudo são honras da casa.

Germano da Lagôa enthusiasmando-se, improvisou a seguinte estrophe :

Se houver poeta no logar
Que faça mais seis ou sete,
Eu dou a cara a bufete,
Dou os olhos a furar,
Dou o pescoço a cortar,
Arrisco a propria cabeça!
Digo para que se conheça;
Nem Nicandro e nem Nogueira,
Nem na America Brasileira
Eu duvido que apareça!

O cantador Antonio Baptista Guedes, obtendo uma copia desses versos mandou-os ao seu tio Nicandro, pedindo-lhe que desse uma resposta na altura do insulto, ao atrevido Germano da Lagôa, que o julgava incapaz de fazer mais seis ou sete versos sob o thema «Tudo são Honras da Casa»,

Nicandro sentindo-se ferido no seu amôr proprio, e defendendo a memoria de seu collega Nogueira — já fallecido, respondeu-lhes, com a poesia que se segue:

Pensaste ter esgotado
A fonte da inspiração
E no reinado de Plutão
Ter os poetas trancado,
Teres apollo amarrado

No cume dum alto monte:
E no coche de Phaetonte
Corrido todo o universo;
Com as musas inda converso
Bebo ainda agua da fonte...

—«O Nogueira já morreu,
O Nicandro está caduco;
Vou fazer delle um maluco,
Um bestunto, um pae Matheu?
Um figura de Asmodeu!—»
Pois estaes mal entendido
Ouço, ainda tenho ouvido
Vêjo, ainda não sou cego;
E meu logar eu só entrego
Quando perder o sentido.

Nogueira com esse insulto
Cresceu tanto o coração
Que fez pipocar o chão!
Veio á testa do «tumulto»;
Olhou, mirou, não viu vulto,
P'ra lhe dar combate ou guerra,
Subiu serra, desceu serra,
Voltou outra vez p'ra traz,
E foi zombar junto c'o os mais
Defuntos dentro da terra.

Jupiter é filho de Rhéa
E Rhéa, mãe de Neptuno.

E Neptuno, irmão de Juno,
E Juno, Deuza de Deophéa
Salva a patria Androcléa;
Quem te inspirou esta scena?
Não foi Tagides, nem Camena,
Não foi não, estavas sosinho...
Escuta por um pouquinho
Os rasgos da minha penna:

A casa p'ra ser honrada
De rica ou pobre familia
Deve ter uma mobilia
Completa sem faltar nada;
Ter punhal, facão espada,
Pelouro que tudo abrasa,
Que destroe, derriba, arraza;
Bancas de armas, torneiras,
Pistolas e granadeiras,
Tudo são honras da casa.

No salão toca o piano,
E pendem de todos lados
Os quadros dependurados,
Alcatifas de bom pano,
Leques dourados de abano,
Jarra que de fria vasa
Throno onde a alma se «estaza,»
No oratorio de oração
Da Virgem da Conceição;
«Tudo são honras da casa».

Grelha, espêto, frigideira,
Tesoura, agulha, dedal,
Mesa, muro, horta, quintal,
Buile, prato, choc'lateira,
Calderão, tacho, soupeira;
Meu estro em rimar se apraza,
Não deixo nem uma vasa
Para entreres na espadilha;
Novella, Biblia, cartilha:
«Tudo são honras da casa».

Concha, almofaris, pilão,
Talheres, assucareiro,
Lamparina, candieiro,
Salva, frasco, garrafão
Meu estro no escuro chão,
Por emquanto inda não jaza;
Poeta não me atraza,
Nem me faz perder a rima,
Viola, bordão e prima,
«Tudo são honras da casa».

Banca, tripessa, cadeira,
Penna, papel e tinteiro,
Alfinete e agulheiro,
Cesto, urupema, peneira,
Com licença da caseira
Canta modinha a rapaza,
As contas no fio engaza,
Menina formosa e bella

Inda virgem, inda donzella:
«Tudo são honras da casa».

Não deve o homem brigar
Com arma destemperada,
Vae dar uma cutilada,
Se vira ou se ver quebrar,
Não pode intento tirar
Quem na scena lêm avante;
Se teimares conspirante
Nesse intento denodado
Ficas desmoralizado
Passas por ignorante.

Um quináu, uma lição
Faz corrigir o alumno
Como o aviso de Neptuno
Ao corneteiro Tritão;
Para o discipulo, afflicção
Mas, para o mestre é gloria,
Na aula tive a victoria
Fiquei por decurião
Agora da cá a mão
E te sujeita á palmatoria...

Duas faltas encontrei
Nos versos que me mandaste,
Contra a arte peccaste
Quando dois erros achei
Os quaes eu annotarei

Por estarem de parrelha;
Repara quem te aconselha
Na rimação da poesia:
Furquilha não dá com cria,
Nem meia rima com telha'

Na arte metrificação
Se não peccaste, porem,
Eu te afirmo—que tem
Erro e grande em rimação,
La vae mais uma lição
A² quem vive andando á cega;
É um conselho de collega
Aos poetas dispersos:
Nove vezes lê teus versos
Para então fazer entrega.



BERNARDO NOGUEIRA

(1832 a 1895)

Esse grande poeta popular nunca foi cantor ambulante, como informou Dr. Irinéo Joffily ao Dr. José Rodrigues de Carvalho. Poeta glosador, recitava improvisando com facilidade espantosa; apesar de não ser alcoolatra, gostava de glosar com um copo na mão, (o glosador inspira-se bebendo cachaça, como o cantador inspira-se tocando a viola) umas vezes sò e outras, acompanhado de seu collega e amigo Nicandro.

Não tinha conhecimentos seguros de leitura, porem, o seu talento superava, confundindo muitas vezes outros poetas de maior cultura.

Certa vez, dois criminosos raptaram uma moça sua parenta, depositando-a em casa dum amigo dos mesmos. Nogueira avisado, foi com dois companheiros tomal-a. Houve grande resistencia da parte dos raptantes, resultando ficarem dois mortos e quatro feridos. Tendo Nogueira tomado a moça, levou-a para a casa de seus paes. Depois desse facto foi Nogueira processado; e, afim de fugir á prisão emigrou para o sul de Pernambuco, transportando-se dalli para os brejos da Parahyba, tendo sido recolhido á cadeia de Campina Grande em 1875. Nesse mesmo anno, dois bravos campinenses, Neco de Barros e Galdino Grande, arrombando a cadeia local afim de soltar o pae de Neco de Barros e um irmão de Galdino, deram fuga a Nogueira. Achan-do-se solto o poeta, voltou a sua residencia no lugar Mulungú, nos limites dos Estados de Parahyba e Pernambuco, perto do povoado Cangalha, onde morava seu intimo amigo Nicandro.

Antes da prescripção de seu crime, Nogueira vivia sempre occulto das vistas das auctoridades. Por occasião de um casamento realisado a uma legua do Teixeira, onde se encontravam os poetas Romano, Ugolino e Nicandro elle appareceu, á noite. Uma das pessoas presentes interpellou-o:—«Bernardo! E se a policia chegar?» Ao que elle respondeu: «Caso a policia aqui venha, ronca pão, troveja lenha». Todos os circumstantes bateram palmas e pediram-lhe para glosar sob este thema.

Nogueira glosou, acompanhado por Nicandro o seguinte improviso:

Nog.—Acho-me hoje, criminoso,
Porque em lucta corporal
Me furaram com um punhal,
Fiquei com o corpo reimoso;
Sou um homem perigoso,
Que se escondeu numa brenha:
Procurar-me ninguem venha,
Porque perderá o giro;
Dou de passo em passo um tiro,
«Ronca pão, troveja lenha»,

Nic.—Quem contra nós se oppor,
Não escólho qualidade,
Solto fogo sem piedade
Perco da vida o amor,
Faça o mesmo se homem fôr;
Quem contra Nogueira venha,
Por seu imigo me tenha,
Porque se eu passar a mão

No cabo do espadagão,
«Ronca páo, troveja lenha».

Nog.—Se qualquer um delegado,
Que passar por valentão,
Vier fallar-me em prisão,
Fica desmoralisado,
Seja paisano, ou soldado :
Ninguém me caçar não venha,
Porque eu farei resenha
Daquelles que me enfrentarem
E enquanto não me matarem,
«Ronca páo, troveja lenha»,

Nic.— Não faz inveja Roldão,
Ao meu collega Nogueira ;
Nem Joaquim Pinto Madeira,
Nem Achilles, nem Sansão,
Nem Lopez com vil acção,
Que a ganhar fama se empenha ;
De Nogueira a mão ferrenha
E' mais cruel é mais forte,
Pois não tem medo da morte,
«Ronca páo, troveja lenha»,

Nog.—Terá perigo na vista
Quem persistir na contenda ;
Faço uma guerra tremenda,
Se achar quem me resista ;
E perderá a conquista

Quem contra Nogueira venha,
Porque a Virgem da Penha
Me protege e me defende ;
Quem me enfrentar se arrepende,
«Ronca páo, troveja lenha».

Nic.—E' bem triste é temeroso
Andar sem seguro norte,
Até mesmo á noite a sorte
Não lhe concede repouso ;
Vive o homem desgostoso,
Occulto em deserta brenha,
Como uma féra que tenha
Odio ao civilisado !
Nogueira se for cercado,
«Ronca páo, troveja lenha».

Nog.—Confio-me no valor
De minha espada-navalha,
Que cortando na batalha,
Ninguem não lhe sente a dor ;
Sou um gigante Adamastor
Que em lutar se empenha ;
Mato sem fazer «resenha»,
E pegando a granadeira
Tomo conta da trincheira,
«Ronca páo, troveja lenha»,

Nic.—Ouve os tiros dos canhões
E debaixo das metralhas,

Nogueira sobe muralhas,
Passando entre os esquadrões,
Vem se internar nos sertões,
Se occultando em uma penha
Onde não ha quem detenha
O seu resistente braço ;
No páo, na bala, ou no aço,
«Ronca páo, troveja lenha»

Nog.—Collega, sustento a frente
E lhe entrego a retaguarda;
Se faltar-lhe a espingarda,
Com páo, com pedra, sustente:
Eu estando de sangue quente.
Sou peor que *Mascarenha*;
Quem for *imigo* não venha,
Porque eu 'stando agastado,
Na cabeça e no costado,
«Ronca páo, troveja lenha».

Nic.—Do Brum pipoca a explosão,
Disparando peças de aço;
Caiam corpos em pedaço,
Rebente a revolução
Na frente do esquadrão;
Faça o general *resenha*,
Mas, para o sertão não venha,
Porque inda que a terra trema,
E o mar de Neptuno gema,
“Ronca páo, troveja lenha”.

Nog.—Estando em uma trincheira,
Seja ruim ou seja bôa,
Força alguma *desacôa*
De alli, Bernardo Nogueira;
Emquanto da granadeira
Eu ouvir a voz roufenha,
Perto de mim ninguem venha
Porque estou enfurnado;
Atiro p'ra todo lado,
“Ronca páo, troveja lenha”.

* *
*

Bernardo Nogueira estava residindo no sul de Pernambuco, quando um dia encontrou-se com o celebre cantador Manuel Leopoldino Serrador. Este, tambem éra glosador como Nogueira. Ambos muito bairristas. Serrador não gostava de Sertanejo e, no seu encontro com Nogueira, procurava humilhar os filhos do Sertão. Nogueira, por sua vez, tambem não gostava de *Matutos* (brejeiros), pois, não éram hospitaleiros e tratavam os sertanejos com desdem.

Ficou logo resolvido entre os dois um desafio e Serrador atacou Nogueira com o seguinte improviso :

Ser.—Vou pintar a desventura
Do infeliz sertanejo,
Segundo o que sei e vejo,
Essa infeliz creatura
Pode ter bôa figura.
Porem tem a maldição;
Quer no inverno ou no verão,

Seja o anno bom ou máo,
Só come raiz de páo,
Sertanejo no sertão,

Nog.—Este poéta, por certo,
E' um *matuto* infeliz
Que nem sabe o que é que diz;
Põe-se a fallar no dezerto
Porem agora de perto,
Queira prestar-me attenção;
Matuto soffra o carão,
Aguente eu *reprehendel-o*;
Não vive desse *modêlo*,
Sertanejo no sertão.

Ser.—Se por infelicidade
Não chove logo em Janeiro,
O sertanejo é o primeiro
Que soffre necessidade;
Bem contra sua vontade,
Recorre logo ao pilão;
E tal seja a precisão
Que come crú o cherem;
E' esse o prazer que tem,
Sertanejo no sertão.

Nog.—Por isso não, que na matta
Chove quasi o anno inteiro,
Porem se encontra brejeiro
Com precisão bem ingrata
Só se sustenta em batata,

Couve, bredo e fructa-pão,
Carangueijo e camarão,
Beijũ molle, angú de massa,
E não é assim que passa
Sertanejo no sertão,

Ser.—Sertanejo, está provado
Que não tem nem um prazer;
Não possúe o que comer
E só vive flagellado;
De tudo é necessitado,
Isso quer queira, quer não;
Quasi sempre a precisão
Que o vêxa é muito seria;
Sempre vive na miseria,
Sertanejo no sertão

Nog.—O pessoal sertanejo
Sempre vive na fartura;
Come carne e rapadura,
Leite, coalhada e queijo;
Come, a matar o desejo,
Perú, gallinha e capão;
Lombo, arroz *bife*, leitão,
Peixe, linguiça e toucinho,
Come dôce e bebe vinho,
Sertanejo no sertão.

Ser.—Sertanejo, com certesa,
Começa desde a infancia
A viver na circumstancia,

De soffrer fome e *nuesa*;
Não sabe o que é *grandesa*
De dinheiro em sua mão;
Só vive em *revolução* (*)
Quando a secca se aproxima;
Eu não sei porque *intima*,
Sertanejo no sertão.

Nog.—Sertanejo quando nasce
Tem rêde para dormir,
Cobertor p'ra se cobrir,
E cama para deitar-se;
Tem recurso com que passe;
Gado, animal, criação;
E, conforme a posição,
Que até engenho tem;
Anda lorde e passa bem
Sertanejo no sertão.

Ser.—Quando a secca se apresenta,
O sertanejo atrazado,
Na madeira do *lastrado*
E' só em que se sustenta;
Dessa comida nojenta,
Faz um safado pirão,
Come sentado no chão,
Com colher de chifre de boi
Assim é e sempre foi
Sertanejo no sertão.

(*) *Revolução*, em lugar de *andarella*, viver em retiradas.

Nog.—Foi muito usada essa alfaia
Pelo pessoal caduco;
No tempo em que Pernambuco
Era de casa de *paia*,
Olinda era uma praia,
Caxangá um lamerão
O Brejo uma solidão
Habitado por *cabôcos*
Nesse tempo havia poucos
Sertanejos no sertão.

Ser.—O sertanejo pabula,
Porém tem a sorte pêca,
Porque quando chega a secca
Do sertão sem geito pula;
Soffrem sem ter escapula
Todos quanto lá estão;
Nas estradas ha porção
De gente descendo a pé;
Pôr essa forma é que é
Sertanejo no sertão.

Nog.—Desce aquelle que não tem
O recurso com que passe;
De gente de *certa classe*,
Não se vê descer ninguem
Passa a secca muito bem;
Sem a menor afflicção
Com os que têm precisão;
Reparte o seu possuido,

Porque é muito bem unido
Sertanejo no sertão.

Ser.—No sertão, o pessoal
Lixa com pouca decencia;
Não ha homem de sciencia.
O povo é material;
E neste estado brutal
Vive a população,
Ha muito pouca instrucção,
Não se vê civilidade;
Vive na brutalidade
Sertanejo no sertão.

Nog.—Poéta é seu engano:
Lá ha luxo e magnifico,
E tem homem scientifico
Como qualquer praciano;
O pessoal é humano,
Chegado á religião,
E ha civilisação,
Respeito e moralidade,
Tem muita capacidade
Sertanejo no sertão.

Ser.—O sertanejo não pode
Pabular que passa bem;
No corpo *catinga* tem
De comer carne de bode,
E nenhum não se incommode
Com essa declaração;

Angú de milho e feijão
Que macassa é seu nome;
E' justamente o que come
Sertanejo no sertão.

Nog.—Bode mais valia tem
E' da praça no mercado;
Custa um kilo mal pesado
Dez tostões e mil e cem,
E não chega p'ra ninguém;
Ha grande procuração;
Angú de milho, um tostão.
E' sempre a preço de um pires;
Portanto não ~~se~~ admire
~~De~~ Sertanejo no sertão.

Ser.—Eu acho muito custoso
No sertão se encontrar
Um só pequeno lugar
Que não seja desditoso;
Por um direito *forçoso*,
Vive o povo em sujeição;
Em qualquer um *rebentão*
De secca que possa haver;
Só vive nesse soffrer
Sertanejo no sertão.

Nog.—Poéta não diga assim
Porque está fallando errado;
No sertão está provado

Que não ha lugar ruim ;
No anno de secca emfim
Sempre ha *pertubação*,
Mas passado o *rebentão*
Da secca, vem o inverno,
Tem auxilio do Eterno
Sertanejo no sertão.

Ser.—O sertanejo é criado
Vestindo fazenda grossa,
Ainda que elle possa
Só sabe andar mal trajado ;
Emfim só é bem usado
Chapéo de couro e gibão ;
Tendo essa *arrumação*
Julga que está direito,
Só anda assim desse geito
Sertanejo no sertão.

Nog.—No sertão qualquer pessôa
Que pode, só traja bem ;
Raro é o que não tem
Sua *fatiota* bôa ;
Poéta não falle atôa,
Que falla contra a razão ;
O trajar com perfeição
No sertão é praxe antiga ;
Passa bem e anda na *liga*,
Sertanejo no sertão.

Manoel Serrador, confundido com as respostas do poeta sertanejo, deu-se por vencido. Então Bernardo Nogueira continuou glosando sob o thema : "Matuto no lameirão".

Nog.—Serrador, porque te agastas
E fallas do sertanejo ?
Eu bem claramente vêjo
Que da verdade te afastas ;
Noto tambem que arrastas
Um pouco de presumpção ;
Presta-me agora atenção
Que no meu verso rimado
Vou mostrar como é criado
Matuto no lameirão.

Matuto nasce no escuro
E põe-se logo o chorar
Dão-lhe antes de mamar,
Garapa de mel de furo ;
O pirão que tem *seguro*
E' timbú e camaleão,
Caranguejo e camarão
Cosinhados com pimenta
E' só em qué se sustenta
Matuto no lameirão.

Matuto, é pelo commum;
Sentiu pejada a *muié*,
Vae tirar cipó de imbé
P'ra fazer seu panicum ;
Não tem mesa e estende um

Sacco de estopa no chão ;
Faz alli, a refeição,
E á noite estando cançado
Dorme sobre o encerado
Matuto no lameirão.

Se o *Matuto* é arranjado,
Possúe um magro quartáu,
Se sustenta em bacalháu,
Com pirão d'agua salgado :
Come em cima do encerado,
Com *catanga* de alcatrão ;
Bicho de pé como um cão,
Cada dedo mais de cem ;
E' esse o gosto que tem
Matuto no lameirão.

A sella é uma cangalha
Com cordas inquirideiras,
Coberta com uma esteira
Onde o *matuto* se *espalha* ; (*)
Usa um chapéo de palha,
Um chicote, um cinturão,
Sacco ao hombro e pé no chão,
Julgando que está composto,
Leva a vida nesse gosto
Matuto no lameirão.

Não fallo em senhor de engenho,
E negociantes honrados

(*) Espalha em lugar de escanCHA

Porque esses são respeitados,
Delles nada a dizer tenho ;
Apenas me queixar venho,
E me queixo com razão ;
E' no *matuto* vilão
Que assenta essa carapuça ;
Como porco a lama fuça,
Matuto no lameirão.

Da terra eu não digo nada
A respeito a fallar mal,
Pois é até um bom lugar
Que tem agua refinada
Isto porem não me agrada
Lá no sertão tambem tenho
Fallarei com grande empenho,
Collega não me contestes
Que no sul tem duas pestes
Saúva e Senhor de engenho.



UGOLINO NUNES DA COSTA

(1832 a 1895)

Aos 18 annos de idade Ugolino dedicou-se a tocar viola e a cantar. Fugira da casa paterna, na serra do Teixeira, acompanhando uma familia que emigrava para o Rio Grande do Norte.

Ao passar no Picuhy, hospedou-se numa casa onde havia uma festa de casamento. Ugolino tocou e cantou com tal perfeição, que os habitantes do lugar ficaram maravilhados deante do seu extraordinario talento. Desde então correu mundo a sua fama de cantador. Nunca achou um tocador de viola que o vencesse; e raros foram os cantadores que lhe resistiram uma noite de *desafio*, em qualquer ramo da *Sciencia Popular*.

Romano, que foi o maior repentista do seu tempo, admirava-o. Ninguem, como Ugolino descrevia cantando com real acerto a Escriptura Sagrada. Elle tinha, como Tobias Barreto, o dom de decorar; qualquer livro que lesse, ficaria com todo o seu conteúdo gravado na memoria. Sabia de cór e salteado o Novo e o Velho Testamento, o Diccionario da Fábula, o Manual Enciclopedico, a Missão Abreviada e muitos outros livros vulgares na sua época.

Escreveu em um volumoso caderno as suas melhores producções poéticas; tendo, porem, abandonado a profissão de cantador na velhice, emprestou esse caderno ao seu collega Germano da Lagôa. Deu-se em casa de Germano um incendio, sendo o manuscrito destruido pelo fogo, ficando assim perdidas as melhores poesias desse grande cantador, que éra tido como o mestre dos cantadores do seu tempo vou citar tres exemplos, provando que Ugolino éra tinído e respeitado pelos outros cantadores :

Numa festa de casamento, achava-se, cantando, o violista Firino de Góes Jurema, quando chegaram, inesperadamente. Ugolino e Germano da Lagôa. Firino, ao ver Ugolino entrar, emborcou a viola e não mais cantou,

Germano, vendo que o trovador que estava por dono da festa não se atrevia a cantar diante do mestre Ugolino e querendo mostrar o valor do seu companheiro, glosou a seguinte estrophe:

Tua presença, Ugolino,
Faz temer e faz terror;
Faz mais mêdo a cantador
Do que boi faz a menino;
Fez ficar mudo Firino
A tua *veia composta*;
Do teu cantar tudo gosta;
E's um forte es um *dunya*,
E's um deus de *Ariapunga* (*)
Ugolino Nunes da Costa.

* * *

O mesmo Firino de Góes Jurema, em uma carta em versos que enviou a Romano, dando conta dos cantadores que vencera, dedicou a Ugolino a estrophe seguinte:

No Sertão do Sabugi
Encontrei mestre Ugolino;
Embiquei o meu chapéo,
E fui logo me *escapulino*

(*) Ariapunga, remeniscencia de certo culto da Costa d'Africa.

Antes que elle me dissesse
Espera, vem cá Firino.

* * *

Certa vez Ugolino chegou, inesperadamente, no lugar Barra Lisa, e hospedou-se em casa de um seu amigo de nome Pirangi.

Morava nessa localidade o cantador Elesbão da Cunha Machado. Este, ao saber que Ugolino estava na terra, foi ao seu encontro e, ao apertar-lhe a mão, fez-lhe a seguinte pergunta: «Onde mora e que veio fazer aqui»? Ugolino, ainda segurando-lhe a mão, respondeu-lhe com o seguinte improviso :

No Sertão do Sabugy
E' a minha residencia,
Porem quiz a Providencia
Que eu hoje viésse aqui,
Na casa de Pirangi,
Meu amigo dedicado;
E, uma vez que sou chegado,
Hoje aqui na Barra Lisa,
Eu venho dar uma pisa
Em Elesbão Cunha Machado,...

Diante dessa promessa, o Elesbão desistiu de cantar em desafio com Ugolino.

Desse grande cantador—Ugolino, vae publicado neste livro a seguinte poesia :

AS OBRAS DA NATUREZA

As Obras da Natureza
São de tanta perfeição,

Que a nossa imaginação
Não pinta tanta grandeza!
Para imitar a belleza
Das nuvens com suas cores
Se desmanchando em labores
De um manto adamascado,
Os artistas com cuidado
Da arte applicam os primores.

Brilham nos prados verdúmes
De um tapete avelludado,
Brilha o rochedo escarpado
Das penhas seus altos cumes;
Os montes formam taes *gumes*
Que a gente os observando
Vê como que alongando
Perder-se na immensidade,
A nossa visibilidade
Os perde se está olhando.

Correndo as aguas se arrastam
Tornando-se *brancalhetes*
E mui lindos ramalhetes
De espumas que as aguas gastam.
Fugindo logo se affastam
Esses mantos de brilhantes:
São perolas lindas galantes
Que a cachoeira as atrai,
E esta, murmurando vae
Nos chamando ignorantes.

Grandes cousas se dizia
Só de um bosque se fallando,
Mas apenas vou tocando
No que tem mais poesia ;
Como a sombra que allivia
A natureza agitada !
Como a relva avelludada
Que posta em duas fileiras
Se estende nas ribanceiras
Da fonte cristallisada.

Um prado em seu verdume
Semeado de mil flores,
Com suas variadas cores,
Exalando seu perfume,
Qual o homem que presume
Pintar a tanta belleza,
Porem toda essa grandeza
E' de Deus um privativo
Que como sabio e activo
Confiou-a á natureza.

Impera sobre um penedo
A aguia que alli habita
De natureza esquesita,
Dominando o alto rochedo
E' ave que não tem medo ;
Por sua coragem impera !
Desdenha de qualquer féra
Com arroubo desmedido,

Atordoa e faz temido
Tudo quanto ali prospera.

De um bosque a solidão
E' tocante e faz pasmar,
Vê-se o sabiá cantar
Retumbar como um trovão,
Alli o filho de Adão
Conhece o Deus verdadeiro,
Por ver correr o ribeiro
Entre as penhas murmurando
E como prata espelhando
A' luz do sol o aguaceiro.

Equilibrada se vê
A penha sobre outra penha
Sem que qualquer homem tenha
Aprumado-a sem pender;
O seu estado faz crer
E obriga o curioso
Adorar o poderoso
Autor desta maravilha,
Que por toda parte brilha
Seu poder tão glorioso;

O homem fica absorto
Dentro de um bosque embebido,
Vendo trancado o tecido
De um pau direito outro torto,
Olha e vê sobre um páo morto
Alturas admiraveis,

Brincando, saltando as aves
De galho em galho voando,
Ao mesmo tempo cantando
Melodias agradáveis.

Uma lagarta, vejamos
Que a pouco foi borboleta,
Obra pequena e perfeita
Que muito a admiramos,
Só na natureza achamos
Tanto esmero e perfeição,
Prende a mais sabia atenção
A sua delicadeza,
Sem ter pezo nem grandeza
Nos causa admiração.

O kagado tem sobre as costas
Linhas de geometria,
E curvas em symetria
Que applicam em certas mostras,
Paralellas e oppostas
Faz um quadro debuxado.
Portanto, está demonstrado
Ser artista a natureza,
Pois seus feitos de grandeza
Ninguem os tem igualado.

Minha alma fica abysmada
Sob o solo contemplando
Em ver os mattos furando
A terra tão apertada!

A planta mais delicada
Tem força para a romper!
E a terra obedecer
A tão pequena senhora,
Que offerta sem mais demora
Glorias ao Autor do ser!...

Das nuvens com suas cores,
Variadas pelo sol,
Da neve no seu lençol
Se conhece os primores,
Com que Deus com seus labores
Quiz dotar a natureza,
Para a encher de belleza
E o dia vivificar,
Mais o homem por pecar
Perde da alma a nobreza.

Que quadro encantador
Vemos ao romper da aurora
Desde o irracional á flora
Tudo louva ao Creador,
Ao primeiro resplendor
Do dia vivificante!...
Para fazer mais galante
O Deus que tudo creou,
Sobre a relva espalhou
Do orvalho a gotta brilhante.

Pulam aves de alegria
De galho em halho voando,

Ao mesmo tempo cantando
Ao clarão da luz do dia...
Da noite a *percondia*
O seu denso e negro manto,
Parece que com espanto,
Vendo o sol põe-se em fugida
Deixando as portas da vida
Abertas com todo encanto.

Quanto goso e alegria
A luz do sol traz á terra,
Ha luz da mais alta serra
A' densa matta sombria;
Nas horas, que tem o dia,
Observa-se a belleza,
Da artista natureza,
Inexgotavel portento,
Que até no macio vento
Nos mostra sua grandeza.

Vejamos os animaes,
Que bello quadro offerecem,
Como que a Deus conhecem
Sendo irracionaes;
Criam seus filhos iguaes
Como a mãe que raciocina!
Acho ser ainda mais fina
A sua delicadeza,
Só por ter a natureza
Que activamente os ensina.

Sopra o vento tremulando
Do bosque as arvores frondosas,
E as aguas ruidosas
Entre as penhas murmurando...
A nuvem se desmanchando,
Jorra agua cristallina
Que rega valle e campina,
Nos dando real certeza
De crermos que a natureza
E' mais que artista é divina!

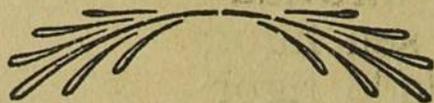
Tenho um pouco fallado;
Em alguma maravilha
E não fallei na que mais brilha
Nas ondas do mar salgado,
Naquelle espelho azulado
Que ve-se ao clarão do sol;
Da neve o branco lençol
Torna-se alli tão galante
Que as vezes é semelhante
A's nuvens no arrebol.

Vive sempre enfurecida
Essa obra da natureza,
Lutando com a fortaleza...
Da terra bem defendida
Alli a onda atrevida
Perde todo seu furor;
Do encapellado rigor
Perde toda gravidade

Obedecendo á vontade
Daquelle immenso Senhor.

Variam de instante a instante
As obras da natureza,
Com toda esta presteza
Que me faz tão delirante;
Mas, ella sempre constante
Sempre sem mostrar enfado
Desde que o mundo é criado
Até a hora presente
Sempre mostra differente
Os dias que tem ornado.

Provoco a ser contestado
Sem ter medo de Censura
Qual o feito da natura
Que não seja admirado!
O que o homem tem fabricado
Merece ser applaudido
Porem estou convencido
Que por seu pouco saber,
De Deus pode o homem ser
Filho e discipulo querido.



FRANCISCO ROMANO

(ROMANO DO TEIXEIRA)

(1840 a 1891)

Romano, natural do sacco da Mãe d'Agua, no municipio do Teixeira, onde sempre residiu, era filho natural de um dos membros da familia Caluête. Foi pae do talentoso cantor Josué Romano e era irmão do cantador-cangaceiro Verissimo.

Foi o mais celebre cantador do seu tempo. Deixou dois discipulos: José Patricio e Silvino Pirauá Lima.

As suas principaes pelejas foram: o seu desafio com Manoel Carneiro, em Pindoba, no Estado de Pernambuco, e seu martello com Ignacio da Catingueira, na cidade de Patos.

Destas duas pelejas existem diversas copias que não são as authenticas, — são versos feitos por outros cantadores e que erradamente se attribuem a Romano. Assim, não é verdadeiramente de Romano e Ignacio o desafio publicado a pag. 249 do "CANCIONEIRO DO NORTE" de Rodrigues de Carvalho, que foi escripto por Ugolino; como tambem não é de Romano e Ignacio a peleja publicada á pag. 84 do livro "CANTADORES," de Leonardo Motta, que foi escripta e publicada em folheto por Leandro Gomes de Barros, em 1910.

Tambem é de outro autor,—dizem que de Germano da Lagôa—a "Porfia", publicada á pag. 77 do livro "VIOLEIROS DO NORTE," de Leonardo Motta, attribuida a Romano e a Carneiro.

As mais originaes dessas pelejas de Romano com Manoel Ignacio da Catingueira, e Romano com Carneiro, são as que vão aqui publicadas, cujas copias

foram fornecidas por Silvino Pirauá, o "*discipulo amado*" de Romano, que tinha copias de todas as suas poesias. Publico, abaixo, a peleja de Romano com Ignacio da Catingueira, realizada em Patos, no anno de 1870 na casa do mercado, com a assistencia de quasi toda a população dessa cidade.

Martello de Romano com Ignacio

Rom.—Ignacio, vieste a Patos
Procurando quem te forre,
Volta p'ra traz meu negrinho
Que aqui ninguem te soccorre;
É quem cáe nas minhas unhas
Apanha, deserta ou morre.

Ign.—"Seu" Romano, eu vim a Patos
Pela fama do senhor,
Que me disseram que era
Mestre e rei de cantador;
E que dentro de um salão
Tem discursos de um doutor.

R.—Ignacio, meu pae foi pobre,
Por isso eu não estudei,
Porem, as primeiras letras
Na escola as decorei;
Mas, á falta de recursos,
Meu negro, eu não me formei.

I.—Eu bem sei que "seu" Romano
Sabe ler. sabe contar,

E não é como o Ignacio
Que não sabe *assoletrar* ;
Mas nasceu com dote e *sinx*
No mundo para cantar.

R.—Ignacio, o meu martello,
Por bom ferreiro é forjado ;
Tanto elle é bom de aço,
Como está bem temperado ;
A forja onde elle foi feito
E' toda de aço *blindado*.

I.—“Seu” Romano, eu lhe garanto
Que resisto ao seu martello ;
Ao talho do seu facão,
Ao corte de seu cutello ;
Se eu não morrer na peleja,
Lhe vencerei no duello

R.—Ignacio, eu quando me zango
Tenho a força do zebú ;
P'ra gente de tua côr,
Sou peor que canguçú ;
Rasgo, estraçalho, devoro,
Mato negro e como crú.

I.—“Seu” Romano, eu me zangando,
Devoro, sem compaixão,
Corto mais do que navalha,
Furo mais do que ferrão,
Queimo mais que fogo em braza,
Faço tremer coração.

R.—Ignacio, se tu pretendes
Contra mim te armar em guerra,
Verás eu tirar-te a vida,
Deixar-te inerte, na terra,
E botar no teu cadaver,
Serra por cima de serra.

I.—“Seu” Romano, eu tenho visto
Cantor que diz que é sabido,
Vir pelejar contra mim,
Mas, quando se ver perdido,
Chora pedindo desculpas
Dizendo:—Eu estava illudido.

R.—Ignacio as tuas façanhas,
Eu dellas não faço conta,
Tú te oppondo contra mim
Dás murro em faca de ponta;
Eu monto no teu *cangote*
Mas no meu ninguem se monta.

I.—“Seu” Romano não faz conta
Porem eu hoje desmancho
Tudo o que o senhor fizer:
Toco-lhe fogo no rancho,
Cuide em si que o negro velho
Dá-lhe um serviço de gancho,

R.—Ignacio, eu estando irado,
Faço estremecer o sul!
Solto bomba envenenada
Com raios de fogo azul;

Tenho a força de Samsão
E a coragem de Saul.

I.—E se Ignacio se zangar
Se abala o sol, o mar geme;
Estremece a athmosphera,
Cae estrella, a terra treme;
Pega fogo o mundo em roda
E nada disso o negro teme...

R.—Hoje aqui tem de se ver
Relampos de caracol,
Os nevoeiros pararem
E eclypsar-se o sol;
Seccarem as aguas do mar
E eu pescar baleia de anzol.

I.—Hoje aqui tem de se ver
Como o ferreiro trabalha,
Como se caldeia o ferro,
Como o aço se esbandalha;
Como se broqueia a pedra
Como se estoura a metralha.

R.—Ignacio, olha que eu tenho
Força e intelligencia,
Não me falta no meu estro
A veloz reminiscencia;
Muitas vezes tenho dado
Em cantor de alta sciencia.

I.—“Seu” Romano eu só garanto
E’ que sciencia não tenho,
Mas para desenganal-o
Cantar consigo hoje venho;
Abra o olho, cuide em si,
P’ra não perder seu *desenho*.

R.—Meu Deus, o que tem Ignacio
Que no cantar se atrapalha?
Sustenta o ferro na mão,
Que estou na primeira entalha,
Teu ferro está se virando
E o meu não mostra falha.

I.—Meu Deus, que tem “seu” Romano
Parece que está doente?
Está temendo a desfeita,
Ou o bote da serpente,
Ou está com medo de Ignacio
Ou com vergonha da gente.

R.—Ignacio, eu tenho cantado
Com muito homem de tino;
No sul, com Manoel Carneiro,
No Sabugy, com Ugolino,
Como não canto comtigo
Que és fraco e pequenino?

I.—“Seu” Romano, abra os olhos
Com esse preto moreno
Tenha medo da botada
Da serpente e do veneno;

Eu já tenho visto grande
Apanhar d'um fraco e pequeno.

R.—Ignacio, a tua fama
E' só lá na Catingueira,
Para o sacco da mãe d'agua,
Tú não sobes a ladeira;
Juro com todos dez dedos
Que tú não vaes ao Teixeira.

I.—Meu branco não diga isso
Que o senhor não me conhece,
Veja quando o sol sair
Com a luz resplandece
Olhe para os quatro lados
Que o negro velho apparece.

R.—Ignacio eu inda me abalo
Lá da serra do Teixeira,
Levo meu mano Virissimo
Vamos dar-te uma carreira,
Dar-te uma surra em martello
E tomar-te Catingueira.

I.—Meu branco, eu dou-lhe um conselho.
Se *voimincê* me attende;
Se for para nós brincarmos
Pode ir que não me offende,
Mas p'ra tomar a Catingueira
Não vá não que se arrepende.

R.—Ignacio, tú nunca viste
Eu mais meu mano em serviço,

Somos como dois machados
No tronco de um páo macisso;
Um é raio abrasador,
Outro é truvão inteiriço.

I.—Eu bem sei que “seu” Verissimo
No martello é rei c’roado;
Mas, leve elle á Catingueira
Muito bem apadrinhado,
E verá como é que apanha
O padrinho e o afilhado.

R. Eu já tenho dado em touro
Que quando ronca estremece,
Tenho domado leão
Até que elle me obedece;
Já dei em muitos cantores,
Mas nunca achei quem me desse !

I.—Com touros e com leões,
“Seu” Romano já brigou,
Mas se o povo se acalmar
Eu hei de mostrar quem sou;
Quero dar em “seu” Romano
Que diz que nunca apanhou.

R.—Meu Deus, que tem este negro
Que no cantar se maltrata !
Agora, Romano velho
Canta um anno e não se mata;
Quanto mais canta mais sabe
É nó que dá ninguem desata.

I.—Eu bem sei que “seu” Romano
Está na fama dos aneis;
Canta um anno, canta dois,
Canta seis, sete, oito e dez;
Mas o nó que der com as mãos
Eu desato com os pés.

R.—Latona, Cybele, Rhéa,
Ires, Vulcano, Neptuno,
Minerva, Diana, Juno,
Amphithrite, Androchéa,
Venus, Climene, Amaltéa,
Plutão, Mercurio, Theseu,
Jupiter, Zoilo, Perseu,
Apollo, Céres, Pandora;
Ignacio desata agora
O nó que Romano deu!

I.—“Seu” Romano, deste geito
Eu não posso acompanhá-lo;
Se desse um dó em martello
Viria eu desatal-o;
Mas como foi em sciencia
Cante só que eu me calo,

R.—Ignacio, eu reconheço
Que és bom martellador,
Mas, agora que apanhastes,
Dirás que tenho valor;

Porque eu em cantoria
Não temo nem a doutor.

Ignacio da Catingueira, era analphabeto, nasceu
captivo; o seu senhor o fazendeiro Manoel Luiz,
vendo o seu talento poetico, deu-lhe a carta de alforria.

Peleja de Romano com Carneiro

C.—Romano ha muito tempo
Que eu estou bem informado
Que você é bom cantor,
Eu vivia preparado
Para ouvil-o, felizmente
Nosso dia foi chegado.

R.—Carneiro eu não sou tanto
O quanto o povo lhe diz
Mas, queira Deus que você
Commigo seja feliz;
Desde ja faça seu plano
Porque o meu eu já fiz.

C.—Romano eu desejava
Saber qual foi a razão,
Que obrigou a você
Descer lá do seu sertão:
Se vem á matta cantar
Ou traz outra precisão?

R.—Carneiro eu vim á matta
Pela precisão que tinha
De comprar para negocio
Umas cargas de farinha,
Se não fosse o interesse
De passeio eu cá não vinha.

C.—Porem, porque o senhor
Não procurou um lugar
Mais perto de seu sertão
Onde podesse comprar;
Suas cargas de farinha
E de lá mesmo voltar.

R.—Carneiro a minha resposta
E' curta porem exata,
Eu quiz vir até Pindoba
Por ser mais dentro da matta;
Ha abundancia de roça
E a farinha é mais barata

C.—Romano você me diga,
De Pindoba quando sahe;
Se volta quero saber
Se segue p'ra onde vae,
Não é feliz o cantor
Que nas minhas unhas cae.

R.—O que eu pretendo fazer
Nunca gostei de contar,
Mesmo o senhor não é padre
Nem eu vim me confessar.

E eu não sou réo de policia
P'ra o senhor me interrogar.

C.—Romano chegou o dia
Que eu hei de ficar sciente
Se você é bom cantor
Como me diz muita gente,
Eu hoje sei se o povo
Me falla a verdade ou mente

R.—Carneiro você mais tarde
Tem disso provas sobradas,
Não se esqueça do rifão
Que onde ha campo e espadas
Para quem quer combater
As razões são escusadas.

C.—Romano eu em cantoria
Possuo fama e valor,
O meu nome é respeitado
Por todo e qualquer cantor;
Este lugar me pertence
Delle só eu sou senhor.

R.—Francisco Solano Lopes
Teve a fatal illusão,
De propor guerra ao Brasil
Perdeu a vida e a acção
E deixou o Paraguay
Sujeito á nossa nação.

C.—Romano se este é seu plano,
Eu lhe juro que elle erra,
Pois tenho força e coragem
P'ra deffender minha terra;
Sou um desses marechaes
Que se destrae com a guerra

R.—Napoleão Bonaparte
Foi sem par como guerreiro,
Mas pelo exercito inglez
Foi feito prisioneiro!
Isto que se deu com elle
Hoje se dá com Carneiro.

C.—Romano eu para cantar
Tenho bastante estudado,
E hoje então já me acho
Em Pindoba entrincheirado;
Aqui nunca entrou cantor
Que não sahisse apanhado.

R.—Tudo depende da sorte
A fortuna é lisongeira,
Tem se visto general
Abandonar a trincheira!
Eu de apanhar não me lembro
Minha victoria é certa.

C.—Romano este terreno
Onde eu moro é circulado
Por um muro muito forte
Que nunca foi abalado.

Eu quero lhe prevenir
Que você veio enganado.

R. - O forte de Humaytá
Causava a todos, terror
Mesmo assim não inpedio
Que alli passase vapor ;
Eu enganado não venho
Quem se engana é o senhor.

C.—Romano a minha casa
E' dentro de um grande forte,
Que quem se atrever tomal-o
Diga que nasceu sem sorte;
Cantador que eu prendo nelle
Só se liberta por morte.

R.—Já tem se visto paredes
De pedra e cal aluirem,
por força superior
Tombar, pender e cahirem !
Abrir-se fortes prizões
E os presos dellas sahirem.

C.—Romano eu nunca encontrei
Quem me puzesse embaraço,
O meu martello é de bronze,
O cabo delle é de aço...
Nunca aqui veio cantor
Que fizesse o que eu faço.

R.—Carneiro eu não conheço
Quem com prozas me admire,
Não ha bronze que eu não tore,
Nem aço que eu não vire,
Nem cantador de seu geito
Que numa hora eu não tire.

C.—Romano não resta duvida
Que você está illudido,
Garanto que seu orgulho
Desta vez é abatido.
Nove mezes me abarraco
Mas não me dou por vencido.

R.—Carneiro eu não tenho orgulho,
Sou manso como um cordeiro,
Porem ninguem com parolas,
Não me convence ligeiro,
Me abarraco nove mezes
Até vencer o Carneiro.

C.—Romano você não sabe
Quem eu sou quando me assanho,
Não deixo na minha terra
Prosar cantador extranho;
Eu sou um Carneiro velho.
Que morre pelo rebanho.

R.—Carneiro e eu custumo
Em qualquer parte que chego
Obrigiar cantor valente
Se humilhar, chegar-se a rego.

Você é Carneiro velho
Mas hoje fica borrego.

C.—Romano você perdeu-se
Nesta viagem que fez,
Fatalmente o meu collega
Tem de deixar desta vez:
Os filhos na orphandade
E a mulher na viuvez.

R.—Do dizer para fazer
Vai muita coisa Carneiro,
Você pretende vencer-me
Mais eu o venço primeiro;
E' quando vira o feitiço,
Por cima do feiticeiro.

C.—Romano você me diga
Por quaes terras tem andado,
Quantos livros já tem lido
Que tempo tem estudado,
Quantos annos tem de idade,
Que cantores tem tirado?

R.—Tenho trinta e cinco annos,
Sou muito pouco corrido,
Quasi nada estudei
Poucos livros tenho lido,
Vinte cinco cantadores
De fama tenho vencido.

C.—Romano eu até aqui
Não achei competidor,
Sou um Carneiro orelhudo,
Meu chifre causa terror;
Minha lâ é uma couraça
Que assombra cantador.

R.—Minha vinda nesta terra
Só foi pegar-lhe, Carneiro,
Cortar-lhe a lâ e o chifre
Deixal-o prisioneiro,
Assignal-o para sempre
Desterral-o do chiqueiro.

C.—Romano eu não desconheço
No cantar sua eloquencia,
Porém não é em martello
Que o cantor mostra sciencia;
Nas letras é que se sabe
Quem é que tem competencia.

R.—Carneiro vamos então
Em um A B C completo:
Com o A escrevo Anacleto
André. Augusto, Abrahão,
Amaro, Athanasio, Antão,
Apollinario, Adelino,
Agostinho, Alexandrino,
Aprigio Anthero, Adriano,

Anastacio, Aureliano,
Aleixo, Ambrosio, Avelino,

C.—Romano, eu devo ser franco
Pois, não sou absoluto;
Confesso que desse geito
Não lhe acompanho um minuto;
Me considerovencido;
Cante só que eu o escuto.



GERMANO ALVES DE ARAUJO LEITÃO

(GERMANO DA LAGOA)

(1842 a 1904)

Germano da Lagôa, assim chamado por que residia em Lagoa de Dentro, (Teixeira) nos limites com o Pajehù. (Pernambuco), era oriundo dos Leitão, cujo tronco principal foi João Leitão, primeiro donatario d'alli e dos Nogueira Campos, incolas do Pajehú.

Entre seus ancestraes, encontram-se intelligencias poeticas, como a que illuminava ao seu tio Antonio Nogueira Campos de quem um seu contemporaneo, Joaquim Lopes, contava aneddotas, e lembrava versos.

Uma feita, estando elle numa festa, o Lopes o interpella, obtendo promptas respostas :

Quem afugenta o demonio ?

—Antonio !

Quem é a flor da Ribeira ?

—Nogueira !

Quem anda sempre amplo ?

—Campo !

e elle glosou :

Abra-se o céu em *relampo*

E brade a voz do trovão

Que a alegria do sertão

É Antonio Nogueira Campo.

Germano da Lagôa foi um grande repentista
A sua especialidade em cantoria éra a estrophe em

dez versos, que os cantadores chamam versos de dez linhas.

Neste genero éra elle respeitado pelos outros cantadores. Ninguem, como Germano, fazia com tanta rapidez e facilidade uma estancia de dez linhas.

Quando o vigario Bernardo de Carvalho Andrade, em 1888, foi obrigado pelos seus inimigos politicos, que lhe moveram um processo injurioso, a emigrar da villa do Teixeira para a cidade de Victoria, em Pernambuco, Germano, que éra parente do alludido vigario, escreveu uma poesia de satyras terribes contra o cel. Delmiro Dantas, que havia assignado e publicado alguns escriptos contra aquelle sacerdote.

Vê-se, nos versos a seguir, que Germano da Lagôa não só éra um bom poéta como não tinha mêdo de atacar os seus inimigos, mesmo que fossem alli homens de alta posição, como o éra Delmiro Dantas.

O VIGARIO DO TEIXEIRA

Não deve ser maltratado
Quem tem bom procedimento,
Quem desde o seu nascimento
É' do povo apreciado;
Só tú o tens aggravado
Com tua lingua grosseira;
Abandona essa carreira
Que tú mesmo comprehendes
Que és malvado se offendes
Ao vigario do Teixeira.

Raça de animal amphibio.
Conhecido cangaceiro,
Assassino e desordeiro,
Coração perverso e tibio,
Falla de um de teu *calibio*;
Que tenha a tua maneira;
Tua lingua traiçoeira
Até aos santos maltrata,
Somente tu achas falta
No vigario do Teixeira.

Caçando nos quatro ventos
Que comprehendem o Brasil,
Não ha animal tão vil
Que tenha os teus pensamentos,
Que são mais sanguinolentos
Do que a cobra mordedeira,
Aranha caranguejeira,
Coração de iniquidade,
Abusaste da bondade
Do vigario do Teixeira.

* * *

Do Ceo terás o castigo

Agora ficou provado
Que procedes de Caim;
Nunca vi um tronco ruim
Dar um fructo apreciado.
Tens um instincto malvado,

Do direito és inimigo!...
Eu em verdade te digo
Que o diabo é teu socio;
Tú com Deus não tens negocio;
Do Céu terás o castigo!

Alma que o diabo engeitou,
Lingua que a terra não come;
Maldicto seja o teu nome;
Na terra que te criou,
O diabo te atentou,
Tomaste elle por amigo;
Eu te renego e maldigo!
Coração vil e tyranno,
Se permaneces no engano,
Do Céu teras o castigo!

Ó Casamento de um Calangro

Foi um calangro na casa
De seu tio papavento,
Tomou-lhe a benção e disse,
Antes de tomar assento:
Venho lhe pedir a mão
De sua filha em casamento.

Papavento respondeu-lhe:
Tua linhagem descobre
Que inda és meu parente,
Descendes de sangue nobre,

Mas não te dou minha filha
Porque tú és muito pobre.

Bem conheço que sou pobre,
Não é preciso que diga,
Mais não se fala em pobresa
Quando um forte amor se liga,
Val mais que o senhor me a dê
Do que haver uma intriga.

Papavento respondeu-lhe :
Em vista do teu assumpto
Eu como pae de familia
Uma cousa te pergunto:
Se fóra do dia de hoje,
Com ella já andaste junto ?

Calangro lhe respondeu :
Meu tio deixe de asneira,
Que fóra do dia de hoje
Temos feito é muita cêra
E temos andado juntos
Uma semana inteira.

Papavento disse: Isto
Que me diz é uma affronta,
Você é um atrevido
E minha filha uma tonta;
Póde ir botar os banhos
Que a dispensa eu dou prompta.

Calangro sahiu aos saltos
De tanto contentamento,
Não parava mais em casa
Não trabalhava um momento,
Passava dias e noites
Em casa do papavento.

Papavento, quengo velho,
Mestre na velhacaria,
Disse a mulher:—Que vem ver
Calangro aqui todo dia.
Tome cautella com elle,
Viva com a noiva de espia.

No outro dia Calangro
Foi de novo ver a prima,
Achou-a longe de casa
Trepada em um pé de lima
Calangro fallou em baixo
Ella respondeu-lhe em cima.

Disse ella então ao Calangro;
Não sabes, meu namorado?
Que esta noite, eu vi papai
Fallando bem agastado,
Calangro disse me conte
O que por lá foi passado.

Papai disse a minha mãe
Que queria lhe pedir
Para que você deixasse
De tantas vezes lá ir,

E se elle isto fizer
Só tem de ver eu fugir.

Calangro olhou para a prima
Achou-a muito amarella,
Foi ao papavento e disse:
Fique com sua *donzella*
Que eu não sirvo p'ra remendo,
Caçe outro e case ella.

Papavento disse:—Isso
Não é cousa que se faça
Se seu pai não der um geito
Você não gosta da graça;
Ou casa com minha filha
Ou se acaba a nossa raça.

Foi a noiva se queixar
Ao pai de seu namorado
Disse ao velho:—Meu tio
Tenha dó de meu estado
Pois eu não sou cão sem dono;
Calangro está enganado.

Se o senhor não der um geito
Eu me queixo ao delegado,
Meu pai tem dinheiro e gasta
E é feio o resultado;
Seu filho está bem moço
Poderá ser recrutado.

O pai de calangro disse :
Não tenho geito a lhe dar ;
E a noiva, d'ali mesmo
Saiu para se queixar
Ao capitão cururú
Delegado do lugar.

Cururú ouviu a queixa
E saltou fóra do poço,
Dizendo enthiasmado,
Vamos ter barulho grosso ;
A Excellentissima volte
Que eu mando prender o moço.

Tocou logo uma bozina
Que ficou tudo assombrado,
N'uma hora o alagadiço
Estava cheio de soldado,
Tudo gritando a um tempo
A's ordens! seu delegado!

— Vão em casa do juiz
Para passar o mandado
Ao official de justiça
Quero o Calangro intimado
E se elle resistir
Venha morto ou amarrado.

O cabo disse ao sargento ;
— Bote os soldados na frente,
Eu não vou que sou casado,
Calangro é homem valente,

Se elle pegar nas armas
Mata hoje muita gente.

Ahi disse o official,
Vão indo de vagarinho,
Primeiro, cerca-se a casa,
Empiqueta-se o caminho,
Vocês segurem o cerco
Que eu pego o homem sosinho.

O official era o gato
Que conduzia o mandado,
Calangro quando ouviu
Dizer que estava cercado
Disse de dentro p'ra fóra:
—Não deixo vivo um soldado.

O gato ahi respondeu-lhe:
—Quem vai dar leva seu sacco;
Saia fóra, vamos ver
Quem de nós dois é mais fraco.
Nessas palavras calangro
Veio o bocca do buraco.

O gato pulou de cá
E pegou-o pelo rabo,
E foi dizendo se renda
Se não eu já o acabo,
Calangro grita estou preso;
Vá acabar com o diabo.

Nesta lucta que tiveram
Deixaram o calangro nú
E assim mesmo o levaram
A' vista do cururú
Que o interrogou dizendo :
—O que é que fizeste tú?

Disse o calangro o que fiz,
E' cousa que não offende,
Eu quiz casar com a prima
E... o senhor bem me entende...
Julgo até que não tem crime
Quem com tempo se arrepende.

Cururú disse:—O senhor
Cahiu num feio artigo ;
E para punir a honra
Sou rigoroso comsigo ;
Ou se casa, ou senta praça,
Ou a forca é seu castigo !

Eu não queria casar
Porque me vejo em atrazo
E não quero assentar praça
Para ser soldado raso ;
Em vista do que me diz
Se hei de morrer, antes caso.

Disse o cururú:—Vão ver,
P'ra casa do papavento
O padre tamanduá,
E dêm á festa andamento,

Por que de hoje a trez dias
Se fará o casamento.

Convidem dona Raposa
P'ra da noiva ser madrinha,
Ella veja se arranja
Por lá alguma gallinha
Para ajudar na festa,
Que a outra despeza é minha.

Foram ver o tejú-assú
P'ra do noivo serpadrinho;
Esse, disse ao portador
Quando vinha no caminho:
Se houver óvos, eu vou,
Por que não bebo vinho.

E outra cousa, tambem,
P'ra eu não ir enganado:
Sabe se o major cachorro
P'ra festa foi convidado?
Se toi, eu volto d'aqui.
Que elle é meu intrigado...

Finalmente se juntaram
A raposa, o tejú-assú,
O papaventó e a mulher,
A seriema, o urubú,
Padre, noivos, convidados,
Só faltou o cururú.

Urubú foi cosinheiro ;
Fez um comer muito ruim,
Adquiriu para o padre
Uns pedaços de copim,
E elle comia dizendo
E' pouco, só dá pra mim.

Quando estava posta a mesa
Um guarda, a porta espiava ;
E foi então avisar
Que o cachorro chegava
Tejú-assú levantou-se
E disse que não ficava.

Disse a raposa:—Eu não saio
Deixando o meu prato cheio,
Tejú-assú disse:—Eu corro
Que o barulho aqui é feio,
Nisto o cachorro pegou-o
E cortou-lhe o rabo ao meio!

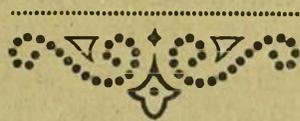
Sahiu o tejú-assú
Damnado pela floresta
Levando pedras e páos
Tudo de eito na testa ;
Encontrou cameleão
Que inda vinha p'ra festa.

Cameleão quando ouviu
De seu parente a zuada,
Assombrado perguntou-lhe :
—O que há meu camarada?

Temos barulho na festa,
Ou me vem com caçada?

Caçada, o que seu mano,
Foi um barulho do diabo;
Major cachorro chegou
Peor do que um leão brabo,
Botou-se primeiro a mim
Olhe o que me fez no rabo!

Numa luta sanguinaria
Se empenharam os convidados
Os que escaparam com vida
Fugiram ensanguentados;
Desde esse dia ficaram
Os animaes intrigados.



MANOEL CABECEIRA

(1845 a 1914)

Manoel Cabeceira, natural do Rio Grande do Norte, tendo emigrado com alguns membros de sua familia, no anno de 1870, veio fixar residencia no municipio de Bananeiras, do Estado da Parahyba. Era cantador repentista; rimava com espantosa facilidade, sabia ler e escrever. Seu irmão, José Cabeceira, tambem cantava, porem não tinha o talento e a veia poetica de Manoel Cabeceira, que era um verdadeiro genio da poesia popular. Era elle um typo vermelho e de cabellos enroscados; tinha muita coragem e não era malvado; gostava da lucta.

Nunca um aggressor puchou uma arma para o ferrir, que não se visse desarmado immediatamente. Cabeceira, que não era um perverso tomava-lhe as armas num abrir e fechar de olhos; dava-lhe algumas quedas e o mandava ir embora. Quando algum Capitão de Campo não conseguia prender um escravo fugido, era Manoel Cabeceira quem fa amarrar o negro.

Certa vez, na feira de Goyanna, um delegado de policia chegando-se a Cabeceira disse-lhe: «Esteja preso!». Cabeceira, fazendo um rapido movimento com as mãos, disse: «E eu o matei!». O delegado deu um grande pulo e Cabeceira, rindo-se fugiu por entre a multidão dos matutos feirantes.

Em 1908 tive occasião de ouvir Manoel Cabeceira cantar na villa de Serraria. Ouvi-o com grande admiração cantar repentés, meia hora em sextilhas, fazendo as estrophes todas em rimas fechadas, como fez Camões nos Luziadas.

Publico em seguida a celebre peleja de Manoel Cabeceira com Manoel Caetano.

Cabeceira estava cantando na fazenda "Pedra d'Água, quando recebeu uma carta do Capitão João de Mello, de Chã do Moreno, avisando-o de que o Moreno estava tomado pelo cantador Manoel Caetano.

Cabeceira ao receber a carta, seguiu immediatamente para Moreno, afim de defender o lugar de sua residencia. Despedindo-se do povo de "Pedra d'Água", com o seguinte improviso :

O Moreno está tomado
Eu volto e vou defendê ;
Mas, se eu apanhar do negro,
Dez annos ninguem me vê.

*
* * *

Ao chegar em Moreno, foi recebido por Manoel Caetano com a seguinte estrophe :

M. Caet.—Deus vos guarde, meus senhores,
Que estou cantando bem ;
Quem é o Manoel Cabeceira,
Dos cavalleiros que vêm ?
Pode ser cantor de fama,
Mas, p'ra mim não é ninguem !

M. Cab.—Negro Manoel Caetano,
Focinho de Papavento,
Tanto eu tenho de vermelho
Como tú tens de cinzento :

Porque entraste em Moreno
Sem o meu consentimento ?

M. Caet.—Não preciso de licença,
Para cantar no Moreno :
Eu para dar em cantor
Occupo qualquer terreno ;
Homem que rouba cavallo (*)
Passa a noite no sereno.

M. Cab.—Negro, trate com respeito,
Não seja tão atrevido ;
Passo a noite no sereno
Atraz de negro fugido ;
Você pode ser captivo
E andar aqui escondido.

M. Caet.—Senhor Manoel Cabeceira,
Pode inchar o seu «gogó»,
Quanto mais estremecer
Mais eu lhe dou de cipó ;
Hoje eu lhe trago apertado
Como rato no quixó.

M. Cab.—De onde veio esse negro
Do cabelo pixaim ?
Que está parecendo ser
Da familia de Caim ?

(*) Diziam as más linguas que Manoel Cabeceira dava-se ao esporte de furtar cavallo; entretanto isso nunca foi provado.

Nunca gostei de mulato
Porque é gente ruim !

M. Caet.—Você me chama de negro
Do cabello pixaim ?
Meu cabello leva banha
E o seu leva *toicim* ;
Me diga “seu” *sarará*,
Quanto você deu por mim ?

M. Cab.—Negro, encurta essa lingua,
Vae conhecer teu logar ;
Olha que eu sou homem branco
Que nasci para mandar ;
Eu não sou da tua igualha,
Muleque pé de “xambar”.

M. Caet.—Me comparou com a cabra
Sem eu ser do seu chiqueiro ?
Está me chamando negro
Sem eu custar seu dinheiro ?
Se quizer ser respeitado,
Respeite o negro, primeiro.

M. Cab.—Negro, podes ir embora,
Porque de ti não preciso ;
Tú não podes cantar mais
No terreno em que eu piso ;
Aqui, na Chã do Moreno
Caso, confesso e baptiso.

M. Caet.—Você a mim não baptisa,
Porque já sou baptisado,
Não confessa e nem me casa,
Porque eu já sou casado ;
Quedê a tua batina
Vigario *descoroadado* !...

M. Cab.—Senhor Manoel Caetano,
Eu sou Manoel Cabeceira,
Tenho montes elevados
Que ninguem sobe a ladeira;
Hoje aqui você verá
Isso, quer queira ou não queira.

M. Caet.—Senhor Manoel Cabeceira,
Mais alta é a Borborema,
Mas eu subo em qualquer canto
Sem temer que o peito gema;
Quanto mais você que é baixo
É que já tomei-lhe a extrema.

M. Cab.—Manoel Caetano, eu agora,
Preciso te declarar
Que no assumpto cantoria
Nunca achei, tomára achar
Um cantador de viola
Que me fizesse calar.

M. Caet.—Então eu vou dar um páo
Para você se *atrepá*,
No tronco, eu boto uma onça,
No meio um maracajá,

Em cada galho um inxú
E no olho um arapuá.

M. Cab.—Eu passo fogo na onça
E derrubo o maracajá,
Chamusco os inxús a faixo,
E queimo o arapuá ;
Deixo o páo limpo *indefeso*
P'ra você nelle *trepá*.

M. Caet.—Saiba, senhor Cabeceira
Que eu vinha em sua batida
Como caetetú por *lóca*,
E mosquito por ferida ;
Você caiu-me nas unhas,
Vae encontrar grande lida.

M. Cab.—Saiba, senhor Caetano,
Que eu andava em sua fama
Como macaco por côco,
Como trahira por lama ;
E o peixe aonde se mata
No mesmo lugar se escama.

M. Caet.—Hoje aqui ha de vê
Como Caetano dá nó,
Como Cabeceira cai
Como peixe no *anzó* ;
Já que não podes commigo,
Vai *caximbá* que é *mió*.

M. Cab.—A ponte de Caxangá,
Foi feita por *giringonça* ;
Peia é comer de negro,
Negro é comer de onça;
Te prepara p'ra apanhar
Negro da cabeça sonsa.

M. Caet.—A ponte de S. Antonio
Foi feita por certa escala;
Bacalhau comer de cabra,
E cabra comer de bala;
Você pensa que me dá
Mas você arrasta a mala.

M. Cab.—Manoel, vi tua familia
Em Punaré de Bondó;
Tua mãe vendia tripas,
E o teu pae mocotó;
Teu avô vendia azeite
Lambuzava tua avó.

M. Caet.—Tambem vi tua familia
Lá no porto de Macáu;
Teu pae era um cabra velho
Tocador de birimbáu:
Tua mãe uma curuja
Morava em ôco de páu.

M. Cab.—Hontem eu vi tua mãe
Deitada dentro de um ninho;
Mais tarde foçando a lama,
Com uma argola no focinho,

Mastigando nó de canna,
Com um bando de bacurinho.

M. Caet.—Eu tambem vi tua mãe
Na capoeira amarrada,
Comendo capim de planta
Se espojando encabrestada;
Parece muito contigo,
Tem até a cor rudada.

M. Cab.—“Seu” Capitão João de Mello
Dê licença, sem demora,
E veja eu rasgar um negro
No cachorro da espora!

M. Caet.—Senhores que estão na casa
Do capitão João de Mello
Venham ver como é que um negro
Estraçalha um amarello!

O dono da casa, vendo que os cantadores queriam brigar, mandou suspender a cantoria e procurou evitar o conflicto.

Os dois contendores olharam-se, compreenderam que ambos eram bons repentistas e tinham coragem igual. Então, apertaram-se as mãos e se tornaram bons camaradas. Cantaram, juntos diversas outras vezes, mas, nunca mais em desafio.

Manoel Caetano residia em Barra de Santa Rosa, no Estado da Parahyba.

Fora captivo; tendo se dedicado a vida de cantador o seu senhor dera-lhe a carta de alforria.

Caetano teve uma outra peleja com o cantor Rio Preto, que tambem era negro como elle; tendo Manoel Caetano vencido o Rio Preto.

SILVINO PIRAUÁ LIMA

(1848 a 1913)

Silvino Pirauá era natural de Patos. Foi discípulo de Romano, de quem era muito amigo. Tocava viola admiravelmente e foi repentista exímio. Foi o iniciador do romance em versos. Gostava das descrições geográficas e românticas.

São de sua autoria as "Historia do Capitão do Navio", das "Tres Moças que quizeram casar com um só moço", de "Zezinho e Mariquinha", "A vingança do Sultão", "Descrições da Parahyba", do Amazonas", etc. etc.

Em companhia de seu discípulo Josué Romano, percorria annualmente os Estados do Nordeste, cantando ambulante.

Na sêcca de 1898, emigrou para o Recife, onde fixou residencia.

Em Pernambuco, o grande menestrel acompanhado dos cantores José Duda, Antonio Baptista Guedes e outros illustrou com o estro do seu formidável talento o folk-lore regional.

E como todos os cantadores, era pobre; no dia em que falleceu a sua esposa, elle não tendo dinheiro, foi cantar, afim de ganhar o necessario para fazer o enterro.

Quando foi atacado das variolas que o mataram, em 1913 achava-se cantando na cidade de Bezerros.

Silvino Pirauá, foi depois de Romano, o maior cantador do Nordeste, nunca foi vencido, mas, venceu muitos cantadores.

Nas paginas a seguir, os leitores encontrarão algumas poesias desse grande cantador, que era chamado pelos seus collegas—o encyclopedico.

HISTORIA DE CRISPIM E RAYMUNDO

O caso que vou contar
No sertão aconteceu;
E' a historia de um conflicto
Que entre dois homens se deu;
Um foi preso e processado,
O outro na lucta morreu.

O primeiro se chamava
Chrispim da Cunha Dourado,
Tinha muitos bons costumes,
Era homem ponderado;
Como bom pae de familia,
Era então considerado,

O segundo se chamava
Raymundo Dias Valente,
Era homem viciado,
Cachaceiro e imprudente;
Não respeitava ninguem,
Tinha fama de insolente.

Vindo Chrispim do roçado
Encontrou casualmente
O Raymundo que andava
A procura de aguardente;
Já um pouco *prea-mar*
Intimando de valente.

Chegaram em uma venda,
Raymundo mandou botar
Dessa vez meia garrafa,
Mandou Chrispim segurar
No copo e beber primeiro
Com a condição de virar.

Chrispim lhe disse:—Raymundo,
Tal ataque não me faça;
Para eu virar este copo
Devo encarar a desgraça:
O homem alcoolizado
A qualquer perigo abraça.

Raymundo disse;—Chrispim,
Pegou no copo virou!
Bebe por bem ou por mal
Visto que nelle pegou,
Se não já lhe mostrarei
No punhal o quanto sou!

Chrispim lhe disse:—Raymundo,
Eu não bebo aguardente;
Para virar este copo
Caio logo de repente;
Mas para satisfazel-o
Bebo um golpinho somente.

Raymundo foi a Chrispim
Pegou-o pela cintura;
Disse: ou você vira o copo
Ou eu dou-lhe a sepultura;

Ferida de meu punhal
Não tem remedio nem cura.

Vendo Crispim que morria
No punhal do tal Raymundo,
Com a foice que trazia
Lhe deu um golpe profundo
Que eile em poucos minutos
Já estava no outro mundo.

Vinha chegando um inspector
Achou Raymundo no chão,
Prendeu logo ao Crispim
Sem lhe prestar atenção,
Dizendo: Eu não admitto
Crimes no meu quarteirão.

Seguiu o tal inspector
Em busca do delegado,
Chegando na casa deste
Com Crispim preso e amarrado,
De chapéu na mão fallou-lhe
Todo enthusiasmado:

Illustrissimo senhor,
Honradissimo delegado,
Aqui está um criminoso
Que por mim foi capturado;
Matou um pae de familia
Homem bem considerado,

Logo na cadeia publica
Foi Chrispim encarcerado;
Depuseram as testemunhas,
Teve de ser processado,
Sem ser em nada attendido,
Foi logo pronunciado.

A pronuncia sustentando
O libello offericido,
Ficou fechado o processo
Sem Crispin ser attendido,
Só no Tribunal do Jury,
Podia ser decidido.

Havendo sessão do Jury,
Para Chrispim ser julgado,
Pela forma do direito
Foi o Conselho formado;
O Juiz então perguntou-lhe
Se já tinha advogado.

Respondeu Chrispim que tinha,
Visto lhe ser perguntado;
O juiz disse p'ra elle:
—Diga lá o seu estado.
E se sabe por qual motivo
Vae agora ser julgado ?

Tudo Chrispim respondeu,
Com toda serenidade;
Fallando com energia
Sem se arredar da Verdade;

Assim mostrando que tinha
Alguma dignidade.

Perguntou-lhe o Juiz se houve
Um motivo imperioso
Para elle matar Raymundo
Ficando assim criminoso,
Por ter commettido um crime
Tão medonho e horroroso ?

—Que o matei, fallo a verdade,
Não posso contradizer:
Fui aggredido por elle
Sem poder me defender;
Em minha defeza propria,
Matei para não morrer!...

Nas declarações do réo,
O Juiz não achou excesso ;
Ficou o Jury sabendo
Que elle era réo confesso ;
O escrivão deu começo
A leitura do processo.

Depois da leitura finda
O tal processo seguiu
Para as mãos do Promotor,
Que sobre a mesa o abriu ;
Tendo pedido a palavra,
A accusação proferiu:

—Senhores, tenho nas mãos
Um processo volumoso;
Vêde o que diz o libello,
Contra este criminoso;
E' um assassino confesso
Autor de um crime horroroso.

Senhores, o Réu presente
Dominado de paixão,
Matou um pae de familia,
Sem lhe assistir a razão:
No processo está provado
A sua mal intensão.

O Réu matou a Raymundo
Por sua livre vontade,
Deixando a familia delle
Na maior necessidade;
A mulher na viuvez
E os filhinhos na orphandade.

O Réu assim procedendo
Mostrou ser muito malvado;
Do processo se collige
Que foi de caso pensado,
Que elle quiz commetter
Um crime tão reprovado.

O Réu commetteu um crime
Em tudo repugnante,
Qualificado na Lei
Como delicto aggravante;

Em seu favor não existe,
Nem um só attenuante.

A viuva com os filhos
Envoltos em negro véo.
Estão sem ter um consolo,
Com os olhos fitos no céu,
Pedindo justiça a Deus.
E a condemnação do Réu.

Chorando todos lamentam
O ser amado perdido,
Os filhinhos por seu pae
A mulher por seu marido;
Estão pedindo justiça
Para o crime commettido.

Senhores, o Réo presente
E' um monstro da natureza;
Matou o seu semelhante
Somente por malvadeza;
Quem mata sem ter razão,
Nem devia ter defeza.

Senhores, um crime tal,
Sò o pratica um incréo,
Que não respeita a justiça
E nem deseja ir ao Céu;
Em nome da Lei eu peço
A condemnação do Réo.

Como pede no libello
No artigo destinado;
Cento e noventa e dois
Gráo maximo confirmado.
Faça o conselho justiça
A este Réo accusado.

Terminada a accusação
Por parte do Promotor,
O processo foi entregue
Ao nobre defensor
Para fazer a defeza
Do Réo, com todo valor.

Então o advogado
Se levantou da cadeira,
Principiou a defesa
Por uma bôa maneira;
Descrevendo claramente
A historia verdadeira.

Meus senhores, eu lamento
Não ser bom advogado,
Para defender o Réo
E ter um bom resultado;
Fazendo ver as razões
Que tem o meu Querelado.

Com toda a minha franqueza,
Atenção a todos peço,
Para mostrar a verdade,
E' em que mais me interesse

Contra a ilegalidade
Que vejo neste processo.

O primeiro ponto é,
Sobre a causa do delicto ;
Não foi de caso pensado
Que se deu o tal conflicto ;
Foi um facto casual
No qual eu muito medito.

Contra meu constituinte
A justiça se tornou
Muito severa de mais ;
Pela culpa que formou,
O que éra mais necessario
Esquecido então ficou.

Vindo Chrispim do roçado,
Sucedeu casualmente
Encontrar-se com Raymundo
Que vinha ligeiramente,
Nessa mesma occasião
A procurar aguardente.

Como eram conhecidos,
Seguiram juntos então,
Chrispim um mau pensamento
Não tinha no coração ;
Raymundo, provavelmente,
Já vinha com má tenção.

Chegaram em uma venda,
Raymundo mandou botar
Dessa vez meia garrafa
E logo sem demorar
Deu a Chrispim p'ra beber
Com a condição de virar.

Chrispim lhe disse:—Raymundo,
Eu não costumo beber;
Para virar este copo
Saiba que não pode ser;
Apenas bebo um pouquinho
Para lhe satisfazer,

Raymundo lhe respondeu
De um modo desleal;
—Camarada o nosso encontro
Hoje tem que acabar mal:
Ou você bebe ou morre
Na ponta de meu punhal.

E tendo o punhal em punho
Pegou Chrispim na cintura,
Este com medo e antevendo
Abrir-se-lhe a sepultura,
Deu um golpe em Raymundo,
Quasi em estado de loucura.

Matar o seu semelhante
E' um crime horroroso,
Mas sendo em defeza propria
Não se torna criminoso;

Se quem mata tem virtude
Chispim é um virtuoso.

A lei accusa a quem mata
Se matar por malvadeza;
Da mesma forma defende
Quem mata em propria defeza;
Deve defender Chispim
Que matou sem ter certeza.

Existindo no libello
Circumstancias aggravantes,
Contra o meu querellado
As provas não são bastantes,
E eu para destruil-as
Sobram-me os attenuantes.

Não consta desse processo
Haver premeditação;
Ou emboscada que fosse
Em lugar de solidão;
De perpetração do crime
Não houve tal intenção.

Disse o nobre promotor,
Que este infeliz querellado,
Por ser um homem perverso,
Matou de caso pensado;
Peço a elle que me mostre
Aonde isto está provado.

A gravidade do crime
Existe na intensão,
Certeza de practical-o
Com furiosa paixão ;
Havendo caso pensado
Para ter execução.

No ilustrado Conselho
Existe a competencia
De absolver a Chrispim
Com justiça e consciencia;
Quando a verdade triumphá,
E' dispensada sciencia.

Confiado no Conselho
Pela forma do direito.
Terá o meu querellado
Um justo e feliz conceito;
Tendo a absorvição
Ficando assim satisfeito.

O Conselho de sentença
Vendo que toda a razão
'Stava ao lado de Chrispim,
Com a devida aptidão,
Em face da mesma lei,
Lhe deu a absolvição.

Levantou-se o juiz e disse
Com sua austera presença:
Em vista da decisão
Do Conselho de sentença

Dou ao réo a liberdade
Que a Justiça lhe dispensa.

E tudo vem a ser nada

Tanta riqueza enserida
Por tanta gente orgulhosa,
Se julgando poderosa
No curto espaço da vida;
Oh! que idéa perdida,
Oh! que mente tão errada,
Dessa gente que enlevada
Nessa fingida grandeza
Junta montões de riqueza,
E tudo vem a ser nada.

Vemos um rico pomposo
Affectando gravidade,
Ali só reina bondade,
Nesse mortal orgulhoso,
Quer se fazer caprichoso,
Vive de venta inchada,
Sua cara empantufada,
Só apresenta denôdos
Tem esses inchaços todos
E tudo vem a ser nada.

Trabalha o homem, peleja
Mesmo a ponto de morrer,
E' somente para ter,

Que elle se esmoreja,
As vezes chove e troveja
E elle nessa enredada,
Alguns se põem na estrada
A' lama, ao sol ao chuveiro,
Ajuntam muito dinheiro,
E tudo vem a ser nada,

Temos palacios pomposos
Dos grandes imperadores,
Ministros e senadores,
E mais vultos magestosos;
Temos papas virtuosos
De uma vida regrada,
Temos tambem a espada
De soberbos generaes.
Commandantes, Marechaes,
E tudo vem a ser nada.

Honra. grandeza, brazões;
Enthusiasmos, bondades;
São completas vaidades
São perfeitas illusões,
Argumentos, discursões;
Algazarra, palavrada,
Synagoga, caçoada,
murmurios, tricas, censura,
Muito tem a creatura,
E tudo vem a ser nada.

Vae tudo numa carreira
Envelhece a mocidade,
A avareza e a vaidade
E' quer queira ou não queira;
Tudo se torna em poeira,
Cá nesta vida cançada
E' uma lei promulgada
Que vem pela mão Divina,
O dever assim destina
E tudo vem a ser nada.

Formosuras e illusões,
Passa-tempos e praseres;
Mandatos, altos poderes;
De distinctos figurões,
Cantilenas de salões;
E festa engalanada,
Virgem-donzella enfeitada
No goso de namorar,
Mancebos a flautear,
E tudo vem a ser nada.

Lascivas, depravações
Na immoral petulancia,
São enlevos da infancia.
São infames Corrupções;
São fingidas seduções
Que faz a dama enfeitada
Influi-se a rapasiada
Velhos tambem de permeio,

E vivem nesse paleio,
E tudo vem a ser nada.

Bailes, theatros, festins,
Comedia, drama, assembléa,
Club, lyceu, épopéa;
Todos aguardam seus fins,
Flores, relvas e jardins,
Festas com grande zuada,
Outeiro e Campinada
Frondam, copam e florescem,
Brilham, luzem, resplandecem;
E tudo vem a ser nada.

O homem se julga honrado,
Repleto de garantia,
De braços e fidalguia.
E' elle considerado,
Mas, quanto está enganado
Nesta illusoria pousada
Cá nesta breve morada.
Não vemos nada immortal
Temos um ponto final;
E tudo vem a ser nada.

Tudo quanto se divisa
Neste cruento torrão,
As arvores, a criação,
Tudo em fim se finalisa,
Até mesmo a propria brisa,
Soprando a terra escarpada,

Com força descompassada
Se transformando em tufão,
Deita páu rola no chão,
E tudo vem a ser nada.

Infindo só temos Deus,
Senhor de toda grandeza,
Dos céos e da natureza,
De todos os mundos seus.
Do Brasil, dos Europeus,
Da terra toda englobada
Até mesmo da manada
Que vemos no arrebol:
Nuvem, lua, estrella e sol,
Tudo mais vem a ser nada.



LEANDRO GOMES DE BARROS

(1868 a 1918)

Leandro nasceu no Municipio de Pombal, no Estado da Parahyba. Até aos quinze annos de idade, residiu na villa do Teixeira, mudando-se então para a cidade de Victoria, em Pernambuco, onde iniciou a publicação dos seus apreciados folhetos em versos. Tambem residiu alguns annos em Jaboatão, transportando-se afinal para o Recife, onde viveu muito tempo. Foi o fundador da popular litteratura poetica de cordel no Nordeste. Escreveu cerca de mil folhetos de versos populares, tendo tirado dos mesmos mais de dez mil edições. Leandro manejava a sua veia poetica com fantastica facilidade. Foi um escriptor que viveu exclusivamente de sua penna — caso raro no Brasil.

Não teve outro negocio a não ser o de fazer versos e vendel-os. Muitos outros folhetistas surgiram depois de Leandro, mas nenhum o igualhou. Era o poeta do povo. Os seus folhetos ainda hoje são os mais procurados. Alem de muitos outros, escreveu os seguintes romances em versos: Historia de Alonso e Marina”, “Rosa e Lino de Alencar”, “Os soffrimentos de Alzira”, “A India Nocy”, “A mulher roubada”, “O Principe e a Fada”, “A Filha do Pescador”, “O Boi Mysterioso”, “João da Cruz”, “João Lezo”, “A Orphã Abandonada”, “Cancão de Fogo”, etc, etc. O seu genero principal era a critica mordaz e a pilheria. Gustavo Barroso (João do Norte) referindo-se a Leandro Gomes, escreveu no seu livro AO SOM DA VIOLA, á pagina 513, o seguinte :

“Repito o que disse de outras canções anteriores : difficilmente se encontrarão, em qualquer Folk-



Leandro Gomes de Barros
O MAIOR POETA POPULAR DE SEU TEMPO

Imprimé par la Société de l'Éducation
à Paris chez M. de la Harpe

Lore do mundo, motejos em versos mais bem feitos de que estes, devidos à inspiração do grande cantor popular dos Sertões do Nordeste,—Leandro Gomes de Barros, um verdadeiro Catulo da Paixão Cearense, daquelles asperos rincões”.

O escriptor refere-se ao “Debate do urubù com um nova-seita”, escripto por Leandro.

Leandro foi na realidade, o rei dos poetas populares do seu tempo.

Neste livro, inseri algumas poesias do genero critico de Leandro. Que o leitor as analyse e faça o seu conceito do talento desse immortal poeta.

A obra de Leandro, esse inolvidavel vate popular do Nordeste ainda está por analysar com o carinho e criterio a que sua intelligencia fez jùs. A custa de seus versos surgiram centenas de cantadores e folhetistas empavonados, onde ao menor lance de vistas, resalta a authenticidade do seu genero poetico.

Dá uma prova disso a galeria de Leonardo Motta onde o cunho da sua poesia não podia e nem poudeser occulto.

O FILHO DA CAIPÓRA

Eu sou o filho mais velho
Que produziu a Caipóra;
Tive por pae o desgosto,
Por mãe a minguada hora,
Por berço o centro da rua,
Por mamadeira uma púa,
Por cobertor a poeira,
Por panno de bunda o chão,

Tive a neve por timão,
E por collo o largo da feira.

Na noite em que eu nasci
Nem uma estrella brilhou,
O sol do dia seguinte
Lá dô nascente, voltou;
O mar sentiu um desfalque,
Soffreu a terra um ataque,
O vento não quiz soprar!...
A lua escureceu,
A atmospherá gemeu.
E a chuva poz-se a chorar...

Eu já tinha doze annos
Quando comprei uma calça;
Guardei-a, no outro dia
Foi comida pela traça;
Um cururú meu visinho
Fez do meu chapéu um ninho.
E enguliu meus sapatos ;
Já não tenho o que vestir,
E, á noite, se vou dormir,
Sou ruído pelos ratos.

E o meu irmão mais moço
Inda mais caipóra tem,
Esse quando fala em mim,
Diz que passo muito bem :
De noite, lhe doe um braço,
De manhã o espinhaço;

Sustenta as tripas num gancho !
Seus olhos querem saltar;
Chegam-lhe até a negar
A cadeia por arrancho !...

Ô Casamento

Quem é que casa-se agora
Vendo o mundo como está ?
Tudo ficou as avessas,
De dez annos para cá;
Farinha de mil e quinhentos,
Feijão de mil e duzentos,
Carne a dez tostões o kilo ;
Rois não ha quem não se vêxe
No rio não ha mais peixe,
Caça no matto ? nem grillo !

Case-se num tempo desse,
Vá constituir familia,
Logo o que primeiro compra
E' a roupa e a mobilia ;
Ha de preparar a casa
Que é onde o pobre se arrasa:
E' preciso fingir-se nobre,
Dizem, e eu certifico,
Que não ha defunto rico
Nem pode haver noivo pobre;
Casar-se, fazer-se chefe
De um exercito incorrigivel !

Fazer cruz cravar-se nella
Lutar com genio impossivel !
Trabalhar lutar com a sorte,
Captivar-se até a morte;
Isso é o que acho cascudo,
Acho bom que o povo diga :
Não és mestre de bexiga,
Como aguentas o canudo ?

Casamento é um acto serio
Que tem o que analisar,
Sustentar uma mulher
Do que ella precisar;
Fazer compras no mercado
Comprar-lhe roupa e calçado,
Leque, chapéos, extractos.
E agora ninguem falle
Em festa de igreja e balle
Reuniões e theatros.

Vamos agora na casa
Ver o que tem precisão,
Vamos entrar na cosinha
Principiar do fogão,
Precisa comprar chaleira,
Uma grelha, uma assadeira,
Caçarola p'ra guisar,
Compra isso já a força,
Diz a mulher ; compre louça,
Não tenho em que cosinhar.

Compra apparelho de louça
Para a mesa de jantar,
Compra enfeite para a sala
Para ninguem censurar,
Conserva jarro enfeitado,
Copo que não seja usado,
Sustenta a maldicta pompa
Ella os mais velhos dá fim,
Diz sorrindo: só assim
Um novo agora se compra.

Antes de haver este mundo
Tudo do nada constava,
Nem terra, nem luz, nem ar,
Nesta epocha fluctuava;
Deus sem precisar de estudo
Em seis dias formou tudo
Que hoje vemos existir,
De cada bicho um casal.
A Adão não deu igual
Para elle não se affligir.

Adão se vendo criado
A tudo superior,
Mas, não tinha companhia
Fazia queixa ao Senhor,
Deus o fez adormecido
Sem que lhe fosse sentido.
Tirou d'elle uma costella
E della fez a mulher.

Dizendo está o que quer,
Se arrume agora com ella.

Adão julgou-se tão rico
Que não soube calcular,
Eva era gorda e formosa
Digna de Adão a amar,
Depois qual o resultado ?
Eva com pouco cuidado
Comeu da fructa privada,
Por causa dessa comida
Acabou Adão a vida
No condurú da enxada.

Se Deus o tem feito agora
Elle não casava assim,
Embora elle amasse a Eva
Mas via o tempo ruim,
Havia de imaginar
Primeiro ia se arrumar,
Por outra qualquer maneira.
Ou talvez esmorecia;
Que em tempo de carestia,
Mulher não é brincadeira.

O PESO DE UMA MULHER

Não ha fardo mais pesado
Do que seja uma mulher
E nem ha homem que tire
As manhas que ella tiver,

O que pensar ao contrario
Pode dizer que está vario
E desesperado da fé,
Cahio na rede enganado
Um mez depois de casado
Elle sabe o que ella é.

O rapaz vê uma moça
Fica por ella encantado
Seductora e feiticeira,
Parece um sonho dourado;
Os labios parecem mel
Mas tendo a taça de fel
Guardada no coração,
O homem passa e não ver
E so chega a conhecer
Depois que está na prizão.

Pede-a em casamento e casa
Pensa que leva uma joia
Mas, leva é um carcereiro
Que o prende e não dar-lhe boia;
Se a mãe della for tambem
Elle véra muito além,
Por onde a fortuna passa
Exclama, fiquei sujeito !
Só a morte me dá geito
A sahir dessa desgraça.

Às 6 horas da manhã
O homem vai ao mercado

Faz as depezas do dia
Julga que está descansado,
Compra farinha e feijão
Carne, assucar, café, pão,
Verdura, fructa e toucinho ;
Ella diz : não se lembrou ?
Por que foi que não comprou
Alho, pimenta e cuminho ?

Não tem carvão, falta agua,
A manteiga se acabou ;
Cahiu gaz dentro do sal,
O assucar se derramou ;
Eu não sei isso o que é,
Inda não coei café
Porque não achei o pano ;
A casa não se varreu,
A vassoura se perdeu,
Não achei mais o abano.

A vizinha me tomou
O caldeirão emprestado,
Foi derreter chumbo nelle
Quando trouxe-o foi furado,
Tomou-me a colher de páu
Para mexer um mingáo,
Trouxe agora sem o cabo
Outra tomou o papeiro ;
Empestei o fogareiro ;
Este, levou o diabo.

Mas ella diz: Não se zangue
Isso são cousas do mundo;
A jarra hontem furou-se
O côco largou o fundo;
O bule já está sem aza,
A chaleira nova vaza,
A toalha foi no lixo,
Minha machina de coser,
Mandei mamãe a vender
Para jogar-se no bicho,

Sim, eu vou dizer-lhe logo
Antes que você dê fé,
Você se casou a pouco
Não sabe casa o que é:
A velhinha lavadeira
Chegou-me de uma maneira
Que já vinha sem sentido,
Eu com essa natureza,
Dei-lhe a toalha da meza
Para fazer um vestido.

Vá comprar outra toalha,
A mesa já está sem forro,
E em mesa sem coberta,
Quem come nella é cachorro;
Eu vou dar-lhe uma notinha:
Preciso tambem de linha
Para coser e bordar,
Compre um cartão de colchetes,

Uma carta de alfinetes.
Aguilha pente e *dedar*.

Quando for leve a vasilha,
E traga banha com cheiro,
Sim, eu já estava esquecida
De lâ para travesseiro,
E encomende um pilão;
Não tem toalha de mão,
E' necessario comprar;
Na compra das encomendas
Traga dez metros de rendas
E galão para enfeitar.

Diz a mãe della:—Menina,
Creio que tu já suppunhas
Que tinhas pedido tudo,
Falta com que corte as unhas;
O homem já está se vendo
Com o coração ardendo
Qual pimenta malagueta,
Diz a mulher: é verdade,
Não fiz crochet hontem á tarde
Porque perdi a caneta,

Veja se quando voltar
Não me chega sem dois pentes,
Eu me esqueci de lembrar lhe
Os galfos já estão sem dentes,
Os pires já estão rachados,
E os pratos arranhados,

A sopeira foi embora,
Está a casa em tal grandeza
De não se por mais a mesa
Se chegar gente de fora.

E se o marido disser-lhe:
Mulher não empreste tanto,
Ella ahi fica zangada,
Se amua logo num canto,
Pega a maldiser a vida.
Diz que vive succumbida
Quer ir ao baile não vai
E diz: mamãe foi casada,
Nunca fez conta de nada,
Emprestava até papai.

Mamãe conta que a mãe d'ella
Era muito bem casada,
Vovô era muito bom
Dava-lhe a vida folgada,
Ella em todo canto ia,
Passeiava divertia,
Ia a samba a qualquer hora,
E vovô nem se importava,
Tanto que ella passava
Cinco, seis meses por fora.

Vai consultar a mãe della
Essa ouve o que ella diz,
Se for uma sogra bôa
Diz'lhe faça como eu fiz:

—Seu pai também tinha isto
Quiz fazer de mim um Christo,
Eu fui quem crucifiquei-o
Você se finja doente,
E gema constantemente
E' esse o unico meio.

Assim fazem as da praça,
As da civilisação,
As roceiras innocentes
Fazem cortar coração:
Casa-se Joanna dos porcos
Com Zé de Mané dos tocos
Vão viver em harmonia,
Joanna fica em liberdade,
Deita-se logo de tarde
Accorda no outro dia.

Zé bota inhame no fogo
Chama ella para ceia,
Joanna ainda ergue a cabeça
Mas com a cara tão feia,
Diz Joanna:—Eu s'tou doente
Sinto o corpo todo quente,
Vou tomar um vomitorio,
Finge até que vae morrer
Que é para o Zé trazer
A ceia cá no *zidorio*. (*)

(*) Zidorio. Cama de varas.

Vai o Zé de madrugada
Ao roçado trabalhar,
Diz:—Joanna faça almoço
Dez horas hei de chegar;
Joanna fica deitada
No *zidorio* estirada,
E Zé com cuidado nella.
Dez horas elle ehegou.
O cachorro que ficou,
Foi quem lavou a panella.

Chega Zé bate na porta
Pergunta: Joanna o que tem?
Diz ella:—Estou quasi morta,
Não enxergo mais ninguem,
Assim que você sahiu
Minha cabeça tiniu,
Não pude me levantar,
E amanheci de um geito,
Que ainda não tem fogo feito,
Nem fiz o que se almoçar.

Chega seu Zé tão cançado
Inda vai para o fogão;
Côa café, assa carne,
E vai escolher feijão;
Joanninha em cima da cama
Estira a perna reclama
Que o almoço está custando,
Com frases de pasciente

Exclama:— Além de doente
A fome está me acabando.

Zé fica quasi a chorar
Quando vê d'ella o vexame,
Toca fogo na panella,
Descasca logo o inhame,
A carne ja está assada,
A batata cosinhada,
Vae ver mais lenha no matto,
Prepara logo a farinha,
Diz á cachorra:— Tainha
Negrinha, lave este prato.

Ora Joanna que criou-se
De casa para o roçado,
Bota o marido no bolço
Deixando—o impressionado;
E essas civilizadas!
Que ja são disciplinadas,
Que faz uma dessa então?
Faz o homem se torcer,
Este sim, pode dizer
Que soffre perturbação,

O individuo solteiro
Não sabe a vida o que custa,
Passa por cima da crise
Tempo máo não o assusta,
Mas quando quer se casar
Primeiro tem que comprar

Tudo que a casa precisa,
Dalli logo vai sabendo
O que outros s'tão soffrendo,
Porque mulher não alisa.

GENIO DAS MULHERES

Leitor, eu fui estudar
A conducta feminina,
Encontrei toda materia
Que pode ter u'uma mina;
Descobri alguns brilhantes,
Rubis, chrystaes, diamantes,
E phosphoro em quantidade,
Salitre enxôfre e carvão,
A mulher no coração
Tem disso uma immensidade.

A lingua é contaminada
De materias inflammaveis,
De muitos fluidos electricos,
E corpos desagradaveis;
Tem no peito um gavetão
Deposito de ingratição,
Odio, amor. e mau costume.
No pé do pulmão esquerdo
Tem um enorme torpedo
D'onde dispara o ciume,

Tem na face duas joias
De um brilho diamantino
Mais bellas do que a lua,
Tão fortes como o destino.
No peito um subterraneo,
E bem no centro do craneo
Um motor que é o juizo,
Nos labios, o magnetismo
Que atrai para o abysmo,
O homem por um sorriso.

Tem bem no pé da laringe
Uma valvula de amargura,
Por onde dispede a ira
E entra a maldade pura;
Então ao baço encostado
Tem um cofre preparado
Para calculos de illudir,
Junto do rim um deposito
Formado ali a proposito
Para o homem consumir.

Foi o que pude estudar,
Nesse genero de belleza
Ha muitas cousas occultas
Que só sabe a natureza,
Porque vemos na historia,
A mulher como uma gloria!
E um pesadelo eterno,
A mulher na illusão

De manhã é um verão
De tarde é tempo de inverno.

Nas jovens de quinze annos
Encontrei facilidade,
Nas de dezoito e de vinte.
Namoro sem amizade,
Encontrei nas de quarenta,
Quarenta e cinco e cincoenta,
Raio, corisco e trovão,
Muitas especies de drogas,
Tem se encontrado nas sogras
Com pequena excepção.

A mulher alva e pequena,
De olhar vivo. e ligeiro,
Esta faz mais mêdo ao homem
Do que trovão de janeiro!
A morena magra e alta,
Essa se julga sem falta
Sendo a mais pecaminosa,
Essa do olhar zarolho,
De uma belida no olho,
Jesus! como é perigosa!

Essas magras e pequenas
Dos cabellos mastigados
O homem que a possuir
Tem os dias desgraçados;
E depois se for idosa,
Jesus! como é preguiçosa

E damnada por enredo,
Se for uma alva e amarella
O homem que tiver ella
Abra o olho e tenha medo.

Uma dessas se casando
Com homem magro e pequeno
A saliva d'elles junta
Forma o mais forte veneno,
E' peor do que sicuta,
Pois tem força absoluta
E genio de satanaz
Com esta especie de droga
Quando uma d'essas for sogra
Faça idéia ella o que faz!

O INFERNO DA VIDA

Ha tres tormentos na vida
Que o homem tem porque quer,
Que é um menino engeitado,
Uma sogra, uma mulher,
Um avô velho tambem
Ninguem nota o que elle tem,
Mas, só em fazer sermões
E lembrar-se da mocidade,
Aflige a humananidade
Com essas lamentações.

A mulher é uma chaga
Que o homem tem sobre o peito,
Não ha remedio que a cure,
Só a morte dá um geito,
E' um asmatico vexado,
Que traz o homem atacado
Como a tísica pulmonar,
E' uma aneurisma forte,
Que só por meio da morte
Tem-se alivio desse mal.

A mulher é um peso enorme
Que o homem sempre conduz,
Tem mais peso que o madeiro
Onde cravaram Jesus.
Sogra representa Annás,
O sogro é um Caifaz,
Contrario do Salvador;
Os cunhados a multidão
Accusando sem excepção
Christo nosso redemptor,

Uma doença nos olhos,
Uma mulher bem gasguita,
Uma sogra *linguaruda*,
Haverá quem as resista?
Sogro velho cachaceiro,
Um cunhado caloteiro,
Uma mãe velha importuna,
Qualquer um que assim se vir

E isso tudo possuir
Não diga que tem fortuna.

Se for uma sogra bôa
Dessas a quem chamam mãe,
Não deixa sempre de unhar
Embora de leve arranhe ;
Mas dessas que tomam o *folgo*,
Que chamam prova de fogo,
Faz doer membro por membro,
Talvez que mais medo metta,
Do que aquelle cometa
Que se esperava em Novembro.

Esta recomenda a filha :
—Você não confie na sorte,
Não consinta seu marido
Calar-lhe o pé no cogote ;
Seu pai era um perigoso,
Tão ciumento e maldoso,
Que era um lobo carniceiro,
Veio a mim, eu fui a elle,
Fiz redea das barbas delle,
Está manso como um cordeiro.

Quando a moça é domestica,
Diz a velha:—Tu és molle
Vejas não te arrependas,
Quando ninguem te console ;
O homem é como o gato,
Deita-se ao formar o salto

Para o rato não fugir,
E com essa maciesa
Crava-lhe as unhas e a presa
E trata de o consumir.

A moça sendo de raça
Não é preciso ensinar,
Ella por si desenvolve-se
Pois tem muito a quem puchar,
A mãe era uma serpente
Ferina e encandecente,
Que todos tem medo della ;
Vive o homem neste risco
Morando com um corisco,
Ou com o comêta Biela.

Veja se o pobre diabo
Com uma mulher bem esperta,
Com a sogra dentro de casa,
Esse infeliz não aperta ?
A mulher fica enjoada,
Por nada chora zangada,
Diz que ainda deixa o marido,
E a velha na paixão,
Diz a ella :—Tens razão
Pois elle é muito atrevido.

O caso bem imaginado
Uma mulher pesa muito !
E se ella já foi viuva
E trouxe filho do defunto ?

Isto é que acho canudo,
O homem supprir de tudo
A quem na miseria achou ;
Tem que apertar o cinto
Para poder crear pinto
Que outro gallo gerou

A ESPERANÇA DO POBRE

O pobre nasce em um prologo,
Cria-se sempre lutando,
Aprende quasi correndo
E morre ainda esperando,
Planta feijão em janeiro,
Planta milho em fevereiro,
Na fé de matar a fome;
Trabalha que secca o braço,
Chega-lhe a largata em março,
Tudo que elle plantou come.

Se faz negocio se enrasca,
Se vende fiado perde,
Se o pae tiver rheumatismo,
Não ha força que o desherde,
Se planta a chuva lhe falta,
Se chove chega a lagarta,
A formiga e o bezouro
Vem tantos que a terra cobre,
Pois, a gallinha do pobre
O ovo que põe é gouro.

Consulta com a mulher
O que poderá fazer,
Ella diz:—plante um roçado,
Se Deus nos deixar colher,
Apura-se um dinheirinho.
Você compra um cavallinho,
Negocia mesmo pouco.
Elle faz o que ella diz,
E se for muito feliz,
Talvez ainda compre um porco.

O pobre tem a mania
Desde seus antepassados
De dizer: Christo foi pobre,
Mas foi pai dos desgraçados;
Diz ao filho não se empalhe
Lute na vida e trabalhe,
Tenha animo não se afflija
Pode Deus nos ajudar
Eu uma noite sonhar
E tirar uma botija.

Faz mais de dez mil promessas
A fim de viver melhor,
Não sei se os santos se enganam
Que cada vez fica peor,
Não blasphema, se consola
Do pouco que tem dá esmola,
E cada vez mais se atraza
Diz-lhe a mulher: Meu marido!

Você está quasi perdido
E foi caipora da casa.

Menino pobre e viuva
Qualquer pessoa os engana,
Viuva com casamento,
E menino com banana.
O pobre é facil enganar,
Com projecto de enricar ;
Engana-o como de facto,
Meu avô sempre dizia,
Sempre sempre repetia
Todo homem pobre é pato.

Ha um dogma na doutrina
Que nos trata da pobreza,
Ha outro tambem que diz,
Que no céu ha bem riqueza.
Os santos não eram pobres
Só se fala em santos nobres
Em S. Luiz rei de França,
Sò o pobre é que se arrisca.
Tendo S. Lazaro por isca
Para pegar esperança.

Dizem os padres que esmola
Bota no céu velho e moço,
Diz outro : esmola é vassoura,
Que nos deixa limpo o bolso.
Ouvir missa é devoção,
Presta se toda attenção

A missa, terço e novena,
Pode-se ganhar a palma,
Trabalha-se, salva-se a alma,
Mas a algibeira faz pena.

Por isso digo, a pobreza
Não pode ser bôa cousa,
Morre vae para o chão puro;
Tem o monturo por lousa.
Ao passo que o rico morre,
E tudo após d'elle corre
Lhe offerecendo seu prestimo;
Entretanto morre o pobre
Tudo de prazer se cobre,
Ri-se até o dia setimo.

A VIDA ALHEIA

O tempo está como vemos,
A crise ainda mais feia,
Sò se quer comprar fiado
E falar da vida alheia;
Tudo isto è profissão
Vadiar fazer, plantão,
Fumar beber aguardente
Eu não tenho o que fazer.
Vou ao menos me entreter
Na vida de algum vivente,
Nestes oitões de conventos,
Aonde faz sombra a tarde

Reune-se cinco, seis,
E o couro da gente arde,
Por vendas velhas quebradas
Quitandas inutilizadas,
Logar que se toma banho,
Sentam-se dous, tres, na areia
Alli sai da vida alheia
Lapos de todo tamanho.

Beira de rio, e bilhar,
Feira e loja de barbeiro,
Ajuntam-se os falladores
Vê-se alli o mundo inteiro
Em fundo de padaria
Matadouro e olaria;
Pedras que se lavam roupa
Alli formam uma sessão
No fim da reunião
Couro de gente da soupa.

Eu como temo o inferno
Fujo dessas synagogas,
Não quero que o povo diga
Que eu tenho a lingua das sogras;
Embora que eu veja alguém
Que nunca procedeu bem
Tudo que é ruim tem comsigo
Furta, bebe, joga e mente,
E um destes certamente
Não se parece commigo.

Desde de muito creança
Que eu abomino enredo
Conto ás vezes certas cousas,
Mas é pedindo segredo
Contei uma occasião
Que o vizinho era ladrão
E uma velha namorava,
Foi apenas o que contei
Ah! agora me lembrei
Disse que um padre roubava.

Uma vez eu conversando
Porem quase em caçada
Descobri uma viuva
Dessas de caixa encourada,
Rompi a chronica de um frade,
Descobri mais um abbade
Que andava com bizouragem
Assim não é acção feia
Que em fallar da vida alheia
Nunca pude achar vantagem.

Minha avó era mulher
Que só vivia na calma,
Quem a conheceu, diz hoje,
Os anjos te cuspam n'alma
Tinha o melhor coração
Não deixava confissão,
Toda vida confessou-se
Não dispensava um jejum,

Falso só levantou um
Por elle o pae enforcou-se,

Minha tia que creou-me
Era mulher santa aquella !
Nunca offendeu neste mundo
A um pinto sendo d'ella,
Era mansa como ovelha,
Trabalhava como abelha,
Frequentava casas bôas
E o que via se passar
Ella podia contar
A oito ou nove pessoas.

Porem estas que hoje vejo,
Teem as linguas de jornal,
Não guardam segredo algum,
Credo em cruz, pelo signal:
Não são como a minha tia
Que como santa vivia,
Só do ceu tinha lembranças,
Não dispensava um jejum,
Peccado só teve um
Foi matar duas creanças.



JOAQUIM FRANCISCO SANT'ANNA

(1877 a 1917)

Era natural de Camutanga, no Estado de Pernambuco. Era de côr preta. Deixou de ser agricultor para ser cantador, sabia lêr e conhecia praticamente alguns ramos das sciencias vulgares. A sua veia poetica era franca, o seu repente era facil e inspirado.

Diziam os cantadores seus contemporaneos que o negro Joaquim Francisco era invencivel!

Publico em seguida a descripção de uma lagôa feita por Joaquim Francisco.

Essa lagôa symbolisa uma fortaleza que é como o "Marco" e o "Castello" reductos inexpugnaveis, dos outros cantadores.

A DEFEZA DA LAGOA

Quero agora contar publicamente
Aos que apreciam minha lôa,
Descrevendo um trabalho que eu fiz
De um muro em redor de u'a lagôa
Que com elle cerquei famosos sitios,
E a terra amurada é toda bôa.

Fiz de arame uma ponte que atravessa
Bem por cima do muro da lagôa,
Onde ha quinze mil peças disparando,
Do terraço do meio até a prôa;
Treme a terra e os montes estremecem,
Com dez léguas não chega uma pessôa.

Alem desses perigos, a lagôa
Solta agua por nove sangradores,
Cada um tem em si uma bandeira,
Avisando a todos cantadores;
Os teimosos que não acreditarem,
Morrerão de pavor sem sentir dôres.

Da lagôa no centro ha uma machina
Que tem de cada lado um grande cano,
Salvando de meia em meia hora
Dando estouros iguaes aos do Oceano;
E só gastam p'ra disparar um tiro
Um minuto, e atiram todo o anno.

Cada cano tem cento e vinte balas,
O cantador que entrar topa revolta,
Baixam nuvens de cima dando estouros;
Faz correr velozmente a maré solta;
Se o cantor se livrar da tempestade,
Cáe no bloco de gelo e não mais volta.

Todo o muro é coberto de espéques,
A matta é medonha e muito escura;
Inchuy, capuchú, cobras, lacráos,
Mangangá, surrupeia, com fartura;
Com machado, alavanca, foice ou sucho,
Ninguem entra na grande embocadura.

Com escada no muro da lagôa,
O cantor que subir a queda é feia!
Cáe de bruços, no chão, o infeliz,

Com os dentes mordendo a grossa areia;
Quebra os dentes e a cara, estoura o bucho
E inteira não fica uma só veia.

A lagôa tem lobo e tem serpente,
Tem gibôia, tem tigre tem leão,
Capivara, queixada, onça vermelha,
Cascavel, jararaca, escorpião,
Gavião, aguia, abutre, *carcará*
Cobra d'agua, baleia e tubarão.

Tem a carapanan, o maroim.
Maribondo amarello e o pintado,
Tem formiga da preta e a saúva,
Carrapato miudo e o do gado;
Tem piólho, tem pulga e mucurana,
O cantor que entrar lá sáe desgraçado...

Na entrada do muro da lagôa,
De caboclos botei uma trincheira;
Tendo mais um vallado com cem braças
No sopé de uma grande cordilheira;
O cantor que for perto do vallado,
Soffre logo uma febre tremedeira.

Cem cachorros de fila ha na entrada
E um monstro chamado cão catende,
Tem um laço de arame pelos ares,
Se o cantor for voando o laço prende;
Pela terra não entra que não pode,
Cae nas garras do cão, não se defende.

O cantor que vier em *aroplano*
Da lagôa não vê os bellos lares
Porque o laço de arame o aprehende
E vae com elle rodando pelos ares;
A mucica que dá é tão medonha
Que o atira no meio dos altos mares.

Na lagôa tem mais um *mal-ssombro*
Que percorre, de noite, em todo lado;
O cantor que entrar por meio de reza,
Logo assim que chegar, fica assombrado...
E do ataque que soffre jamais torna
Se acaba batendo estuporado !

Cantador que teimar ir na lagôa
Ainda mesmo por um subterraneo,
Se encontra com o vallado de cem braças
Que tem agua do Mar Mediterraneo;
Não mais volta porque morre afogado
Num funil que a agua faz muito instantâneo.

E, no caso que escale o grande muro,
Se o laço o pegar, elle não sae;
E se acaso sair, o vento o tange
—Com cem leguas distante o cabra cae...
O diabo já está o esperando,
Leva o corpo e a alma, tudo vae !.,

Cantador que tentar ir na lagôa,
Arrenega da hora em que nasceu...
Pega logo a gritar por Satanaz,
Blasphemando e dizendo aqui 'stou eu !

Sou inimigo dos Santos e de Christo !
Se apresenta o diado e diz: é meu !

Cantor vendo a lagôa bem de longe,
Soffre dor de cabeça, febre e ingua;
Cria logo uma lepra pelo corpo,
Sua musa, em vez de crescer, mingua;
Incha os beiços, os olhos impapuçam,
Com uma sêde terrivel, secca a lingua.

O cantor que tentar chegar mais perto,
Atacado é de sarna e de gafeira,
Cria logo um cobreiro pelas costas
Que a ponta termina na muleira;
E encontrando uma ponta com a outra
Dá-lhe logo a doença batedeira...

Da lagôa o terreno é mui saudavel
Mas, é para cantor considerado;
Pode entrar na lagôa com seu dono,
Nada soffre e é muito apreciado;
Mas se for cantador de capoeira,
Na entrada se acaba o desgraçado.

La tem mais uma bomba de fumaça,
Defendendo o presente e o futuro;
Um cantor resolvendo entrar á força
Logo assim que excalar o grande muro
A fumaça da bomba sae de rôlo
E elle morre afogado no escuro.

Essa bomba está sobre um pedestal
Construido de bronze e de latão ;
No terreno tem minas de diamante,
De platina de ouro e de carvão,
Despejando materia combustivel,
Em um canto do muro ha um vulcão.

No principio do anno o clima é frio,
E no fim é bem quente e temperado;
O cantor que entrar pela frieza
Entreva e se acaba encarquilhado...
E entrando na epocha do calor
No vulcão morre logo asfixiado.

Os canaes da lagôa estão tomados,
Cantador lá não pode penetrar;
Inda mesmo encantado lá não entra
Porque tem a visão para o pegar;
Por vereda nenhuma elle acha entrada,
Nem na terra, nem n'agua nem no ar.

Ao redor do vallado da lagôa,
Luz nenhuma penetra, é muito escuro
Na entrada tem mais um sumidouro
Que alimenta o vulcão do pé do muro;
Se o cantor vier perto é attrahido
E querendo correr fica seguro.

Um cantor não penetra na lagôa,
Inda mesmo por meio de oração,
Porque o chefe da tribu dos caboclos
Com tal arte diabolica faz visão,

Que o pega por meio d'uma tragedia
E o atira nas chammas do vulcão.

Na lagôa atravessa um arco-ires
Que do sul ao norte é permanente ;
Desce a chuva das nuvens trovejando,
Faz a barra do lado do nascente,
Do vulcão a cratera solta fumo
Que escurece do lado do poente.

E por cima do laço da lagôa
Atravessa a fumaça do vulcão,
Alevanta o calor da athmosphera,
Apparecem o corisco e o trovão;
O cantor se assombra e morre louco.
Em vez de ir ao céu, procura o *cão*.

Preparei o terreno e a lagôa,
Fiz a bomba, o muro e o vallado,
Deixei dentro o vulcão e a grande ponte
E o laço nos ares sempre armado,
Os caboclos que guardam a cordilheira,
Cada um para a luta é adestrado.

Afinal os castigos da lagôa
Para todos cantores são demais
E se algum duvidar do que eu digo
E metter-se a entrar não volta em paz;
Se o cantor ha de ir nessa lagoa
E' melhor entregar-se a Satanaz.

ANTONIO BAPTISTA GUEDES

(1880 a 1918)

Antonio Baptista Guedes, nasceu em Bezerros, Estado de Pernambuco, criando-se na fazenda Riacho Verde, na Serra do Teixeira. Até a idade de 20 annos foi agricultor. Tendo fixado residencia no Recife em 1903, abraçou a profissão de cantador, tendo como mestre Silvino Pirauá. Cantando e negociando, vendendo livros ambulante, percorreu diversas vezes os Estados de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará. Era repentista e glosador, dotado de muita memoria tinha conhecimentos rudimentares de Historia Sagrada e Historia Universal.

Tendo fixado residencia na cidade de Guarabira, onde desempenhou, por algum tempo, o cargo de Delegado de Policia, abandonou a profissão de cantador e publicou varios folhetos de versos de sua autoria.

Publico em seguida uma longa peleja de Antonio Baptista com Germano da Lagôa, tendo Germano se dado por vencido, depois de ter discutido sobre a criação do mundo e a Historia do Brasil.

Baptista, tendo-o vencido, fez uma bella descripção da mythologia, mostrando conhecer a historia da fabula.

Apaixonado pelas cousas de sua terra natal, fazia sempre que encontrava-se entre conterraneos, em sua vida errante de cantor, longas e emotivas descripções de factos que os enchiam de enternecida saudade. Em Fortaleza, certa noite, ouvido por pessoas de alta representação social, fez sentida reseña de sua terra, o que lhe valeu calorosos applausos.

O leitor fará o merecido conceito a esse talentoso cantador.

Peleja de Antonio Baptista com Germano da Lagôa

Com Germano da Lagôa
Eu desejava cantar,
E fui á Santa Luzia
Com o fim de o encontrar;
A peleja que tivemos,
Vou nestes versos contar :

Germano cumprimentou-me
Com muita solitudine;
Dizendo:—Senhor Baptista,
Deus lhe dê boa saude;
Tenho o prazer de comsigo
Cantar hoje. Que virtude !

A.—Obrigado, senhor Germano,
Acceite tambem os meus
Votos de prosperidade
E saude, na paz de Deus;
E' isso o que lhe desejo,
A si e a todos os seus.

G.—Amigo Antonio Baptista
O senhor, que veio ver ?
Aqui na minha ribeira,
Veio comprar ou vender ?
E se vem desafiar-me
Faça favor me dizer.

A.—Germano, eu venho aqui
Só pela necessidade

Que tinha de conhecê-lo,
Lhe digo com lealdade :
Eu venho vender cantigas
Para comprar amizade.

G.—Senhor Antonio Baptista,
Me disseram em sua ausencia
Que o senhor é um cantor
De elevada competencia ;
Que respondia perguntas
Em toda e qualquer sciencia.

A.—Na informação que lhe deram,
Algun exaggero eu vejo ;
Mas como estamos cantando
Aproveite o bom ensejo
De fazer suas perguntas
Que respondel-as desejo.

G.—Pois seu Antonio Baptista,
Se tem memoria feliz,
Puxe por ella, e, não diga ;
Que avisal-o eu não quiz ;
Vamos ver se o senhor canta
Certo como o povo diz.

A.—pode cantar seu Germano,
En sentido descuberto
Que quando canto com mestres,
A's vezes tambem acerto ;

E já vi que p'ra cantar
Com o senhor, não me aperto.

G.—Seu Baptista não blasone
Que eu não creio em ditério;
Olhe que eu tenho elemento
P'ra derribar seu imperio;
Agora vamos cantar
Em um sentido mais serio.

A.—Já que o senhor diz assim
Descubra seu pensamento,
Reconheço que o amigo
Tem eloquência e talento;
Mas, saiba também que eu
Tudo o que disser sustentô.

G.— Não falle precipitado.
Pabulagem não é dote,
Cito-lhe o rifão antigo,
E o meu collega o annote:
“Nem com tanta fome ao prato,
Nem com muita sêde ao pote”

A.—Parece que o meu collega
Se enganou pela miragem,
Porque no meu cantar simples
Não existe pabulagem;
Mas, p'ra sustentar meus actos,
Nunca me faltou coragem.

G.—Senhor Baptista, em perguntas
Sou primeiro sem segundo,
E se a Historia Sagrada
Você a conhece a fundo,
Me responda em quantos dias
Deos formou todo este mundo.

A.—A Biblia Sagrada diz :
Em suas chronologias
De acôrdo com os prophetas
Abrahão, Moysés e Elias,
Que o Deos omnipotente
Creou o mundo em seis dias.

G.—Foi em seis dias é certo
Diz a Escriptura Sagrada,
Porem a sua resposta
Tem de ser mais explicada,
Conte os dias de-per-si,
Certinho, sem faltar nada.

A.— Deos, fez no dia primeiro
O ar e o sopro do vento,
No segundo, o firmamento,
E, o mar fez, no terceiro;
No quarto o sol ou luzeiro
Que a toda a terra alumia;
No quinto a alimaria,
Fez no sexto o sêr humano;
E o Grande Deos Soberano
Descansou no setimo dia.

G.— Sim senhor, a escriptura
Affirma que foi assim;
Mas, eu inda lhe pergunto
Porque não cheguei ao fim,
Me diga aonde Deus fez
P'ra Adão morar um jardim.

A.— Situou Deus o jardim
Lá entre os rios Phison,
O Tigre e o Euphrates,
E o grande rio Gehon;
E nesse jardim do Eden
Tudo o que tinha era bom.

G.— Estou sciente de que
Acertado respondeu,
Agora me diga qual
Foi o homem que nasceu
Primeiro de que seus paes
E a avó seu sangue bebeu?

A.— Foi Abel, filho de Adão,
Que nas mãos de Caim morreu
Os seus paes feitos por Deos
Nem um delles não nasceu;
Sua avó que era a terra
Do neto o sangue bebeu.

G.— É certo que os paes de Abel
Feitos por Deos não nasceram;
Mas quaes foram os dois prophetas
Que neste mundo viveram,

Se acham hoje no céu
E é certo que não morreram?

A.— Foram Enoch e Elias
Porque assim era preciso,
Serem com vida chamados
Para o santo Paraizo,
De onde só sahirão
No grande dia de juizo.

G.— Foram esses não errou;
Mas inda pergunto eu:
Na expedição de Coré,
Me diga o que succedeu?
E Noé o que fez primeiro
Quando da Arca desceu?

A.— Coré não acreditava
Dos santos na predição,
Por isso a terra enguliu-o
Com a sua expedição;
Noé ao descer da Arca
Deu graças a Deus então.

G.— Todas as suas respostas
Com a bíblia combinaram,
Até aqui vamos bem,
Os seus versos me agradaram;
Me diga de Adão a Christo
Quantos annos se passaram?

A.—Os autores chronologicos
Nos affirmam sem enganos,
De accordo com as tradições
Dos tempos diluvianos,
Contam de Adão até Christo
Quatro mil e quatro annos,

G.—Combino com o que me diz,
Porem, adiante inda vou;
Diga qual foi o vivente
Que neste mundo andou,
Serviu muito a Jesus Christo,
Morreu e não se salvou?

A.—Este, foi uma jumenta
Segundo o que está escripto;
Que carregou a Jesus
De Bethleem para o Egypto;
Alguns dos santos prophetas
Isso já tinham predito.

G.—Vejo que p'ra responder
Você tem boa theoria;
Mas, agora me responda
Com toda sabedoria,
O que é que Deus não vê
E o homem vê todo dia.?

A.—Isto não está escripto,
Mas, segundo os calculos meus;
Tudo a Deus é visivel
No mar, na terra e nos céos,

Mas o homem vê outro homem
E Deos não vê outro Deos.

G.—Estou de acôrdo, Baptista,
O senhor respondeu certo,
Mas agora em outro assumpto,
Eu nas perguntas lhe aperto;
Me diga agora por quem
O Brasil foi descoberto?

A.—Foi descoberto o Brasil
Por Pedro Alvares Cabral,
Commandava elle uma esquadra
Que vinha de Portugal;
E avistou casualmente
O grande Monte Paschoal.

G.—Sim senhor, foi isso mesmo,
Numa viagem que fez;
Porem diga-me em que anno,
Em que dia e em que mez,
Realisou-se esse feito
Desse grande portuguez.

A.—No anno mil e quinhentos,
A vinte e dois de abril,
Por esse grande almirante
Foi descoberto o Brasil,
Terra gigante da America,
Cheia de riquezas mil,

G.—Foi assim diz a historia:
Não pode ser reprovado,
Mas, esse almirante vinha
A isso determinado?
Preciso que meu collega
Deixe tudo isto explicado.

A.—Cabral ia para as Indias
Mas, tendo a rota perdido,
Só devido as ventanias
Que o tinham perseguido;
Avistou casualmente
Um paiz desconhecido.

G.—Respondeu certo, porem,
Eu prosigo em minha guerra:
Me explique todos os pontos
Que a nossa historia encerra:
Que nome Pedro Cabral
Deu a essa nova terra?

A.—Pero Vaz Caminha, escreve
Com muita verdade e luz,
Ao seu rei longa carta
Que toda historia traduz:
Nella, diz:- Cabral á terra
Deu o nome de Vera-Cruz.

G.—Vae respondendo direito
Sem faltar virgula nem til;
Responda-me outra pergunta,
Com sua verve subtil,

Se o nome éra Vera Cruz,
Porque chamamos Brasil?

A.-Este nome, diz a Historia
Se derivou da madeira
Do páo brasil, procurado
Pela industria tintureira,
Que foi a materia prima
Da exportação primeira.

G.-Até aqui o senhor
Respondeu correctamente;
Responda-me outra pergunta
No seu brilhante repente;
Se Pedro Alvares Cabral
No Brasil encontrou gente?

A.-O Brasil era habitado,
Pela indigena nação,
Sendo em mais de cem tribus
Dividida ella então:
Se ignora de onde veio
Dos indios a geração.

G.-Vejo que o senhor responde
Sem alarde; nem vêxame
E que as suas respostas
Não ha mesmo quem reclame
Me fiz de examinador
Devo approvar seu exame,

A.—Senhor Germano da Lagôa;
Lhe fico muito obrigado,
Pelo seu franco elogio
E por me ter aprovado;
Mas você veio buscar lâ
E foi quem sahiu tosquiado

G.—Estou certo, seu Baptista,
Que o senhor não canta ruim,
Mas, inda não fui vencido
Não deve pensar assim;
Eu já puchei por você
Agora puche por mim.

A.—Sinto não poder ser tanto,
Por me faltar theoria,
Porem convido o amigo
P'ra me fazer companhia,
Cantando mais uma hora
Sobre a Mythologia.

G.—Senhor Baptista, eu pergunto,
Na paz e bôa harmonia,
Faça favor, me dizer :
O que é Mythologia?
De que trata esta sciencia
Que o senhor me annuncia ?

A.— Mythologia é a Sciencia
Do tempo do paganismo,

Na antiga Grecia e em Roma,
Ella ja teve heroismo;
E' acceita como fabula
Por nosso Catholicismo.

G.—Não o posso acompanhar,
Por não conhecer a historia,
Mas lhe peço que prosiga
Puxe por sua memoria.
Cante só que eu me calo
Porque foi sua a victoria.

A.—Quando ouvi essas palavras
Fiquei muito satisfeito,
Notei que meu coração
Sorria dentro do peito.
Elle calou a viola
E eu prosegui desse geito:

Começo a explicação
Confiado em minha arte
Por Jupiter, Baccho e Marte
Que a Venus amava então,
Saturno, Rhéa, Plutão,
Vesta, cupido e Urano,
Cybelle, Minerva, Jano,
Amphitrite e Neptuno,
Mercurio, Diana e Juno,
Apollo, Céres, Vulcano.

Jupiter omnipotente,
Tendo o throno conquistado

Por ter seu pae expulsado
Do céo traiçoêiramente,
Porque de reinar somente
Era a sua pretensão...
Na maior constellação
Iris á terra desceu
E nas cores do arco seu
Deu-me a primeira lição.

Longe do mar de Neptuno
O cocheiro Phaetonte
Percorria o horisonte
No seu coche de tribuno;
De Amphitrite e de Juno
Tinha elle a protecção;
Apollo tendo na mão
Um livro de poesia,
Com prazer e galhardia
Deu-me a segunda licção.

Jupiter filho de Rhéa,
Foi n'uma ilha creado
Sendo alli allimentado
Pelo leite de Amaltéa;
Concebeu Saturno a idéa
De que o tempo era opportuno
Para o irmão de Neptuno
Fazer o seu casamento;
E nesse mesmo momento
Casou Jupiter com Juno.

Vulcano presenciou
Que Venus o atraçoava,
Porque Marte a amava ;
E a Jupiter se queixou
Seu throno então se abalou
Num alvoroço constante ,
Jupiter sempre arrogante,
Mandou depois da contenda
Vulcano forjar na tenda
Os raios contra o gigante.

No Olympo a deusa Lucina
Presidia o casamento
Era esta por seu intento
Da producção heroína ;
Da fuga de Proserpina
Ceres bem se resentiu ...
Porem Jupiter que viu
Chamou Ceres e Plutão,
Fez a paz em condição
E a alliança se cumpriu.

Cupido filho de Venus
Tido por deos do Amor
Era muito enganador
Com as settas de venenos ;
Apollo não era menos,
Morava no monte Pindo,
De lá um dia saindo
Vê Latona que dizia :

Grande é a sabedoria
Que fez Apollo tão lindo.

Minerva guia o trabalho,
Diana dirige a caça,
Neptuno aos mares se alça,
Vulcano. forja no malho;
Venus deu um agasalho
A Saturno fugitivo
Narciso encontrou motivo
De namorar seu semblante ;
Plutão um feroz gigante
Fez de Cérbero captivo.

Os quatro filhos da terra
Foram rebeldes sem par,
E tentaram desthronar
Jupiter em feia guerra,
Mas Elle no throno emperra
E com seus braços possantes
Lançava raios vibrantes,
Dando combates diarios ;
Venceu os adversarios
Com seus raios fulminantes.

Plutão querendo casar
Comsigo mesmo combina
Ir raptar Proserpina
E no inferno a desposar
Ceres sae a procurar
A sua filha querida

Indo encontral-a detida
No reinado de Plutão,
Sendo dessa região
A deusa reconhecida.

Saturno filho de Urano
Tinha um tão máo destino
Que do sexo masculino
Acabou o genero humano ;
Na Italia morava Jano.
Cybelle é deusa da terra ;
Marte era o deus da guerra
E'ra irmão da deusa Juno ;
O imperio de Neptuno
No oceano se encerra.

Sobre a mythologia
Canto inda uma noite inteira,
Contando dessa maneira
Dos deuses a gerarchia ;
Mas perto já vem o dia
E eu preciso descançar,
Vou a viola parar
E aos circumstantes peço
Que os erros do meu verso
Queiram todos desculpar.



MANOEL VIEIRA DO PARAISO

(1882 a 1927)

Manoel Vieira era natural de Guarabira no Estado da Parahyba. Vivia da agricultura. Fazia versos com alguma facilidade, e vendia nas feiras aos seus admiradores copias em traslado desses versos.

Em 1918 appareceu nos sertões grande quantidade de raposas atacadas de hydrophobia, tendo diversos sertanejos sido victimas de dentadas desses animaes

O poeta Manoel Vieira conta esse acontecimento, na poesia seguinte :

RAPOSA QUE MORDE GENTE

Leandro Gomes de Barros
No tempo em que vivia
Escrevendo os seus folhetos
A todo mundo dizia :
Que tempo ainda chegava
Que até raposa mordida.

E o tempo chegou
De forma damnada,
Não é caçoada
O que se passou,
O sertão se trancou
Todo amedrontado
E aperriado
Que faz pena e dó
A sorte *cotó*
Do amolestado.

A carestia damnou-se,
A guerra apertou o nó,
O kerosene subiu
Que nem cobra de cipó,
É a barriga do pobre
Já subiu para o gogò.

Que praga tyranna,
Meu Deos verdadeiro,
Pelo Joazeiro
Salva a raça humana,
Que ainda se engana
E cae no mondé,
Augmentae a fé
Que está enfraquecida,
Melhorae a vida
De quem vosso é.

Chita de dois e quinhentos
Hoje está custando seis;
Algodãozinho de pataca ?
É insulto do freguez,
Pois o logista inda diz :
Matuto seja cortez...

O pobre se aperreia
E o preço reclama,
O matuto exclama :
O' carístia feia !
E se resgateia
Mais algum tostão

Que o algodão
Alem de roubado
E de mal pesado
E' pago em prestação

E' um clamor em geral
Do brejo até o sertão;
Só se fala nas raposas,
Fazendo augmentação,
Uns com medo, outros mordidos,
E outros fazendo oração.

E nesse vae-e-vem
Não se tem abrigo,
Para o castigo
Que do alto vem;
No Joazeiro tem
Mais de mil mordidos,
Fora os escondidos
Pelo Padre Santo
Que não faz espanto
Dos acontecidos.

Essa praga começou
Devido a um nova-seita
Que dansando em um baile
Mandou pedir uma receita
Ao padre do Joazeiro
P'ra fazer dansa perfeita.

O padre respondeu
Que o que elle queria
Breve chegaria.
E como prometteu
Não se arrependeu,
Fez sua oração
Com tal contricção
E muito fervor,
E logo o clamor
Encheu o sertão.

Tinha uma velha no Assú
Que curava todo vivente,
A raposa appareceu lá
A velha passou-lhe o dente,
A raposa sahiu mordendo
Com veneno qual serpente,

Ganhou o taboleiro
Damnada, correndo
E foi se mordendo,
Em seu desespero,
Mordeu um vaqueiro,
E um porco brabo
Arrancou o rabo
De um novilhote,
E deu um pinote,
Levou o diabo.

Bem perto de Carapebas
Estava um samba formado:

Ha dois dias que dansava
O povo muito animado,
Quando uma raposa entrou
E fez um *sarceiro* damnado.

Quando foi chegando
Logo no terreiro,
Mordeu o porteiro,
E foi avançando,
Doida, espumando,
Foi ao tocador,
Mordeu um dansador
Que deu castanhola
Partiu-se a viola
Naquelle horror,

Correu gente na capoeira
Que nem preá em macambira,
Saia ficou em mulambo,
Camisa ficou em tira,
Aroeira p'ra um desses
Era molle como embira.

Mordeu uma grelha,
Um côco furado,
Um banco quebrado.
Alli de uma velha
Rasgou a orelha,
Saltou um bahú,
Mordeu um tatú,
E uma gallinha

E a bacurinha
De um tal Mandú.

Perto d'ali oito leguas
Ficou o matto empestado;
Calangro mordia rato.
Sapo mordia veado,
Maracajá mordeu porco,
Lagartixa mordeu gado.

E o nova-ceita
Que estava dansando,
Foi logo avançando
P'ra banda direita,
Mordeu uma sujeita
De um beiradeiro,
Partiu o candieiro,
Ficou renitente
E passou o dente
Até num rafeiro.

Uma velha tinha um filho
Ha oito annos doente
Em cima de uma cama,
Gemendo damnadamente,
Sendo mordido ficou
Mordendo que nem serpente.

Pulou do girau,
Mordeu o esteio,
Pegou o correio,

Que ia p'ra Macau
É um Nicolau
De Barro dos Reis
E mais um freguez
Chamado Camillo
E um tal Murillo
Da Silva Cortez.

Do Assú para o Jardim
A mordedeira é igual,
De Macau ao Siridó
Não escapou um curral
E tudo isso por causa
De um Nova-Ceita infernal.

Um bode doente
Mordeu um poldrinho,
E este um vizinho
Da mãe do agente,
Ahi de repente
A velha saltou.
Firmou-se e inguiçou
A cerca de arame
Com tanto vexame,
Que descadeirou,

A velha ficou no chão
Sem poder se levantar,
O que passava por perto
Ella tentava pegar

E quando nada mordia
Se damnava p'ra rosnar.

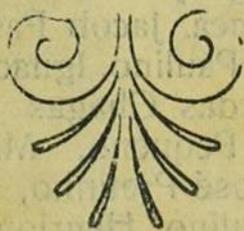
Depois criou aza
E se levantou,
Primeiro pegou
O povo da casa,
Mordeu logo a braza,
Dum tição de fogo,
Um pinto com gogo,
Um teju-assú,
Dalli p'ra o Assú
Não teve mais rogo.

Mordeu um tal seu Toinho
E este ficou damnado
Mordendo o povo na rua
De modo desesperado,
Que onde o dente passava
Ficava o rombo formado,

E desembestou
Doido e mordendo,
O povo dizendo,
A desgraça chegou
Elle alli tomou
Rumo da estação
Mordeu um irmão
D'um tal Porfiro
E este com um tiro
Botou-o no chão.

E assim dessa maneira
O sertão está empestado,
Tanto gente como bicho
Tudo está amolestado,
O povo não come carne
Nem de caça e nem de gado.

Que anno de guerra
Carestia e peste,
Aqui no agreste
Desgraçou a terra,
Todo povo berra
Contra a lagarta
E ninguem se farta
Só com o dinheiro,
Que p'ra o Joazeiro
Todo o povo parta.



João Melchiades Ferreira da Silva

(O cantor da Borborema)

João Melchiades, nasceu na cidade de Bananeiras, em 7 de Setembro de 1869. Sentou praça nas fileiras do Exercito Brasileiro, aos 19 annos de idade. Foi promovido a sargento, aos 22 de Setembro de 1893. Fez as campanhas : de Canudos em 1897, do Acre, em 1903. Mestrou a banda de corneteiros do 28.º Batalhão, em S. João da Barra, no Estado de Minas Geraes.

Tendo sido azylado, em 1904, veio residir no Estado da Parahyba do Norte, onde ainda hoje mora. Cantador e poeta de gabinete, tem escripto e publicado muitos folhetins de versos, sendo alguns destes de combate ao Protestantismo. Anualmente viaja pelo interior dos Sertões do Nordeste, vendendo os seus folhetos e cantando. Nunca foi vencido por outros cantadores; tendo disputado com os seguintes: Joaquim Jaqueira, Silvino Pirauà, Josué Romano, Zé Duda, Manoel Raymundo de Areial, Luiz Percino, Manoel Cabeceira, Olegario de Maria, Gaudencio Pereira, o cego José Sabino, Antonio Aragão; Baleia de Areia Branca. Jacob Passarinho, José Faustino, Azulão, André Paulino. Ignacio Mauricio, Manoel Norberto, Antonio das Chagas Bretão. Domingos Cardoso, Francisco Pequeno, Manoel Fura Pedra, Antonio da Cruz, José Pretinho, Wenceslau, Alexandre Victor, cego Paulino, Henrique Librineiro, Antonio Thomé, Josué da Cruz, Manoel Simão, Joaquim Francisco, Zé Pedro, Adelino Cypriano, José Juvenio e o celebre Preto Limão.

Publico em seguida alguns repentes do poeta Melchiades :



João Melchades F. da Silva
(O CANTOR DA BORBOREMA)

F
Sal
Bich
Cam
Moc
E q
Mer
Hon
Inve
O t
Que
E q
Do
Mu
Car
Rel
A e
A t
Mo
Vel
Te
Ca
En
To
Jan
Por

Repentes cantados ao som da viola

Fumo torrado é tabaco,
Sal de cosinha é tempeiro,
Bicho *traquino* é macaco,
Campeão de gado é vaqueiro,
Mochila comprida é sacco,
E quem faz pão é padeiro.

Menino grande é rapaz,
Homem sabido é doutor,
Inverno é tempo de frio,
O tempo quente é calor,
Quem vende é commerciante,
E quem caça é caçador.

Donzella é senhorita,
Mulher casada é senhora,
Cavallo é bicho de carga,
Relogio é quem marca hora;
A espingarda despara
A balla é quem vae embora.

Moça bonita é formosa,
Velha adulada é parteira,
Terreiro em rua é calçada,
Caminho em serra é ladeira,
Enrêdo é mexirico,
Toda bruxa é feiticeira.

Janella comprida é porta,
Porta pequena é janella,

Curral è prisão de vacca,
Porteira grande é cancella;
Casa é morada de gente,
Lingua de páu é *tramela*

Gravata de boi é canga,
Chale de besta é cangalha,
Quem corta panno é thesoura,
Faca de barba é navalha,
Cadeia é casa de presos
Mucambo é casa de palha.

Filha de rei é princeza,
Mulher de rei é rainha,
Gallo é cantor de Poleiro,
Franga que põe é gallinha,
Caldo de canna é garapa,
Massa torrada é farinha.

O queijo é massa de leite,
A carne é bom alimento,
Padre é doutor da Egreja,
Freira é moça de convento,
Quem ama quer muito bem,
Noivado é casamento.

Alumno é estudante.
Emquanto toma lição,
Politica é p'ra doutor
Tomar melhor posição;
Relampago é fogo electrico,
Zuada em nuvem é trovão.

Tecido é fabrica de panno,
Engenho central é Uzina,
Casaca é para quem pode,
Roupa de padre é batina,
Christão é da lei de Christo,
Bispo é chefe de doutrina.

Muita conversa é zuada,
Livro de jogo é baralho,
Os pés é quem deixam rastro.
Povo ocupado é trabalho,
Braza é carvão acesso,
Cinza de fogo é borralho.

Musica de burro é chocalho,
O pau que toca é viola,
Velho caduco é vovô,
Moço enxerido é pachola,
Serviço de sapateiro
E' fazer obra de solla.

No mangue mora o siry,
No peito mora a amizade,
Na bocca mora o pedir,
No coração a maldade,
Na alegria o sorrir,
Na infancia a mocidade.

No quintal mora o cachorro,
Mora o sapo na lagôa,
A onça mora na furna,
Mora o bague na cambôa,

O veado na floresta,
O portuguez em Lisbôa.

Na Europa o europeu,
Na África o africano,
Na Asia o asiatico,
Na America o americano,
No Protestante a soberba
Por causa do seu engano.

Mora o caixeiro na loja,
O retalho no balcão,
Mora o valor no dinheiro,
O metro na medição,
O orgulho na riqueza,
Na Pobreza a Humilhação.

Desafio de João Melchides com Claudino Roseira

R.—Amigo João Melchides
Recebi seu telegramme
Para vir cantar com sigo
Cheguei com muito vechame;
Esse é seu cabra Roseira
Quando canta dá exame.

M.—Roseira deixe de arrojo,
Cante com mais simplidez,
Em que você deu exame
Foi em latim ou francez?

Na palavra telegramma
Ja erraste o portuguez.

R.—Melchides inda não houve
Quem desse neste Roseira,
O cantador conhecido
No Belém, na Bananeira;
Conhece onde nasce o rio
Da agua derramadeira.

M.—Roseira eu me admiro
De tua geographia!...
Eu pensei que mais logares;
O collega conhecia;
E' só Belém e Bananeiras
A tua corographia?

R.—Melchides não me reprove
O meu saber ninguem toma
Este é Roseira fallado,
Um cantador de diploma
Parece dez missonaros
Quando estão pregando em Roma.

M.—Roseira não pense nisso
Que é uma grande fraqueza,
Diploma é para doutor,
Examinado em certeza;
Não é para um cantor tolo
Que flagella a natureza.

R.—Você porque não conhece
O cantar de seu Claudino,
Um cantor de regra inteira,
De um saber muito fino;
Cantador de meia cara
Canta commigo, eu ensino.

M.—Roseira se accomode
Commigo ninguem arenga,
Você quer ser muito fino,
Porem com tudo se denga;
Vá conhecer seu logar
Aleijado pé de quenga.

R.—Damnado tu só diz isto
Porque estou desarmado
Tu estaes é com inveja,
Porque eu sou estudado;
Quer se vingar em meu pé
Sem elle ser aleijado.

M.—Você porque não se enxerga
Anda com essa viola
Illudindo a humanidade,
Se fazendo de pachola;
Usa uma ou duas muletas
Que és digno de esmola,

R.—Não preciso de esmola
Porque sou um fazendeiro
Moro em propriedade,
Comprada com meu dinheiro;

Não sou como um cantor
Que vive sem paradeiro.

M.—Você tem um chão de casa
Nelle fez uma casinha
Tem dois pés de laranjeiras
E um chiqueiro sem gallinha;
Uma besta espaduada,
No quintal uma porquinha.

R.—Eu sou o grande Roseira
Aquelle cantor eleito
Conversa de presidente,
Barba de juiz de direito;
Honra de muié casada
Só faço verso bem feito.

M.—Sendo uma mulher casada
Honrada em bom sentido
Provando bem seu criterio,
Tem seu valor garantido
Sua opinião pairesse
Dessas que é falsa ao marido.

R.—Senhor Melchides respeite
Se quizer ser respeitado
Olhe bem que seu Roseira,
E' cantor considerado:
Sou um cantor do agreste
D'um saber muito elevado.

M.—Roseira estás enganado
Ou por outra illudido
Si saber fosse assim,
Todo mundo era sabido ;
O que você pensa é torto
Tudo que faz é perdido.

R.—Agora por desaforo
Eu quero lhe amostrar,
Que você em cantoria,
Peleja mais não me dar
Eu sou como cavallo bom
Quando pega a esquipar.

M.—Veja que ignorancia
O collega tem mostrado
Disendo que é um cavallo,
Marchador, domesticado,
Si tu fores bom para sella
Daqui eu sigo montado.

R.—Melchides trate melhor
A este Claudino Rosa
Carreira de besta féra
Saber de seu Ruy Barbosa
Trovão do mez de janeiro
Ventania temerosa.

M.—Roseira isso é um horror
Você não se considera,
Com esta barbaridade,
O seu cantar não prospera

Deseja ser Ruy Barbosa
E diz que é besta féra.

R.—Melchides você se cale
E não roube o meu direito,
Sou enxada de dez libras
Quando arrasto vem o eito,
Sou lingua de cão de fila
Que lambe qualquer sujeito,

M.—Roseira faça favor
No caso que poder ser,
Encurte mais sua lingua
Para ella não me lamber.
Que você é muito zanho
Pode tambem me morder.

R.—Melchides Roseira é
Mestre de bribioteca,
Carranca de onça tigre,
Olho d'agua que não secca,
Taba de dez mandamentos
Ou um trem que desabreca.

M.—Roseira esta pronuncia
Repare bem que perdeu
Bibliotheca sem l
Onde foi que você leu,
Se já encontrou escripto
Me diga quem escreveu ?..,

R.—Põrem o Roseira é
Base da gloria bem dita,
Um cabra de cara feia
Com uma pronuncia bonita,
D'um frasiado bem feito
Quem não viu não acredita.

M.—Você cante o que souber
Eu não lhe empato a vontade,
É tolo o homem que teima
Com sua burralidade,
Porque sua cantoria
É ruim de qualidade.

R.—Tambem cante o que souber
Eu do meo lugar não saio,
Sou quentura de curisco
Velocidade de raio,
Conheço por onde salto
E sei de que geito caio.

M.—Roseira você me diga
Qual é o anno sideral?
Qual é o anno civil
Qual o anno tropical?
Dê-me esta explicação
Tudo em ordem natural.

R.—Melchide eu já fiz estudo
Mais não prestei atenção,
Por viver muito occupado
Com a viola na mão,

Cantando de feira em feira
Afim de ganhar o pão.

M.—Amigo tú não disseste
Que eras um fazendeiro
Proprietario bastante
De terra, gado e dinheiro,
Eu já vi que o Roseira
É um espanta poleiro.

R.—Melchides eu já fui pobre
Mais hoje sou arrumado,
Doutores em minha casa
Algum já tem descançado
Elle mesmo sai dizendo
Que fora bem hospedado.

M.—Roseira você parece
Ter a cara de baralho,
Dois cantores uma noite
Chegaram de um trabalho,
Não dormiram em tua casa
Por não acharem agasalho.

R.—Isso é sua mentira
E do outro pareceiro.
Que em minha casa, cantor
Tem passado um mez inteiro,
Não faz despesa nenhuma
Anda engommado e no cheiro.

M.—Pois amigo Deus me livre
De hospedar-me em tua casa,
Quem nella se arranchar
Em vez de augmentar se atrasa,
Levando pouco dinheiro
De fome e sujo se arrasa.

R.—Porem o senhor não prova
Lá com minha visinhança,
Você só canta atacando
De outro a perseverança,
Mais não pode com Roseira
O esteio da segurança.

M.—Eu não posso com você
Que no cantar dessadora,
Se compara com o mar
Que não descança uma hora,
Diz que é cavallo bom
Porem é lerdo de espora.

R.—Eu digo e dou as provas
Sou amigo de Zè Duda
Café moca verdadeiro,
Cacáu da folha miuda,
Barbatão sem ver curral
Pordo de primeira muda.

M.—Que vantagem faz você
Querer ser um barbatão,
Poldro é filho de besta
Você diz que é seu irmão ?

Bicho com cara de gente
Assombra a qualquer christão.

R.--O Roseira aonde canta
Estala como um piston,
Sobe igual a o balão
Do grande Santos do Mont
Meu cantar é attrahente
Quem me escuta acha bom.

M.--Roseira vamos deixar
Esse cantar sem proveito,
Vamos cantar perguntando
Que eu fico mais satisfeito
Torna-se o cantar mais claro
E do povo mais acceito.

R.--Eu não canto perguntando
Porque já fiz meu estudo,
Do que existe no mundo
Eu já conheço de tudo,
Conheço vista de cego
Sei da linguagem do mudo.

M.--Roseira não desembeste
Que eu corro e lhe pego,
Bote estilo em seu cantar
Que seu direito eu não nego,
Como é a lingua do mudo,
Qual é a vista do cego?

R.—Melchides você não pode
Commigo em cantoria,
Vista de cego é a vara
Puchada na mão do guia
Lingua de mudo é aceno
O que você não sabia.

M.—Com cego você se arruma
Em sua litteratura
Mais a linguagem do mudo
Para você ella é escura,
Você não conhece mimica
Como quer fazer figura !

R.—Você porque nunca viu
Roseira n'uma questão
E' igual um redemuinho
Quando vem varrendo o chão,
Quebro pau, destelho casa
Peior que um furacão.

M.—Que vantagem leva você
Em destelhar casa alheia,
Quebrar pau varrendo o chão
Sem estar preso em cadeia,
Assim o collega estraga
Demais o lombo na peia.

R.—Melchides em sciencia pura
E' que sou estрупissado,
Serro mais do que serrote
Adepois de está travado,

Corto mais do que navalha
Que tem o gume afiado.

M.—Roseira estás conhecido
Por cantador idiota
Alem de velho és tolo
Alem de tolo fiota;
Vocẽ de pedir já tem
Um pé troncho e a cara torta.

R.—Melchides me trate bem.
Não seja tão atrevido,
Olhe minha qualidade
E' de um homem sabido,
Eu não aguento pilheria
D'um caboclo aborrecido.

M.—Tú me chamas aborrecido
Para mim és um flagello;
Agora tome cuidado
Vamos cantar um martello,
O pessoal quer ouvir
Quem é mais forte em duello.

R.—Com negocio de martello
Cantor não me atrapaia,
Eu aprecio a sciencia,
Em que um cantor trabaia,
Martello é cantoria
De cantor besta ou canaia.

M.—Você comeu duas letras
Matou o som deste nome,
Tirou o l e o h,
Sua sciencia tem fome;
Vamos entrar em martello
Agora sim, você come.

R.—Melchides se você quer
Sahir bem nesta cantada,
Não me converse em martello
Nessa regra relachada,
Se não eu quebro a viola
Na cara do camarada.

M.—Roseira por qual motivo,
Você não canta martello ?
Inventa uma valentia
Fica tremulo e amarello ?
Ou você canta ou apanha,
Ou por outra eu o flagello.

R.—Eu não canto desaforo,
Não faço gosto a mundiça,
Aqui só tem vagabundo,
E' quem tem disto cobiça;
Agora, fale no codigo
Que eu conheço justiça.

M.---Roseira você respeite
Aqui tem homem importante !...
Não é para ouvir pilheria
De cantor ignorante,

Use um pouco de moral
Não se faça tão pedante.

R.---Melchides esta canaia
Deste lugar Cajazeira,
Eu aqui não vejo homem
Para brigar com Roseira,
Aqui só tem cafageste
E cabra pé de poeira.

M.- -Roseira tenha juizo
Não queira agravar ninguém,
Você com tal disparate
Não pode sair-se bem,
Dê essa viola a um cego,
Cantar assim não convem.

R.---Melchides deixe de prosa
Com seu Claudino Roseira,
Que bota flor pela bocca
Igual a carrapateira;
Não vai ouvir desaforo
Pra dá gosto a cabroeira.

M.---Roseira você collega
É do reino animal,
Sua bocca não dá flor
Você não é vegetal,
E só não canta martelo
Por ter um fraco ideal.

R.---Eu só não canto martello,
Porque sou cantador fino
Se quer ouvir desaforo,
Pague a moleque ou menino,
Eu, por causa de martello
Inda serei assassino.

M.---Roseira cale essa bocca
Deixe dessa pabulagem,
Você não mata ninguém
Porque lhe falta a coragem,
E's um doido malcreado,
Loucura não é vantagem.



JOSÉ GALDINO DA SILVA DUDA

Nasceu em 1866

E' filho, da povoação de Salgado, no municipio de Itabayanna do Estado da Parahyba.

Foi almocreve durante alguns annos, tendo se dedicado a profissão de cantador, fixou residencia em Recife.

E' hoje, maior de 60 annos e, inda canta admiravelmente; a sua rima é facil e o seu verso é claro e inspirado.

Quasi todos os cantores contemporaneos o chamam de «Mestre dos Cantadores.»

Peleja de José Duda com Melchiades

José Duda—Senhores Parahybanos,
Hoje é chegado o dia,
Do cantor da Borburema
Me dizer em cantoria,
Qual é o melhor fundamento
Das bases da poesia.

Melchiades—José Duda eu lhe aviso
Como amigo e companheiro;
Você vem desafiar-me
Como um cantador guerreiro;
Depois não saia correndo
Em busca de Limoeiro.

J. D.—Eu te corto de rebenque
Si me botares defeito,
Procure palavra boa
Para me tratar com geito,
Quem vier cantar commigo
Tem que andar muito direito.

J. D.—Melchiades não me sujeito
A cantor de capoeira,
Se quer se bater commigo
Saia fora da trincheira,
Luto no campo da honra
Sem pilheria ou brincadeira.

M.— Este cantador gotteira
Está me fazendo raiva,
Pois eu ja cantei na sala
Do senhor coronel Paiva;
Elle me achou sabido
Como o Marquez da Gaiva.

J. D.— O conselheiro Saraiva
No Brasil foi grande vulto,
Mais eu não occupo phrase
Que tem o sentido occulto,
Cantador de meia cara
E' quem vive do insulto.

M.— Não quero pedir indulto,
Segundo o que me disseste,
Eu nunca levei em conta
Os cantores do nordeste,

Não respeito a outro homem
Quanto mais a um cafageste.

J.D.--- Nem eu a cantor da peste
Que quer cantar no menor,
Em vez de se dirigir
Cantando em termo maior,
Quer cantar o que não pode
Para se tornar pior.

M.---Eu só não canto melhor
Porque não acho com quem,
Ouvi dizer que Zé Duda
Estava cantando bem,
Como vive embriagado
Não vale mais um vintem.

J. D.--- Melchiades vamos adiante
Nesta peleja teimosa;
Os povos deste planeta
Têm historia amorosa,
Têm noticia commovente
Que acho muito penosa.

M.--- Me achei em guerra raivosa
Na linha do Batalhão,
Cahi de fome nos campos
Porque me faltou o pão;
Onde vi meus companheiros
Rolarem mortos no chão.

J.D.,--- Não fui a revolução
Porque não era soldado,
Mas, sabia da noticia
Do combate ensanguentado
O soldado na campanha
Fica logo flagellado.

M.--- Onde o combate era dado
As carroças na rodagem
Formigavam carregadas,
Como quem leva bagagem
A carga era defuntos
Em estado de *putrefagem*.

J. D.— O exercito com coragem,
Com armas e munição,
O general manda estender
Em linha de posição,
Então se trava o combate
Em defeza da nação.

M.— Mudamos de direcção
Que eu quero lhe mostrar:
Uns trabalhando em terra
E outros vivendo no mar
Que para ganhar a vida
Precisa o povo lutar.

J. D.— Por hora vamos cantar
O passado e o soffrimento,
Emfrentar o oceano
E' lutar com o tormento,

Quem vive a custa do mar
Estuda seu movimento.

M.— Conhecer rumo de vento
Quem sabem são pescadores
Dividem o mar em zonas
Pelos ventos sopradores;
Sem ter estudo de letras
Disso são conhecedores.

J. D.—O mar é cheio de vapores
Que têm seus commandantes,
Guarnecido por marujos
Que são os seus tripulantes;
Pois o commercio maritimo
E' feito por navegantes.

M.—Os heroes são triumphantes
Quando enfrentam o inimigo,
Levados pela coragem
Mergulham para o perigo;
E depois brilha no peito,
As glorias que teem comsigo.

J. D.—Eu sou cantor mais antigo
E Melchiades é recruta,
De vez em quando me ataca
Com uma façanha bruta,
Por causa de Barrabás
Dimas foi preso na gruta.

M.—Um tufão de força bruta
Levou Manuel Caetano
Junto com seu companheiro
Nas ondas do oceano,
Deixou os dois pescadores
Na jangada sem remo e pano.

J. D.—Melchiades me diga o anno
Que se deu esse tufão,
Que levou os pescadores
Com violento empurrão;
E depois diga se os naufragos
Ainda escaparam ou não.

M.—Foi em quinze a afflicção
Que Caetano soffreu,
Com quatro dias de fome
Seu companheiro morreu,
E na canoa quebrada
A jangada appareceu.

J. D.—Sempre no mar occorreu
Grande tormento fatal,
Infeliz do pescador
Quando cahir temporal
Fica perdido nos mares
Bordejando sem canal.

M.—Diversas vezes Caetano
Com muita fome partia,
Para comer o defunto
Que na jangada jazia,

Quando apalpava o cadaver
A vista lhe escurecia.

J. D.—Melchiades a cantoria
Está ficando penosa,
Vamos discutir sciencia
Ou historia amorosa,
Cantoria commovente
Vem se tornar desgostosa.

M.—Durante os oito dias
Nosso triste pescador,
Comia a roupa do corpo,
Com ova de voador,
Chegou na praia arquejando
Com quatro dias falou.

J. D. Quando havia imperador
Em tempos da antiguidade,
Tinha poder de matar
A nossa humanidade,
Os monarchas eram lobos
Com muita ferocidade.

M.—Governo e perversidade
Cortar pescoço a facção,
Lobo homem no poder
Havia em toda nação,
Matavam o povo enforcado
Por ter autorização.

J. D.—No tempo da escravidão
Quando se ouvia falar,
Num homem intelligente
O rei mandava matar
Para não inventar cousa
De fazer admirar.

M.—Zè Duda eu até aqui
Inda não tinha cantado,
Mas agora abra seu olho
Que o serviço vai pesado,
Vou lhe botar num estilo
Que você sae apanhado.

J. D.—Cantador precipitado,
Se tú tens obra escolhida
Carrega em cima de mim
Que tem de ser repellida,
Tu queres botar-me um cerco
Tua vontade é perdida.

M.—Você ainda duvida
Que eu não tenho talento,
Vou cantar a atmosphaera
E todo o seu movimento,
Descutindo sobre a chuva
E a monarchia do vento.

J. D.—O vento aqui no nordeste
Quando vem do occidente,
Queima as flores mata as plantas
E deixa a terra doente

Aonde esse vento sopra
Quem plantar perde a semente.

M.—O vento que é do levante
E' o terceiro cardeal,
Tem seus dois collateraes
Como clima natural,
Lés-nordeste e lés-sueste
São bom como o principal.

J. D.—O quarto vento cardeal
Na linha do occidente,
Faz produzir meteoros
E' húmido e friamente
Faz augmentar bem as flores,
A lavoura grandemente.

M.—Zè Duda o vento norte
Nos faz grande opposição
Porque não consente as nuvens
Soltar chuva no sertão,
Salvo quando o vento sul
Vai fastando a empurrão.

J. D.—Melchiades você pensava
Me açoitar no salão,
Mais perdeu o seu trabalho
Agora preste atenção,
Porque descrevendo a lua
Vou passar-lhe uma lição.

M.—No mesmo livro da lua
E' que eu quero lhe pegar,
Na lua de cada mez
Faça favor me explicar,
No crescente e no minguante
O segredo aonde estar?

J. D.—A lua no mez de Janeiro
Quando é no quarto crescente
As mulheres deitam gallinha,
Os homens plantam semente
E mergulham as manivas
Lavoura da terra quente

M.—As primeiras trovoadas
De Janeiro é fertilidade
De pastagem pelo campo,
Nos bosques esterilidade,
Agua e vento doentio
Contra o povo ha novidade

J. D.—Na lua de Fevereiro
Quando ouvires a trovoadas
E' morte de homem rico,
Anno de muita geada,
E' bom mudar laranjeira
Onde a terra é temperada.

M.—No crescente em mez de março
E' tempo de semear
Melão, morango e pepino
Milho e linho p'ra tratar

E' anno de muito vento
Se ouvires trovejar.

J. D.—Na lua crescente de abril
E' tempo de se plantar
Toda especie de hortaliças,
Os cortiços é bom limpar,
E' nos primeiros trovões
Que as uvas vão prosperar.

M.—No crescente da lua em maio
É tempo de se castrar
Bezerro carneiro e bode
Para poder augmentar;
No mingunte se faz louça
De barro para aturar

J. D.—No mingunte da lua em Junho
Vai se bater o feijão,
O povo está preparando
As vasantes no sertão;
Se planta fumo nos bréjos
Para colher no verão

M.—Zé Duda vamos parar
Por hoje a cantoria,
Eu aqui fico esperando
Que você venha outro dia,
Para cantarmos a lua
Na mesma cosmographia.

J D—Eu esbarro a cantoria
Porque tenho precisão
De viajar muito cedo
Para minha região,
Mas eu inda venho aqui
Findar a nossa questão.

M.—Eu fico em meu quarteirão
Esperando com cuidado,
Quando quizer pode vir
Porque eu sou traquejado
Quem pelega contra mim
Nunca tira resultado.



ANTONIO FERREIRA DA CRUZ

Nasceu em 1876

Antonio da Cruz, nasceu em 14 de Janeiro de 1876, em Riachão do Bacamarte — municipio do do Ingá, no Estado da Parahyba.

Até os trinta annos de idade, foi operario contra-mestre de tecelagem de uma Fabrica de Tecidos. Depois, dedicou-se á profissão de cantador. E' bom repentista e muito adestrado no martelo em decasyllabo. Tem publicado diversos folhetos, das suas producções poeticas.

Dispondo de muita verve, em Guarabira, por occasião de uma dessas loucuras das multidões suggestionadas por exploradores, elle, atacou o pseudo inventor do motu continuo com os seguintes versos :

Historia da machina que faz o mundo rodar

Morava na Parahyba
Lá nos confins do agreste
Um homem de pouca idade,
Que tinha saber por peste;
A ponto até de querer
Vencer o plano celeste.

Descrevo d'elle um tratado
De um mysterio profundo,
Que se for apparecido,
Tem de ficar sem segundo,

E' a tal machina inventada
P'ra fazer rodar o mundo.

Esse homem diz que vae
Certa machina preparar
Por meio de electricidade
Para o mundo rodar,
De accordo com a atmospheria
Derramando a agua do mar.

Chama-se Manoel Galope,
Nome que adquiriu
Devido essa vantagem
Que o povo lhe attribuiu,
E por ser muito andador;
Pois ao vento competiu.

Dizem que ainda menino,
Por duas vezes tentou
Pelo espaço sair voando,
Ainda experimentou,
Por meio de azas suppostas;
Porem não continuou...

Vendo que era impossivel
Ao céu poder subir
Ficou com a pretensão
De tudo querer descobrir,
Começou a andar no mundo
E até a ladrões perseguir.

Não houve logar esquisito
Que elle não percorresse,
Nem coisa mysteriosa
Que elle a não vencesse;
Nem sciencia nem idéa
Que elle a não conhecesse.

Aos 20 annos de idade
Teve um sonho demasiado,
Para perseguir ladrões,
Por um caminho desusado,
Conseguiu a tal viagem
E nisto ficou firmado.

No sonho entrou no matto
E uma serra encontrou,
Ali viu a grande furna
Por onde o ladrão entrou,
Seguiu pelo rastro delle
25 annos andou.

Chegou no final da terra
Da qual o segredo viu,
Deu com um certo lugar
E ao tal se dirigiu,
E' aqui o eixo da terra,
Foi o que elle attribuiu.,

Verificou bem o eixo
Aonde estava sentado,
Tirou de tudo o desenho
Com toda calma e cuidado,

Descrevendo o machinismo
Fez de tudo um apanhado.

Voltando para o agreste
Meteu-se na construcção,
De uma machina igual
Aquella que viu então
Quando no centro da terra
Fizera sua excursão.

No sonho elle ainda viu
Na bola do mundo inteiro,
Padre, estudante, doutor,
Lhe offerecendo dinheiro
Depois diziam a elle:
—Vamos com isso ligeiro!

No sonho elle fez a conta
Da somma que precisava,
Meteu-se a tirar dinheiro.
Até nas feiras andava,
Toda especie de mendigos,
Na dita machina jogava.

No sonho elle dizia:
—Qualquer um pode jogar,
Com um tostão tira um conto
Quando a machina rodar,
Os que jogarem commigo
Vão millionarios ficar.

Ahi, desperto do sonho
Começou a vacillar,
Sobre as idéas da machina
Como devia formar,
Dirigiu-se a população
Foi o dinheiro arranjar.

Então de posse dos cobres
Começou elle andar,
Adquirindo alguns socios
Em todo e qualquer logar,
Garantia um bom salario
Para o que nella jogar.

O que jogar seu dinheiro
Só esperance o ganhar,
Ha dois partidos no povo;
Um para acreditar
E o outro diz que a machina
Elle não pode formar.

Diz um, assim como o rei
Salomão pensou nascer,
Outra vez quando era vivo
Elle a machina ha de fazer,
Só se saberá no fim,
Quem for vivo tem de ver...

Outro diz : eu tenho fé
De ver a machina rodar,
Como a Enoch e a Elias
Nós esperamos voltar,

Assim tambem nós veremos
Ella no espaço dançar

Cego, aleijado e moleque,
Padre, doutor e soldado,
Inspector, Juiz de direito.
Commandante e delegado,
Tudo joga seu dinheiro
Esperando um resultado.

Matuto, senhor de engenho,
Praciano e mandioqueiro,
Do agreste ao sertão
Todos jogam seu dinheiro
Se um diz, elle é mentiroso:
Outro diz : é verdadeiro.

Na opinião do povo
Não tem quem possa mandar,
Faça ou não faça a machina
O povo tem que esperar.
Por que quem joga dinheiro
Só espera mesmo é ganhar.

Assim é que alguém pensa
Que no abysmo não cae,
Que quem não for no Joaseiro
Depois de morto inda vae,
Assim tambem é a crença
Que a dita machina sae.

Quando um diz: elle não faz,
Já outro fica zangado,
Dizendo: assim como Christo,
Morreu e foi resuscitado,
Elle tambem faz a machina
E meu dinheiro é lucrado,

Como Mahomét dos turcos
E el-rei D. Sebastião,
Que encantados no espaço
Subiram para a amplidão,
Tambem se verá a machina
Mover toda rotação.

O que é incredulo diz:
Elle é um explorador,
Se elle fizer a machina
O frio vira em calor,
Gafanhoto é secretario.
Burro se vira em doutor.

Diz o povo: vamos ver,
Pode ser que elle faça,
De um anno para outro
O tempo logo se passa,
Tem que vagar a noticia
Do sertão até na praça.

Diz alguém; Santos Dumont
Preparou o seu balão
Em todo nosso Brasil
Ninguem lhe deu attenção,

Porem a Europa approvou
A sua grande invenção.

Diz outro: Augusto Severo,
Tambem pensou de subir
Num balão até o ceo
Para com Deus competir,
Antes de chegar nas nuvens
Viu-se foi elle cahir.

Diz um: não tem a sciencia
De fazer machina falar?
E o telegrapho sem fio
Fala p'ra qualquer logar?
Assim tambem essa machina,
O homem pode formar...

Diz outro: eu sei que existe
Algum mysterio profundo,
O Lopes do Paraguay
Tambem quiz vencer o mundo,
Porem terminou vencido
Pelo D. Pedro segundo.

Diz um: já não se tem machina
De fazer o morto andar,
Sem ser preciso de esquiife
Nem o povo o carregar,
Assim tambem pode ser
Elle a machina apresentar.

Diz outro: Antonio Conselheiro
Determinou-se a brigar
Promettendo ao seu povo
Que havia de resuscitar,
Assim como elle fez isso
A machina tem de rodar.

O tal de Antonio Silvino
Dizia de bocca cheia
Que brigava com o mundo
Da cidade até aldeia,
Mas a sua arte diabolica
Não o livrou da cadeia.

Afinal no velho mundo
Breve ha de apparecer,
Velho virando menino,
Morto tornando a viver.
A terra criar lavoura
Sem ser preciso chover!...

No fim do mundo ha de vir
O capa-verde pregando,
Illudindo a quem for bôbo
Da parte delle ficando,
Talvez seja annuncio delle
Que já ande transitando.

Desta machina apparecer
Não ha quem tenha certeza,
Não só devido o preparo,

Como devido á grandeza,
Salvo se for um prodigio
Do autor da natureza.

Mas, é que Deus não consente
A um mancebo vagabundo
Conhecer o eixo da terra
Que faz rodar todo mundo,
Ainda sendo um seu servo
Não tem o saber profundo.

Luzbel foi aquelle anjo
Que de Deus tinha caderno,
E Deus confiou-lhe o throno
Como um pae recto e eterno,
Porem elle adiantou-se
Foi terminar no inferno.

Isto são segredos uteis
Que só vêm na escriptura
E muitos não acreditam
Porque têm a vista escura;
Quanto mais nessa tal machina
Que inda não s'tá segura,

Não posso crer que um homem
Que come carne e farinha,
Possa fazer essa machina
E depois ella sozinha
Rode todo o mecanismo
Deste mundo em sua linha.

Nada p'ra Deus é difficil
Mas, isso elle não consente,
Um homem mover o mundo
Do levante ao poente,
Faz causar admiração
A todo christão vivente

O mundo tem 5 partes
Com rio serra e pinaculo
Para mover o seu eixo,
Precisa um bom sustentaculo;
Isto depois vem tornar-se
E' num bonito espetaculo,

Voltemos agora ao homem,
Vamos ver sua *ingrizia*,
Vamos saber o que fez
Depois de uma romaria,
Da qual ainda não voltou,
Mas, voltará algum dia.

Elle juntou o dinheiro
De toda a população
Construiu a dita machina,
Com a melhor perfeição!
E disse: agora sou rico
Igual ao rei Salomão!

Quando elle findou a machina,
Achou o trabalho bonito;
Disse: enrico desta vez
No lugar em que habito...

Na primeira experiencia
Subio para o infinito...

Depois que elle subio
Ficou o povo olhando
Cantando Serena Estrella,
E o tempo foi se passando,
Ainda hoje não voltou,
Mas, o povo está esperando...

Voltará como o Virissimo
Da grande barca «Minerva»
E quando elle chegar
Trará dinheiro em conserva,
Ahi prova seu trabalho
Que ficará de reserva.

Quem não lhe acreditava
Vae lhe render homenagem
Porque ahi elle prova
Que não tinha pabulagem,
Pois, tem dinheiro de trouxa
Com sobra e muita vantagemem.

Antes do dia de juizo
A sua volta se verá
E entre festa desusada
O povo o receberá,
E um pobre para semente
Caçando não se achará..,

Mas, leitor eu aconselho
Que uses de precaução
E lembro que o Virissimo
Tambem fez a embarcação
E depois voou no espaço,
E pela mesma rotação.

Quem tiver o seu dinheiro
Vendo que já lhe faz mal,
Dê de esmola aos pedintes
Da feira e do hospital,
Que lhe servirá de gloria
Na vida espiritual.



ROMANO ELIAS DA PAZ

Nasceu em 1903

Romano Elias nasceu a 25 de Janeiro de 1903, no Município de Mamanguape. Adoptou, a profissão de cantor, em 1919. Tem cantado com os melhores cantadores da Parahyba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Tem escripto alguns folhetos de versos que, vende-os, ambulante, pelas feiras.

Romano tem bôa voz e improvisa com muita facilidade.

Neste livro o leitor encontrará uma longa pejeja de Romano Elias com o cantor azulão realizada em Fortaleza capital do Ceará.

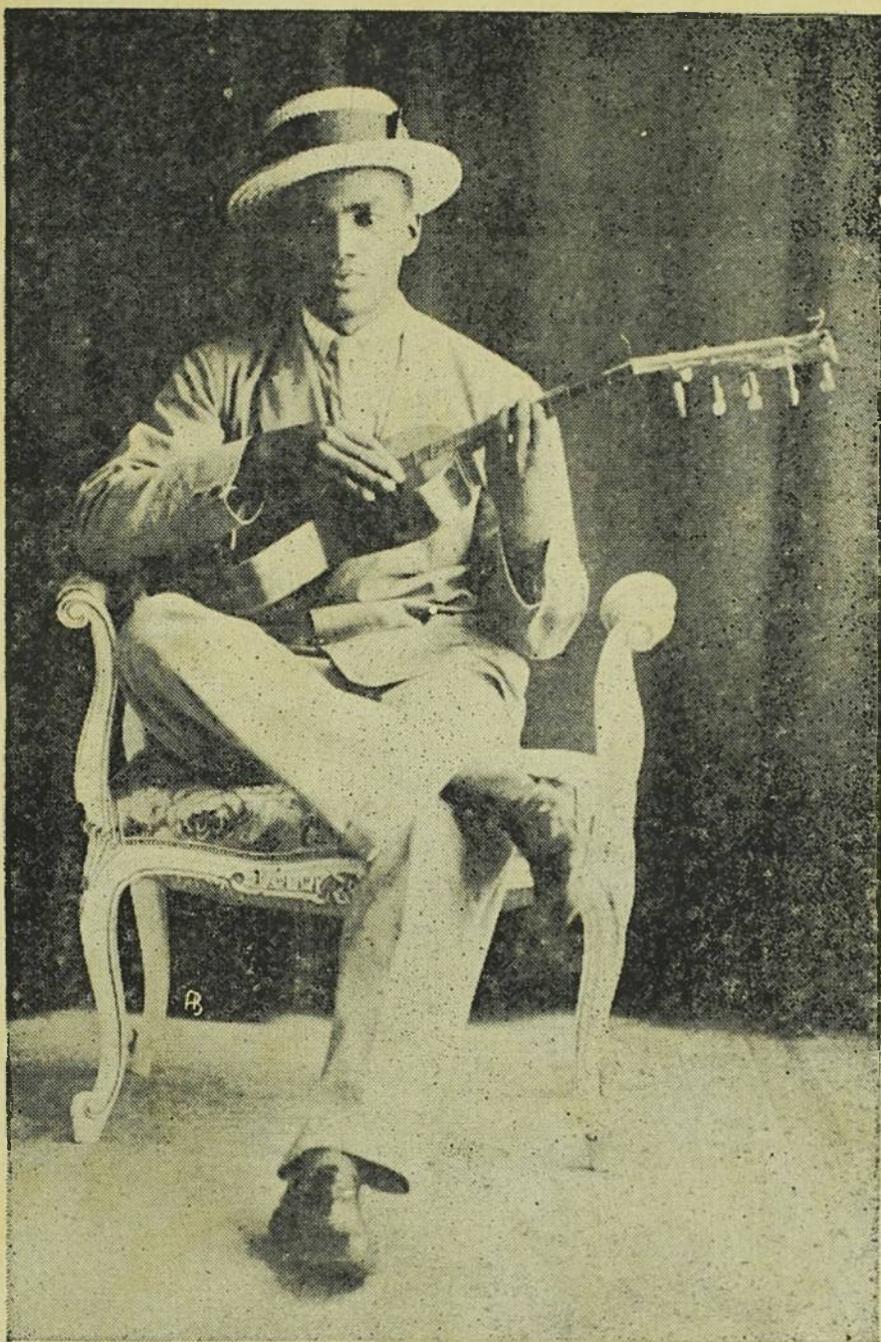
Azulão è natural de Pernambuco e residente no estado do Ceará

Versos de Romano Elias

AI, SE O PASSADO VOLTASSE!

Eu gosei, na meninice,
O quanto pode gosar-se;
Me lembro quando mamãe
Beijava na minha face!
Hoje, sozinho me vejo,
Sem carinho e sem beijo,
Ai, se o passado voltasse!

Quando eu tinha vinte annos,
Achava quem me adulasse
Achei moça que pedia



Romano Elias da Paz

O MAIS MOÇO DOS ACTUAES CANTADORES

Que
Hoje
Ellas
Ai, se
Eu n
Que n
Nunca
Que e
Hoje
Até a
Ai, se
Nunca
Que e
Nem
Que
Roma
Nem
Ai, se
Em p
Semp
Padr
Mand
Hoje
Não
Ai, se
Nunca
Que
Aqui

Que com ella eu me cazasse,
Hoje, não é mais assim,
Ellas galhofam de mim,
Ai, se o passado voltasse !

Eu nunca entrei em um baile
Que nelle eu não dansasse,
Nunca tirei uma dama
Que ella me engeitasse,
Hoje ellas não me acceitam,
Até as velhas me enjeitam,
Ai, se o passado voltasse !

Nunca encontrei poltro bravo
Que eu nelle não montasse,
Nem burro por ser manhoso
Que eu não amansasse;
Romano, hoje, não pode
Nem siquer montar num bode.
Ai, se o passado voltasse !

Em paquetes embarquei,
Sempre de primeira classe,
Padre, doutor, coronel,
Mandavam que eu cantasse,
Hoje, embarco na terceira
Não vejo nem a primeira,
Ai, se o passado voltasse !

Nunca encontrei rio cheio
Que eu não atravessasse,
Açude por grande e fundo

Que nelle eu não mergulhasse
Hoje, não tenho despacho
Nem p'ra saltar um riacho,
Ai, se o passado voltasse

Carne a cem reis o kilo
Se, ainda a gente comprasse,
Fazenda o metro a pataca.
Bôa, que nos agradasse;
O povo tinha prazer,
Ninguem pensava em morrer,
Aí, se o passado voltasse !

Si ainda no Commercio
O homem negociasse.
Como nos tempos antigos,
Fiscal, o diabo levasse;
Si não se pagasse imposto,
O mundo fazia gosto,
Ai, se o passado voltasse !

Eu vivo de cantoria,
Não é por necessidade,
E' porque amo a viola,
De cantar sinto vontade,
Os versos são os productos
De minha propriedade.

Peleja de Romano Elias com Azulão

Azulão--Peço atenção aos senhores
Todos que estão presentes

P'ra ouvir Azulão cantar
Com um cantor diferente,
Que só esperou por mim
Porque é muito innocente.

Romano—Peço licença aos ouvintes
Para expandir minha lyra,
E vencer este Azulão
Que acredita em mentira,
E veio cair num laço
Que nem o diabo o tira.

A.—Você porque nunca viu
Azulão velho assanhado,
Se ouvisse ao menos tratar
Aqui não tinha ficado,
Se alguém falasse em meu nome
Tinha de novo embarcado.

R.—Você chegou pelo trato
Porque não tinha sabido,
Se soubesse quem eu era
Tinha até adoecido,
Só chegava em Fortaleza
Quando eu tivesse saído.

A.—O senhor diga seu nome
E donde é o repentista,
Que o cantador não sabe
Do que anda em sua pista,

Veja que o nosso encontro
Hoje, é de primeira vista.

R.—Chama-se Romano Elias
Esse seu menor criado,
Parahybano legitimo;
Na capital baptisado,
Se duvida vá á igreja
E tire meu attestado.

A.—Agora estou sciente
Que tú és parahybano;
Azulão é teu visinho,
Do solo pernambucano;
Aonde chega a certeza
Desapparece o engano.

R.—Azulão eu lhe pergunto,
Nunca enganei a ninguem,
Como esperei por voce
Que de tão distante vem,
Cantar com Romano Elias
Qual é a intenção que tem ?

A.—Venho cantar com voce
Não é lá devido ao ganho,
E' porque uso dar surra
Sempre em cantador estranho,
Onde cansares eu passo,
Onde fores acompanho.

R.—Mais facil é o mar seccar,
Faltar festa na Bahia,
O diabo cantar missa,
Passar na cruz dar bom dia,
Do que Azulão vencer
Ao Romano em cantoria.

A.—Romano veja o que diz,
Tenha cuidado na vida,
O diabo cantar missa
E cousa desconhecida,
Se não for mentira sua
Já vi cousa parecida.

R.—Peguei hoje, sem querer,
O passaro preto Azulão,
Arranco penna por penna,
Tiro canhão, por canhão,
Quer voar porem não pode,
Fica saltando no chão.

A. Eu não temo a armadilha
Desde do ferro a embira,
Voce pegar-me é um sonho,
Deixar-me nú é mentira,
Que de Azulão uma penna
Voce pucha mas não tira.

R.—Eu ando em sua procura
Como animal por capim,
Moça nova por namoro,
Jardineiro por jardim,

Como urubú por carniça
E tamanduá por cupim.

A.—Mais facil é uma rolinha
Perseguir um gavião,
Gallinha comer raposa,
Um bode dar n'um Leão
Do que o senhor andar
A procura de Azulão.

R.—Eu não lhe engano Azulão
Pois, não tenho máu instincto,
Se você dourar eu douro,
Se você pintar eu pinto,
Nisto só tem uma cousa
Você mentindo eu não minto.

A.—Se você quebrar eu quebro,
Se você torar eu toro,
Se estudar eu estudo,
Se decorar eu decoro,
O que tem é uma cousa:
Você chorando eu não choro.

R.—Se você soltar eu solto,
Se você pegar eu pego,
Se você disser eu digo,
Se você negar eu nego,
O que tem é uma cousa:
Você cegando eu não cego.

A.—Se você voltar eu volto,
Se voce seguir eu sigo,
Se voce quiser eu quero,
Se voce ligar eu ligo,
Nisto só tem uma cousa
Voce brigando eu não brigo.

R.—Voce secando eu séco,
Voce inchando eu não incho,
Voce comendo eu como,
Voce trincho eu trincho,
O que tem é uma cousa:
Voce rinchando eu não rincho.

A.—Se você cortar eu corto,
Se você serrar eu serro,
Se você furar eu furo,
Se voce ferrar eu ferro,
O que tem é uma cousa:
Voce berrando eu não berro,

R.—Voce chegando eu chego,
Voce não indo eu não vou,
Você perdendo eu ganho,
Voce apanhando eu dou,
O que tem é uma cousa:
Voce é doido, eu não sou.

A.—Se você partir eu parto,
Se voce sair eu saio,
Se voce brincar eu brinco.
Se desmaiar eu desmaio,

O que tem é uma cousa:
Voce caindo eu não caio.

R A.—Voce pensando eu penso,
Voce girando eu giro,
Voce botando eu boto,
Voce tirando eu tiro,
O que tem é uma cousa:
Voce virando eu não viro!

A.—Se voce andar eu ando,
Se voce correr eu corro,
Se voce pedir eu peço,
Se socorrer eu socorro,
O que tem é uma cousa:
Voce morrendo eu não morro.

R.—Se você medir eu messo,
Se voce pesar eu peso,
Se voce cantar eu canto,
Se voce resar eu reso,
Nisto só tem uma cousa:
Voce lesando eu não leso.

A.—Romano vamos mudar
Esta nossa cantoria,
Cantar-se um pouco em sciencia,
Ver quem tem mais theoria,
Com relações á cantar
Sobre a chorographia,

R.—Azulão eu te explico
O que é chorographia,
E' uma parte tirada
Da nossa geographia,
Assim dizem os chorographicos
Como na carta annuncia.

A.—Então assim voce diga
E não queira fazer greve;
O que é chorographia
Visto que voce se atreve,
Portanto assim o amigo
Conte o que ella descreve.

R.—Chorographia descreve
Um paiz ou um Estado,
De qualquer região do globo
Dar o significado,
Veiga Cabral e mais outros
Tem por ahi publicado.

A. Sobre a minha pergunta
O senhor respondeu bem,
Me explique a chorographia
Que sciencia nella tem,
O que ella nos declara
Sem precisar de ninguem.

R.—Potamographia é a sciencia
Que devemos estudar,
P'ra conhecermos os cabos,
Melhor se justificar,

D'uma grande ponta de terra
Que se estende pelo mar.

A.— Romano voce parece
Ser um grande entendedor,
Responde correctamente
O que pergunto ao senhor
Fale na Nezographia
Explicando o seu valor.

R.— Nezographia é uma parte
Que faz uma descripção
Da ilha correctamente;
Ilha é uma porção
De terra cercada de aguas
Em sua circulação.

A.— Todas as partes se tiram
Da nossa geographia
O senhor diga o que
Descreve a geologia,
Já bem vê que não dizendo
Já perdeu na cantoria.

R.— Geologia é a sciencia
Que estudamos o solo
Sobre o ponto de vista
Reconhecendo seu polo,
Com os seus terrenos basicos,
Eu por saber me consolo.

A.— Sobre a orographia
Romano o que você diz,
O que é que voce descreve
Alem do nosso paiz?
Pois eu sò falo no páu
Quando conheço a raiz.

R.— Orographia descreve
Physicamente as montanhas
E verticaes regiões,
Com figurações estranhas,
Azulão se d'essas cousas
Tu não souberes te acanhas.

A.— Romano para que serve
A tal vulcanographia,
O que pode descrever
A parte limnographia?
De-me alguma explicação
Sobre a potamographia.

R.— Vulcanographia é,
Que trata sobre os vulcoes;
Potamographia trata
Dos rios e relações;
A limnographia trata,
Dos lagos e dimensões.

A.— Romano, nesse artigo
Qualquer cantor não lhe vence,

Tambem dar em Azulão,
Isto o collega não pense;
Agora vamos tratar
Sobre o solo Cearense.

R.—Azulão, de qualquer forma
Quer ir você progredindo,
Procura multiplicar
E não vai deminuindo;
Dê começo ao Cearà
De per si ou, resumindo.

A.—Me responda se conhece
O que pergunta Azulão,
Ceará com quaes Estados
Faz sua limitação?
Eu só fico satisfeito
Se disser elles quaes são.

R.—O Ceará se limita
Pelo Norte e Nordeste
C'o o oceano Atlantico,
O Rio Grande, a leste,
Sul, Pernambuco e Parahyba,
Piauhy ficando a oeste.

A.—Os limites explicou-me
Com uma certeza pura,
Que kilometros tem elle
De comprimento e largura?
Desejo ficar sciente
De sua literatura.

R.—Kilometros de norte a sul
Quinhentos e noventa e seis,
Quinhentos e dois de largura,
Diz quem a medição fez,
Se acha que é mais ou menos
Vá medir por sua vez.

A.—Romano você responda
Com sua musa altaneira,
Sobre a configuração
Dê-me uma resposta inteira ;
Ceará quantos kilometros
Tem sua extensão costeira?

R.—Tem seiscentos kilometros
De costas o Ceará,
Da foz do Rio Mossoró,
Na chorographia está,
A' barra do São João,
Se me duvida é ir lá.

A.—Eu não preciso de ir,
Acredito no camarada,
Mesmo a chorographia
Tenho quasi decorada,
Me diga a capital
Em qual tempo foi fundada.

R.—Em mil seiscentos e quarenta
E nove fôra fundada

A capital do Estado,
Sendo bem edificada;
Hoje, na epocha presente
Está muito adiantada,

A.—Romano eu já conheci
Que o senhor vai e vem,
Vamos nós dois descrever
Quantos municipios tem,
Neste solo cearense
Visto você cantar bem.

R.—Tinha oitenta e nove
Municipios com o Crato,
Mais quinze foram supressos
Já vê que nesses não trato,
Quem de oitenta e nove tira
Quinze, fica setenta e quatro.

A.—Temos nós setenta e quatro
Municipios no Estado,
Hoje, na actualidade
Dos quaes estou bem lembrado,
Dê começo e justifique
Que não fique prolongado.

R.—Começo por Fortaleza,
Barbalha, Crato e Ipú,
Cascavel, Cedro, Icó,
Massapê, Paracurú,
Sobral, Lages e Sant'Anna,
Pentecoste, Acarahú.

A.—Tem São Bernardo das Russas,
Granja, Palma Quixadá
Ubajara, Aurora, Sôres.
Bôa viagem, Tauá,
Itapipoca, Viçosa,
Maranguape e Pungá.

R.— Pedra Branca, Pacatuba,
Aquirás, Aracaty,
Campo Grande, Independencia,
Sant'Anna do Cariry,
São Francisco, Araripe,
Missão Velha, Pacoty.

A.— São João de Uruburetama
Santa Quitéria e Pereiro,
São Pedro do Cariry,
Caratheús, Limoeiro,
Tamboril, Morada Nova,
Campos Salles, Joaseiro.

R.— São Pedro de Ibiapina,
São Benedicto, Cuité,
Lavras, senador Pompeu,
Varzea Alegre e Canindé,
Brejo dos Santos, Milagre,
União, Baturité.

A.—Ipueiras, são Matheus.
Guaramiranga, Jardim,

Saboeiro, Redempção,
Laranjeira, Camocim,
Araçoiaba, Iguatú
E o Quixeramobim,

R.--Só falta agora Assaré,
E Jaguaribe Mirim,
Temos Maria Pereira,
Dos Municipios é o fim,
Azulão me diga agora
Voce o que quer de mim.

A.—Todo o solo cearense
Ja vi que voce conhece,
Se formos descrever tudo
Até alguém se aborrece?
Vamos ver se em martello
Ou eu, ou voce padece.

R.—Azulão se tu soubesses
Quanto eu gosto de martelo
Tinhas pedido as alviçaras
Quando falasse em duello,
Veja o malho e bata a safra
Tempere bem seu cutello.

A.—Sou cantor feito em todos os martellos,
Conhecido do mundo em todas zonas,
No Perú, no Pará no Amazonas,
Nas fronteiras' nos circulos paralellos;
Nos salões illustrados, nos castellos,
Nos palacios, nos reinos, nos imperios,

Nas assemblêas e nos ministerios,
Nos terrenos do mundo em todo solo,
No sul, no norte, no ultimo polo :
Em os climas, limites, e Hemispherios.

R.—Tenho fama em todas capitaes,
Em São Paulo e Santa Catharina,
Rio Grande do Sul e Therezina,
Alagôas, Sergipe e Goyaz,
Em Matto Grosso e Minas Geraes,
Rio, Espirito Santo e Pará,
Amazonas, Maranhão e Ceará,
Rio Grande do Norte e Parahyba,
Pernambuco, Bahia e Curitiba
Capital do Estado Paraná.

A.—Se eu pegar um cantor pela guela
Com dois annos elle inda mostra a roncha,
Uma perna quebrada e outra troncha,
Um caroço em cima da espinhella,
Um tumor em cada uma canella,
Um braço doente outro aleijado,
Um olho sem ver, outro furado
Uma orelha rasgada, outra rompida,
Uma mão machucada, outra ferida,
Um pé torto e o outro machucado,

R.—Venho aqui só tomar-te este terreno,
Se tem mais cantador me apareça,
Pois, se eu der-lhe um murro na cabeça
Garanto que você fica pequeno;

Se for branco da cor fica moreno,
Se for homem contente fica triste,
Cantor como voce não me resiste
Ainda mesmo que cante muito bem,
Só não canto é doença com ninguem
Cantor fraco me vê; mas não me assiste.

A.—Levo o tempo a dar surra em cantador
Que esta classe só presta é apanhando,
Se curva em meus pés pede chorando,
Me chamando papae e meu senhor,
Me pedindo na sala por favor
Azulão me perdoe o desaforo,
Quando eu digo ao collega lá vai couro,
Elle grita aos saltos e aos pinotes,
Se destaca de dentes dando botes,
Toma relho calado, engole o choro.

R.—Azulão, eu em roda deste globo
Tenho ordem dada pelo Eterno,
Ao cantor mais sabido eu governo
Quanto mais a você que é leso e bobo,
Ainda sendo valente como um lobo
Soffrerá palmatoria e muito *reio*;
Dou tacada que corta palmo e meio,
Ficas magro, amarello e sem futuro,
E o povo dizendo eu o desconjuro
Toma figa nojento, bicho feio.

A.—Minha vida no mundo é um consolo,
Onde eu canto sou sempre apreciado,

Mesmo assim já estou acostumado
Em dar surra e exemplar o cantor tolo,
Dou bofete em cantor que vejo a rolo,
Com 2 annos elle inda se acanha,
Você canta commigo mais não ganha
Dou-lhe queda no chão que o bucho estora,
Morre o corpo e a alma vai embora
Se voltar nesta terra ainda apanha.

R.—Um chicote de couro eu carrego
Para dar em cantador intrometido
Que se mete na sala a ser sabido
Se correr é peor porque eu o pego
Dou-lhe logo nos olhos deixo-o cego
Arretalho-lhe o couro sem preguiça
Deixo a carne cortada p'ra linguiça
Dou-lhe um unto de louco com pimenta
Que elle fica uma cousa tão nojenta
Que só serve para criar mundiça



ANTONIO CORRÊA BASTOS

Antonio Corrêa, nasceu em Mogeiro, do Estado da Parahyba, em 1887. E' machinista e carpinteiro. Apesar de não ser cantador de profissão e ter poucos conhecimentos das letras, é bom repentista.

Publico em seguida uma peleja que elle teve com o cantador João Benedicto,

A. C.---Senhor João Benedicto
Que veio ver neste lugar?
Foi illudido por alguém,
Ou foi por pouco pensar?
Está desgostoso da vida
E quer mesmo se acabar?

J. B.---Vim porque tive noticia
Que eras bom cantador;
E que aqui na capital
Estavas sem competidor;
Quero ter disso a certesa,
E te mostrar meu valor.

A. C.—O senhor só fala assim
E' porque vive enganado;
Se contra mim se destina,
Diga em que está confiado?
Que eu lastimo a sua sorte
E o seu triste resultado.

J. B.—Senhor Antonio Corrêa,
Deixe desse seu orgulho;

Pabulagem é uma cousa
Que se atira no basculho;
Você procura embrulhar-me
Mas é quem vai no embrulho.

A. C. Benedicto, eu fiz um forte
Guarnecendo esta cidade,
Onde ha perigos enormes
Com grande rigoridade,
Aqui prendo cantadores,
Sem escolher qualidade.

J. B.—Antonio, eu nunca encontrei
Forte que eu não destruisse,
Nem pezo que eu não erguesse
Perigo que eu não investisse,
Nem cantador de seu geito
Que uma hora me resistisse.

A. C.—O forte ninguem derriba,
Que eu fiz muito seguro;
Em largura tem cem braças,
Só a parede do muro;
Fiz assim por segurança,
Prevenindo o meu futuro.

J. B.—Essa tua fortaleza
E' bastante eu me encostar,
Botarei ella por terra,
E depois que eu derribar,
Faço as minhas transações
E em paz hei de voltar.

A. C.—A estrada do sertão
Que atravessa o Sanhauá.
Cantador que se atrever
Passar p'ra o lado de cá,
Cae nas unhas de um gigante.
Que o lipuida mesmo lá.

J. B.—Eu derribando o forte
Se o gigante me enfrentar
Com tenção de dar-me fim,
Com um murro hei de o matar;
Caso você esteja em casa,
Trate de se *arretirar*

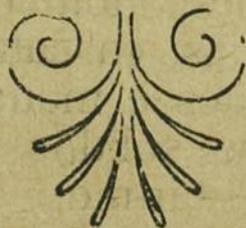
A. C.—Se você escapar desse perigo,
E vier atacar de frente a mim,
De uma forma ou de outra leva fim,
Porque tem de encontrar outro castigo;
Um carcere escuro muito antigo,
Ficará lhe servindo de prisão;
Logo ahi perde a sua pretensão
E começa na vida o seu soffrer,
E, se acaso tardares a morrer,
E's lançado nas chammas de um vulcão.

J. B.—Tenha lá os perigos que tiver
Não me assombra, p'ra mim tudo é asneira
Tudo eu vencerei na brincadeira,
Você traga o reforço que trouxer,
Tenho geito p'ra tudo que quizer;
O seu plano para mim será errado;

Se vier atacar.me com soldado,
Inutiliza-se a sua munição;
Com dynamite derribo-lhe a prisão
E no vulcão eu o deixo sepultado.

A. C.—Se escapares te prendo em alçapão
Que da face da terra vae ao centro;
Infeliz do cantor que cahir dentro
Nunca mais elle sae dessa prisão!
Ninguem delle terá mais compaixão,
A desgraça lhe dá logo um aviso
De que será total seu prejuizo;
Se despeça dos filhos e mulher,
E a algum camarada que tiver,
Diga adeus até dia de juizo.

João Benedicto è natural dos brejos da Pa-
rahyba, reside na villa de Esperança; apesar de ser
quasi analphabeto é bom repentista.



PELINO GUÉDES

Pelino Guédes é natural dos sertões da Parahyba do Norte; ainda moço, mudou-se para o Rio de Janeiro onde tixou residencia.

Foi no Rio que Pelino escreveu a inspirada e sentimental poesia "Recordações do Sertão", que vai publicada nas paginas a seguir.

Apezar de elle não ser um poeta popular, inseri aqui, o seu poema por se tratar de versos genuinamente sertanejos e que pela sua belleza poetica servem de chave de ouro para encerrar este livro.

RECORDAÇÕES DO SERTÃO

Oh! que saudosas lembranças
Que profundo sentimento
Refluem nesse momento
No meu triste coração;
Só tenho no peito a sombra
Das minhas perdidas flores,
Saudades dos meus amores
Recordações do sertão;

Oh! serras, valles, montanhas,
Rochedos, penhas, cascatas,
Florestas, bosques e mattas,
Genios máus das solidões!
Vinde, vinde visitar-me,
Minh'alma por vós suspira,
Geme por vós minha lyra,
Nas suas tristes canções.

Oh ! azuladas campinas,
Jardins de minha existencia;
Alli minha adolescencia
Passei em sonhos gentis...
Qual criancinha travessa,
No cume das serranias
Ao sopro das ventanias,
Em busca das juritys.

Oh ! quantas flores esparsas
Nas fraldas daquelles montes,
Quantos suspiros nas fontes,
Das brisas ao perpassar,
O vento geme na gruta,
A onça abala a cascata,
O touro estremece a mata,
A rôla estremece o ar,

Erguem-se alem os rochedos
Sombrios, alcantilados,
Cujos pincaros nevados
Parecem de ouro e crystaes;
Lá onde brincam os bodes
A' tarde aos saltos berrando,
Onde se occultam rosnando
De noite os maracajás.

Canta na varzea o craúna,
No curral berra o garrote,
Salta o preá no serrote,
Aos gritos dos bentivis;

Vagam no campo os pastores,
Nos pateos os bezerrinhos,
Nos valles os cordeirinhos
Nos prados os collibrys.

Ainda uma vez, quizera,
Nas penedias e mattas,
Ouvir o som das cascatas
E as vozes do furacão
Orchestra de harpas agrestes
Cujos devinos accentos
Vibram as nenias dos ventos
Uivando pela amplidão.

Sim ! eu quizera de novo,
Como outr'ora inda criança,
Cheio de vida e esperança
De crença, de luz, de amor;
Fruir sonhando as delicias
Daquelle campo odorante,
A' sombra refrigerante
Das oiticicas em fior.

Quem me dera, se eu pudesse
Pelas encostas dos montes,
Ver inda beber nas fontes
O beserrinho a berrar,
Da tempestade o rugido,
Do jumento o feio ornejo
E o grito do sertanejo
Nos campos a vaqueijar.

Ainda uma vez sosinho
Visitaria as campinas,
Aquellas verdes collinas,
Aquelles lagos gentis;
Em cuja face argentina
Tantas vezes delirante
Retratei o meu sémblante
Contemplando os pastoris.

Em tardes de primavera
De brisas frescas serenas,
Aquellas saudosas scenas
Ah! quem me dera rever;
A' sombra dos joazeiros!
No sopé das cordilheirás
Contemplando as ipueiras,
Onde o gado vae beber.

Ah! nessas horas saudosas
Quando o menino aboiava,
Eu nos mourões me assentava
Da porteira do curral...
A's vezes, tambem cantando,
Para ver quando voltavam
As vaccas que alli pastavam
Nos arredores do val.

Era tambem nesse instante
Que a seriema cantava,
Emquanto o tetéo gritava,
Fugindo dos furacões;

E que as serpes venenosas,
Traíçoeiramente agarradas,
No ar passavam enroscadas
Nas garras dos gaviões,

Ah! quem me dera um momento,
Naquelles valles sombrios
A margem daquelles rios,
Que descem lá do sertão...
Ao ronco das cachoeiras
Quando a chuva alaga o prado,
Ver nas collinas o gado
Saltando ao som do trovão.

Oh! como é bello no inverno,
Quando o vaqueiro á carreira,
Persegue a vacca ligeira,
No seu campeão audaz!
Parece rubro curisco
Das ventanias nas azas,
Do chão arrancando brazas,
No seio dos mattagaes.

E quando em grutas medonhas
Se encontra o toiro bravio
Saltando á margem do rio
Em busca do boqueirão,
Como é sublime a victoria,
Das serras no despenhado,
Quando o vaqueiro encourado
Derriba o touro no chão.

Oh ! quem não deseja ao menos
Gozar na vida um momento,
Do doce contentamento,
Que alli se desfructa então;
Só quem não presa o sublime
Da innocencia e da pureza;
Só não ama á natureza
Quem nunca foi no sertão.

Cante quem quizer as luzes,
As riquezas, as vaidades,
Que se encontram nas cidades
Que se ostentam nos salões;
Para mim têm mais encantos
Essas festas soberanas,
Que se fazem nas choupanas
Dos filhos das solidões.

E quando no pateo immenso
Da casa dos fazendeiros,
Vão se avistando os vaqueiros
Já regressando do val;
Como é bello comtempla-os
Audazes, loucos, feridos
Com os gibões todos rompidos
Guiando o gado ao curral.

Fui contemplando essas scenas,
Na solidão isolado,
Cantando o céu estrellado
E as mattas virgens em flor..,

Foi no sussurro das fontes,
No alfar da rola gemente,
Que ouvi o som innocente
Da voz do primeiro amor.

Foi nesses sitios agrestes
A minha mansão de outr'ora...
Lá onde o regato chora
E se ouve a ave cantar...
Foi nessas rochas tristonhas,
Que eu vi como as fontes nascem
E vi que as flores renascem
Sem ser preciso plantar.

Foi então que eu vi que as aves,
De paixão também perecem,
Como as roseiras fenecem,
Se o orvalho do céu não têm;
Beijam-se os rios e os mares,
Beijam-se as arvores e as flores,
Porque de beijos e amores,
Como nós, vivem também.

Ah! meu Deus quanta innocencia
A vida do campo encerra,
Alli não fulmina a guerra
Nem reina a vil traição;
As feras são menos bravas,
Nos homens ha mais pureza
Na vida, ha mais singeleza,
Mais vigor na criação.

Alli, a terra é mais fertil,
E' mais vasto o firmamento,
E' mais livre o pensamento,
As crenças têm mais fervor,
Os proprios astros, mais luzes,
Os ares mais harmonias,
Os cantos, mais melodias,
Os corações, mais amor.

Ha mais fragancia nos prados,
Nas florestas mais frescura,
Nos bosques, mais formosura,
Nas campinas, mais verdor ;
Ha mais meiguice nos valles,
Ha mais ternura nas fontes,
Ha mais belleza nos montes,
Ha mais perfume, na flor,

Se o céu me ouvisse, eu quizera
Rever de novo as campinas,
Aquellas verdes collinas
Que eu tanto desejo ver...
As aves que eu vi cantando,
As fontes que eu vi gemendo
Os rios que eu vi correndo,
As flores que eu vi nascer.

Mas dessas scenas risonhas,
Desse meu sonho innocente,
Conservo apenas na mente,
Tristonha, e pallida flor...

Eis porque guardo saudades
Desses idilios queridos,
A causa dos meus gemidos
A origem da minha dôr.

Tenho saudades das selvas,
Das borboletas dos campos,
Das luzes dos pyrilampos,
Que vagueam na escuridão ;
Do eterno bramir dos ventos,
Corceis bravios que correm.
Rôlas dolentes que morrem
Gemendo na solidão.

Tenho saudades dos valles,
Das serras, das cordilheiras,
Das fontes, das cachoeiras,
Do aroma dos roseiraes ;
Das flores mortas no campo,
Do cordeirinho innocente,
Aos raios do sol luzente,
Perdido nos bamburraes.

Do echo das arapongas,
Do triste gemer das emas,
Do canto das seriemas,
Do grito das araquans ;
Dos periquitos jandaias,
Dos papagaios falando,
Das sericoias voando,
Da voz das maracanans.

Tenho saudades de tudo,
De tudo guardo a lembrança,
Mas, já o sol da esperança
Não brilha em meu coração ;
Só tenho no peito as sombras
Das minhas perdidas flores,
Saudades dos meus amores
Recordações do sertão.

Ah ! meu Deus fazei que eu goze
Inda um momento dos sonhos,
Celestes, meigos, risonhos,
Da minha quadra infantil ;
Eu quero morrer cantando
O berço dos meus amores,
O céu, o campo e as flores
Dos sertões do meu Brasil.

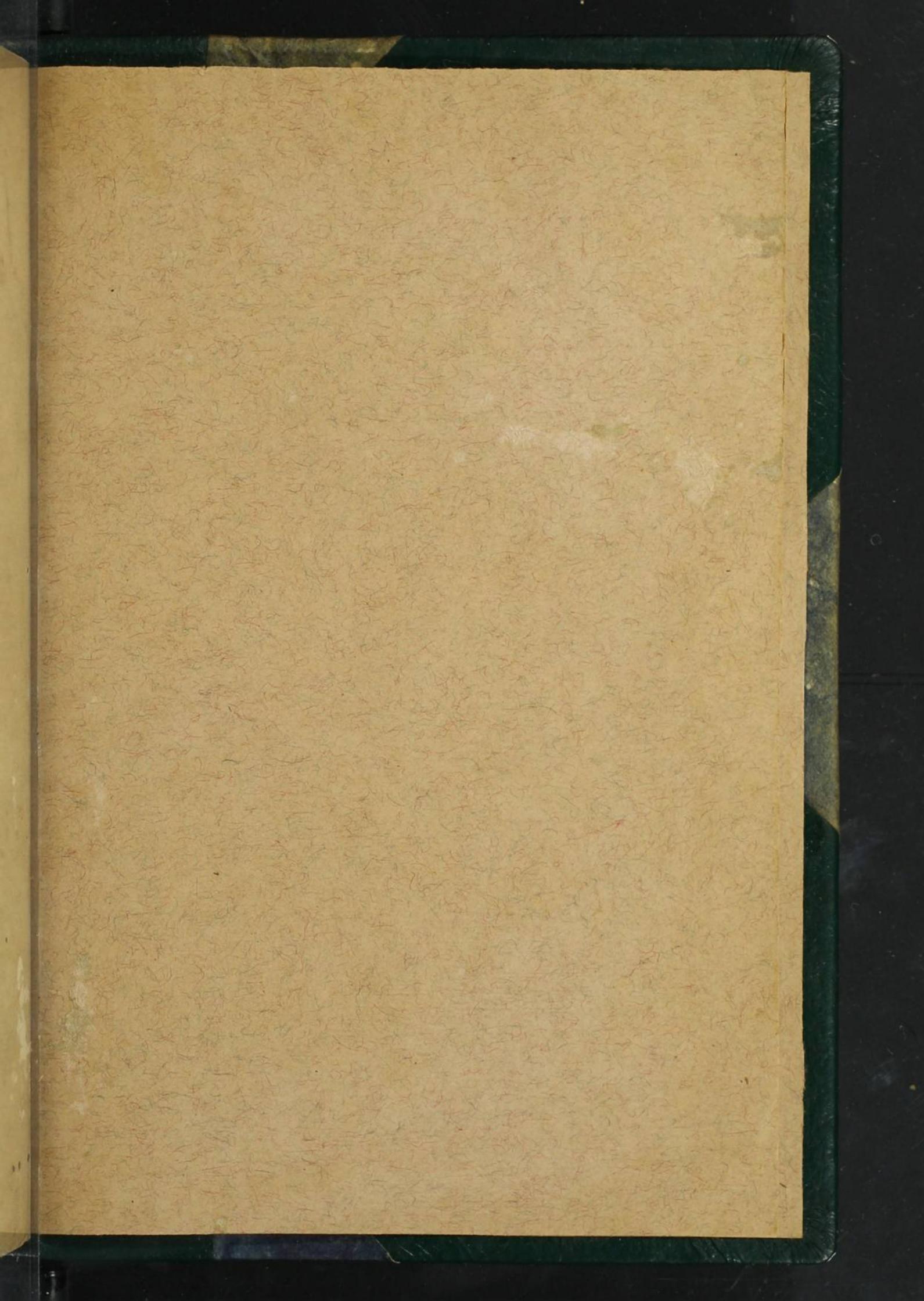


INDICE

Agostinho Nunes da Costa	Pagina	3
Nicandro Nunes da Costa	»	6
Bernardo Nogueira	»	30
Ugolino Nunes da Costa	»	46
Francisco Romano	»	57
Germano da Lagôa	»	75
Manoel Cabeceira	»	88
Silvino Pirauá Lima	»	96
Leandro Gomes de Barros	»	114
Joaquim Francisco Santa'Anna	»	143
Antonio Baptista Guédes	»	150
Manoel Vieira do Paraiso	»	167
João Melchiades F. da Silva	»	176
José Galdino da Silva Duda	»	195
Antonio Ferreira da Cruz	»	209
Romano Elias da Paz	»	222
Antonio Corrêa Bastos	»	242
Pelino Guédes	»	246

3
6
30
45
57
75
88
96
114
143
150
167
176
195
209
222
242
246

80/10



11286

